

"TEM TUDO QUE UMA GAROTA QUER EM UM VERÃO."

Sarah Dessen

sempre *teremos*
o verão

JENNY HAN





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



<https://www.facebook.com/juliocwmacieli>

juliocwmacieli@gmail.com

Sinopse:

Sempre Teremos o Verão

Belly só se apaixonou por dois garotos, os dois com o último nome Fisher. Depois de ter namorado Jeremiah nos últimos dois anos, ela tem quase certeza que ele é sua alma gêmea. Quase.

Conrad não esqueceu do erro que ele cometeu quando ele deixou Belly ir, enquanto Jeremiah sempre soube que Belly era a garota certa pra ele. Então quando Belly e Jeremiah decidem tornar seu relacionamento eterno, Conrad percebe que é agora ou nunca – conta a Belly que ele a ama ou a perder para sempre.

Belly vai ter que decidir seus sentimentos por Jeremiah e Conrad, e aceitar a verdade que ela sempre soube: ela vai ter que quebrar um dos dois corações.

Nome Original: We'll Always Have Summer

Autora: Jenny Han

Sempre Teremos o Verão

Nas quartas-feiras à noite, quando eu era pequena, minha mãe e eu assistíamos musicais antigos. Era algo nosso.

Algumas vezes, meu pai assistia também, mas geralmente era eu e minha mãe no sofá com um cobertor e uma bacia e pipoca salgada com leite condensado, toda quarta. Nós assistimos The Music Man, West Side Story, Meet Me in St. Louis, todos que eu gostava. Mas não havia nenhum que eu amasse mais do que Bye Bye Birdie. De todos os musicais, Bye Bye Birdie era meu número um. Eu assistia de novo, de novo, quantas vezes minha mãe pudesse aguentar. Como Kim MacAfee¹, eu queria usar rímel, gloss e saltos, e ter aquele sentimento de “mulher adulta”. Eu queria ouvir os garotos assobiando e saber como me sentiria. Eu queria ser como a Kim, porque ela tinha todas essas coisas.

Depois disso, quando era hora de dormir, eu cantava “Nós te amamos, Conrad, oh sim, Nós te amamos. Nós te amamos, Conrad, e tudo será verdade”, de frente para o espelho do banheiro, com a boca cheia de pasta de dente. Eu cantava com o coração, aos oito-nove-dez anos de idade. Mas eu não estava cantando pra Conrad Birdie. Eu estava cantando pro meu Conrad.

Conrad Beck Fisher, o garoto dos sonhos da minha pré-adolescência.

Eu só amei dois garotos - os dois com o último nome Fisher. Conrad foi o primeiro, e eu o amei de uma maneira que você só pode fazer quando é a primeira vez. É aquele tipo de amor que não sabe como as coisas funcionam e não quer saber. É de deixar tonto, é bobo, é forte.

Aquele tipo de amor que só acontece uma vez.

E então veio o Jeremiah. Quando eu olhava o Jeremiah, eu via passado, presente e futuro. Ele não conhecia só a garota que eu costumava ser. Ele conhecia a garota que eu era agora, e ele me amava mesmo assim.

Dois grandes amores. Eu acho que eu sempre soube que um dia eu seria Belly Fisher. Eu só não sabia que ia acontecer desse jeito.

1 Personagem do musical da Broadway Adeus, Amor (1963)

Capítulo Um

Quando é semana de provas finais e você está estudando por cinco horas seguidas, você precisa de três coisas para você atravessar a noite. O

maior Slurpee que você puder encontrar, metade Coca e metade cereja.

Calças de pijama, do tipo que foram lavadas muitas vezes, elas são como tecido de papel fino. E, finalmente, pausas de dança. Muitas pausas de dança.

Quando seus olhos começam a fechar e tudo que você quer é a sua cama, parar para dançar vai fazer você atravessar tudo isso.

Eram quatro da manhã, e eu estava estudando para a prova final do meu primeiro ano na Finch Universidade. Eu estava acampada na biblioteca do meu dormitório com a minha nova melhor amiga, Anika Johnson, e a minha velha melhor amiga, Taylor Jewel.

As férias de verão estavam tão perto, eu poderia quase sentir o gosto.

Apenas cinco dias mais. Eu estava contando desde abril.

"Questione-me", Taylor ordenou, sua voz áspera.

Abri meu notebook para uma página aleatória. "Definir anima contra animus".

Taylor mordeu o lábio inferior. "Dê-me uma dica."

"Umm... pense Latim", eu disse.

"Eu não estudei Latim! Vai ter Latim neste exame?"

"Não, eu só estava tentando lhe dar uma dica. Porque na América nomes de meninos terminam com o e os nomes de meninas terminam com a, anima é o arquétipo feminino e animus é o arquétipo masculino. Entendeu?"

Ela soltou um grande suspiro. "Não. Eu provavelmente vou errar." Olhando para cima de seu notebook, Anika disse: "Talvez se você parasse de enviar mensagens de texto e começasse a estudar, você não faria isso."

Taylor olhou para ela. "Eu estou ajudando minha irmã mais velha com o plano de nosso café da manhã de fim de ano, então eu tenho que estar de plantão hoje".

"De plantão?" Anika pareceu divertido. "Como um médico?"

"Sim, como um médico", Taylor estalou.

"Então, vai ser panquecas e waffles?"

"Pão francês, muito obrigado."

Nós três estávamos na mesma classe de calouros de psicologia, e Taylor e eu tínhamos provas amanhã, Anika no dia seguinte. Anika era minha melhor amiga na escola, assim como Taylor. Vendo como Taylor era competitiva por natureza, era uma amizade um pouco ciumenta, não que ela irá admiti-lo, nem em um milhão de anos.

Minha amizade com Anika era diferente da minha amizade com Taylor.

Anika era descontraída e fácil de conviver. Mais do que isso, porém, ela me dava o espaço para ser diferente. Ela não me conhecia por toda a minha vida, então ela não tinha expectativas ou preconceitos. Havia liberdade nisso. E ela não era como qualquer um de meus amigos de casa.

Ela era de Nova York e seu pai era um músico de jazz e sua mãe era uma escritora.

Um par de horas mais tarde, o sol estava nascendo e lançando no quarto uma luz azulada, a cabeça de Taylor estava baixa, enquanto Anika estava olhando para o espaço como um zumbi.

Enrolei duas bolas de papel no meu colo e joguei em minhas amigas.

"Pausa de dança", eu cantava. Eu fiz um pouco de trepidação na minha cadeira.

Anika olhou para mim. "Por que você é tão jovial?"

"Porque," eu disse, batendo palmas. "Em apenas algumas horas, tudo estará terminado." Meu exame não era até uma da tarde, assim meu plano era voltar para o meu dormitório e dormir um par de horas, depois acordar com tempo de sobra e estudar um pouco mais.

Dormi demais, mas eu ainda consegui mais uma hora de estudo, eu não tive tempo para ir ao salão de refeições para o café da manhã, então eu só bebi uma Coca-Cola de cereja de máquina.

O teste foi tão difícil como esperávamos, mas eu tinha certeza que eu iria conseguir pelo menos um B. Taylor tinha certeza que ela não tinha falhado, o que era bom.

Ambas estávamos cansadas para comemorar, portanto, apenas nos cumprimentamos e seguimos nossos caminhos separados.

Voltei para meu quarto, pronta para ficar fora do ar, pelo menos até à hora do jantar, e quando eu abri a porta, Jeremiah estava dormindo na minha cama. Ele parecia um menino quando ele dormia, mesmo com a barba por fazer. Ele estava deitado em cima do meu edredom, seus pés pendurados sobre a borda da cama, meu urso polar abraçado em seu peito.

Tirei meus sapatos e me arrastei em minha cama grande ao lado dele.

Ele se mexeu, abriu os olhos e disse: "Oi".

"Oi", eu disse.

"Como foi?"

"Muito bom."

"Bom". Ele soltou Mint Junior e abraçou-me como ele. "Eu trouxe a outra metade do meu sanduíche de almoço."

"Você é doce", eu disse, enterrando a cabeça em seu ombro.

Ele beijou meu cabelo. "Eu não posso ter a minha menina pulando refeições a torto e a direito."

"Foi apenas o café da manhã," eu disse. Pensando bem, eu adicionei, "E o almoço."

"Você quer meu sanduíche agora? Está na minha mochila."

Agora que eu pensei sobre isso, eu estava com fome, mas eu também estava com sono. "Talvez um pouco mais tarde," eu disse, fechando os olhos.

Em seguida, ele caiu de costas para dormir, e adormeci também.

Quando eu acordei, estava escuro, Junior Mint estava no chão, e os braços de Jeremiah estavam ao meu redor. Ele ainda estava dormindo.

Nós tínhamos começado a namorar antes de começar o último ano do ensino médio. "Namoro" não era bem a palavra certa para isso. Nós apenas estávamos juntos. Tudo aconteceu tão facilmente e, tão rapidamente, que parecia como se tivesse sido sempre assim.

Um minuto éramos amigos, então nós estávamos nos beijando, e então, eu estava indo para a mesma faculdade que ele. Eu disse a mim mesmo e a todos os outros (incluindo ele, incluindo especialmente a minha mãe) que era uma boa escola, que era apenas algumas horas de casa e fazia sentido me inscrever lá, que eu estava mantendo minhas opções em aberto. Todas essas coisas eram verdadeiras. Mas a maior verdade era que eu só queria estar perto dele. Eu o queria em todas as estações, e não apenas no verão.

Agora, aqui estávamos, deitados ao lado um do outro, na minha cama, no meu dormitório. Ele estava no segundo ano, e eu estava terminando meu primeiro ano. Era uma loucura quão longe havíamos chegado. Nós nos conhecíamos por toda a nossa vida, e de certa forma, isso parecia uma grande surpresa, de outras maneiras parecia inevitável.

Capítulo Dois

A fraternidade de Jeremiah lançou uma festa de fim de ano.

Em menos de uma semana nós todos iríamos para casa para o verão, e nós não estaríamos de volta ao Finch até o final de agosto. Eu sempre adorei o verão como o melhor de tudo, mas agora que eu finalmente estava indo para casa, de alguma forma, me sentia um pouco agridoce. Eu estava acostumada a encontrar Jeremiah no refeitório para o café todas as manhãs e lavar a minha roupa com ele em sua casa de fraternidade tarde da noite. Ele era bom em dobrar minhas camisetas.

Neste verão, ele seria interno na empresa de seu pai outra vez, e eu iria trabalhar como garçoneiro em um restaurante familiar chamado Behrs, o mesmo que eu trabalhei no verão passado. Nosso plano era nos encontrar na casa de verão em Cousins, sempre que pudermos.

Havia alguns vagalumes lá fora. Estava ficando escuro, e não era uma noite muito quente. Eu estava de salto, o que era estúpido, já que em um impulso de último minuto eu resolvi andar, em vez de tomar o ônibus. Eu só percebi que era a última vez por um longo tempo que eu andaria pelo campus em uma noite agradável como essa.

Eu tinha convidado Anika e nossa amiga Shay para vir comigo, mas Anika teve uma festa com sua equipe de dança, e Shay já tinha feito às provas finais e voou de volta ao Texas. A irmandade de Taylor estava tendo um mixer, então ela não estava vindo também. Era só eu e meus pés doloridos.

Eu tinha mandado uma mensagem a Jeremiah para dizer a ele que eu estava a caminho e que eu estava andando, então eu levaria um tempo.

Eu tinha que continuar parando para ajustar meus sapatos porque eles estavam cortando as costas dos meus pés. Saltos eram idiotas, eu decidi.

No meio do caminho, eu o vi sentado no meu banco favorito.

Ele se levantou quando me viu. "Surpresa!"

"Você não tinha que me encontrar", eu disse, sentindo muito feliz que ele havia feito isso. Sentei-me no banco.

"Você está quente", disse ele.

Mesmo agora, depois de estarmos namorando por dois anos, eu ainda corava um pouco quando ele dizia coisas assim. "Obrigado", eu disse. Eu estava com um vestido que peguei emprestado de Anika. Era branco, com pequenas flores azuis e fileiras de babados.

"Esse vestido me lembra *The Sound of Music*, mas de uma forma quente."

"Obrigado", eu disse de novo. Será que o vestido me fazia parecer Fräulein Maria, eu me perguntava? Isso não soa como uma coisa boa. Eu alisei o tecido um pouco.

Um casal de rapazes que eu não reconheci parou e disse oi para Jeremiah, mas eu fiquei sentada no banco para descansar meus pés.

Quando eles foram embora, ele disse: "Pronta?"

Eu gemi. "Meus pés estão me matando. Saltos são idiotas." Jeremiah abaixou-se e disse: "Suba garota."

Rindo, eu subi em suas costas. Eu sempre ria quando ele me chamava de "garota." Eu não poderia evitar. Era engraçado.

Ele ergueu-me e eu coloquei meus braços em volta de seu pescoço.

"O seu pai está chegando na segunda-feira?" Jeremiah perguntou enquanto atravessamos o gramado principal.

"É. Você vai ajudar, certo?"

"Vamos. Eu estou levando você pelo campus. Eu tenho que ajudá-la a mudar-se, também?"

Eu golpeei na cabeça dele e ele abaixou. "Ok, ok", disse ele.

Então eu esfreguei uma framboesa em seu pescoço, e ele gritou como uma menina. Eu ri o caminho todo.

Capítulo Três

Na casa da fraternidade de Jeremiah, as portas estavam abertas e as pessoas estavam saindo no gramado da frente.

Luzes multicoloridas de Natal foram amarradas ao acaso em todo o lugar, na caixa de correio, na varanda da frente, mesmo ao longo do chão da passarela. Eles tinham três piscinas infláveis de crianças, que as pessoas estavam descansando como se estivessem em banheiras de hidromassagem.

Caras estavam correndo com Super Soakers² e pulverizando cerveja na boca um do outro. Algumas das meninas estavam em seus biquínis.

Eu saí de trás de Jeremiah e deixei meus sapatos na grama.

"Os calouros fizeram um bom trabalho com isso", disse Jeremiah, balançando a cabeça em apreciação as piscinas infantis. "Você trouxe o seu biquíni?"

Eu balancei a cabeça.

"Quer ver se uma das meninas tem um extra?", ele ofereceu.

Rapidamente, eu disse: "Não, obrigada."

Eu conhecia os irmãos de fraternidade de Jeremiah porque ia visita-lo na fraternidade, mas eu não conhecia as meninas muito bem.

A maioria delas eram da Zeta Phi, fraternidade irmã da fraternidade de Jeremiah. Isso significava que tinham mixers e festas juntos, esse tipo de coisa.

Jeremiah quis me introduzir na Zeta Phi, mas eu disse que não. Eu disse a ele que era porque eu não podia pagar as taxas e pagar extra para viver em uma casa de irmandade, mas era muito mais por que eu estava esperando ser amiga de todos os tipos de meninas, não apenas as que eu encontraria em uma fraternidade. Eu queria uma experiência mais ampla na faculdade, como 2 Marca de pistola de água

minha mãe sempre dizia. De acordo com Taylor, Zeta Phi era para as meninas festeiras e vagabundas, ao contrário de sua irmandade, o que era supostamente classista e mais exclusiva. E de uma maneira mais focada em serviços comunitários, ela adicionou, como um adendo.

Meninas continuavam chegando e abraçando Jeremiah. Elas disseram oi para mim, e eu disse oi de volta, então eu subi para colocar minha bolsa no quarto de Jeremiah. Enquanto descia as escadas, eu a vi.

Lacie Barone, vestindo jeans skinny e um top de seda e saltos de couro vermelho que,

provavelmente, a aumentaram de tamanho um pouco, falava com Jeremiah. Lacie era a cadeira social da Zeta Phi, e ela era uma júnior, um ano mais velha do que Jere, dois anos mais velha do que eu. Seu cabelo era marrom escuro, corte em estilo bob, e ela era pequena. Ela era, pelos padrões de todos, quente. De acordo com Taylor, ela tinha uma queda por Jeremiah. Eu disse a Taylor que não me incomodava nem um pouco, e eu quis dizer isso.

Por que eu deveria me importar?

É claro que as meninas gostavam de Jeremiah. Ele era o tipo de menino que as meninas gostavam. Mas mesmo uma menina tão bonita como Lacie não ficaria entre nós. Nós estávamos juntos por anos e anos. Eu o conhecia melhor do que ninguém, o mesmo que ele me conhecia, e eu sabia que Jere nunca ia olhar para outra menina.

Jeremiah viu-me, então, e acenou para que eu me aproximasse. Fui até eles e disse: "Ei, Lacie."

"Ei," ela disse.

Puxando-me para ele, Jeremiah disse, "Lacie vai estudar no exterior em Paris neste outono." Para Lacie, ele disse, "Nós queremos ir de mochila para Europa no próximo verão."

Bebericando sua cerveja, ela disse: "Isso é legal. Que países?"

"Nós estamos indo, definitivamente, para a França", disse Jeremiah.

"Belly fala francês fluentemente."

"Eu realmente não sei", eu disse a ela, envergonhada. "Eu só peguei na escola."

Lacie disse, "Oh, eu sou horrível também. Eu realmente só quero ir e comer muito queijo e chocolate."

Ela tinha uma voz que era surpreendentemente rouca para alguém tão pequena. Eu me perguntei se ela fumava. Ela sorriu para mim, e eu pensei, Taylor estava errada sobre ela, ela era uma boa garota.

Quando ela saiu, poucos minutos depois para pegar uma bebida, eu disse: "Ela é legal."

Jeremiah deu de ombros e disse: "Sim, ela é legal. Quer que eu pegue uma bebida?"

"Claro", eu disse.

Ele levou-me pelos ombros e plantou-me no sofá. "Você se sente bem aqui? Não mova um músculo. Eu estarei de volta."

Eu o vi fazer o seu caminho através da multidão, sentindo-me orgulhosa por poder chamá-lo de meu. Meu namorado, meu Jeremiah. O primeiro menino que eu já tinha adormecido ao lado.

O primeiro menino que eu contei sobre o dia em que, acidentalmente, entrei no quarto dos meus pais e flagrei eles fazendo aquilo quando eu tinha oito anos. O primeiro rapaz a sair e comprar-me Midol porque minhas cólicas eram fortes, o primeiro menino para pintar as unhas dos pés, para manter meu cabelo para trás quando eu vomitei quando fiquei realmente bêbada na frente de todos os seus amigos, o primeiro menino para me escrever um bilhete de amor no quadro branco pendurado do lado de fora do meu dormitório.

VOCÊ É O LEITE PARA MEU MILKSHAKE, para sempre e sempre.

Amor, J.

Ele foi o primeiro menino que eu beijei. Ele era meu melhor amigo. Mais e mais, eu entendi. Esta era a maneira que era suposto ser. Ele era o único.

Meu único.

Capítulo Quatro

Estávamos dançando. Eu tinha meus braços em volta do pescoço de Jeremiah, e a música estava pulsando em torno de nós. Eu me senti desperta e alvoroçada, da dança e do álcool. A sala estava cheia de pessoas, mas quando Jere olhou para mim, não havia mais ninguém. Só eu e ele.

Ele estendeu a mão e colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Ele disse algo que eu não podia ouvir.

"O que?" Eu gritei.

Ele gritou: "Nunca corte o cabelo, ok?"

"Eu tenho que cortar! Eu pareceria como uma bruxa."

Jeremiah cobriu seu ouvido e disse: "Eu não posso te ouvir!"

"Bruxa!" Eu balancei meu cabelo em volta do meu rosto para enfatizar e imitei mexendo um caldeirão e o cacarejar.

"Eu gosto de você bruxa", disse ele no meu ouvido. "Por que você não corta só as pontas?"

Eu gritei: "Eu prometo não cortar meu cabelo curto, se você prometer desistir de seu sonho de barba!"

Ele estava falando sobre o crescimento de uma barba desde o dia de Ação de Graças, quando alguns de seus amigos da escola tiveram um concurso para ver quem deixava crescer a barba mais longa. Eu disse a ele de jeito nenhum, isso me lembrou muito do meu pai.

"Eu vou considerá-lo", disse ele, beijando-me.

Ele tinha gosto de cerveja, e eu provavelmente também.

Em seguida, Tom, o irmão de fraternidade de Jeremiah também conhecido como Pássaro Vermelho por razões desconhecidas para mim, nos viu, e ele veio correndo até Jeremiah como um touro.

Ele estava vestindo cueca e carregando uma garrafa de água. E elas não eram boxers, elas eram cuecas apertadas. "Parem com isso, parem com isso!", Ele gritou.

Eles começaram a andar, e quando Jeremiah deu em Tom uma chave de braço, a garrafa de água de Tom derramou cerveja em cima de mim, no vestido de Anika.

"Desculpe, desculpe", ele murmurou. Quando Tom estava muito bêbado, ele dizia tudo duas vezes.

"Está tudo bem", eu disse, torcendo a saia e tentando não olhar para a metade inferior do seu corpo.

Saí para tentar limpá-lo no banheiro, mas havia uma longa fila, então eu fui para a cozinha. As pessoas estavam fazendo shots de corpo sobre a mesa da cozinha. Lucas, irmão de Fraternidade de Jeremiah, estava lambendo sal do umbigo de uma menina de cabelos vermelhos.

"Ei, Isabel," ele disse, olhando para cima.

"Hum, ei, Luke," eu disse. Então eu vi uma garota vomitar na pia, e saí de lá.

Dirigi-me ao banheiro no andar de cima. No topo da escada, eu apertei para passar por um cara e uma garota e, acidentalmente, pisei na mão do cara.

"Eu sinto muito," eu disse, mas ele não pareceu notar de qualquer forma, já que ele tinha a outra mão dentro da camisa da menina.

Quando finalmente cheguei ao banheiro, eu tranquei a porta atrás de mim e soltei um suspiro de alívio. Esta festa era ainda mais selvagem do que o habitual. Imaginei que com o final do ano e as provas finais e tudo mais, estava deixando todo mundo solto. Eu estava meio que feliz por Anika não ter sido capaz de vir.

Não era o tipo de cena dela, não era a minha também.

Eu limpei com sabão líquido as marcas molhadas e esperava que não manchasse. Alguém tentou abrir a porta, e eu gritei, "Apenas um segundo."

Enquanto eu estava lá, enxugando o vestido, eu ouvi as meninas do outro lado falando. Eu não estava realmente prestando atenção até que ouvi a voz da Lacie. Ouvi-a dizer: "Ele parece quente hoje à noite, certo?"

Outra voz disse: "Ele sempre parece quente."

Ela estava enrolando quando disse, "Inferno, sim, ele é."

A outra menina disse: "Eu sou tão ciumenta por você ter ficado com ele."

Com uma voz monótona, Lacie disse: "Tudo o que acontece em Cabo fica em Cabo".

Eu me senti tonta de repente. Inclinei as costas contra a porta do banheiro para me equilibrar. Não havia maneira de que ela estivesse falando sobre Jeremiah. De jeito nenhum.

Alguém bateu na porta, e eu pulei.

Sem pensar, eu o abri. A mão de Lacie voou para sua boca quando ela me viu. O olhar em seu rosto era como um soco no estômago. Senti dor física.

Eu podia ouvir as paradas nítidas de respiração das outras garotas. Eu senti como se estivesse sonâmbula quando eu passei por ela e pelas meninas, indo para o corredor.

Eu não podia acreditar. Não podia ser verdade. Não o meu Jere.

Fui para o quarto e tranquei a porta atrás de mim. Eu sentei em sua cama, com os joelhos enrolados no meu peito, apoiando minha cabeça.

Aconteça o que acontecer, o que acontece em Cabo permanece no Cabo. O

olhar no rosto da Lacie, a forma como as outras meninas engasgaram. Isso passava na minha cabeça como um filme, mais e mais. Os dois falando esta noite. O jeito que ele deu de ombros quando eu disse que ela era agradável.

Eu tinha que saber. Eu tinha que ouvir isso de Jeremiah.

Deixei seu quarto e fui à procura dele. Enquanto eu o procurava, podia sentir o choque se transformando em raiva. Abri caminho através da multidão.

Uma garota bêbada arrastada, "Hey!" quando eu pisei no pé dela, mas eu não parei para dizer "desculpe-me".

Eu finalmente encontrei-o parado em torno do balde de cerveja com os amigos de fraternidade. Da porta aberta, eu disse: "Eu preciso falar com você."

"Só um segundo, Bells", ele disse.

"Não. Agora".

Todos os garotos começaram a rachar, "Oooh, alguém está com problemas." "Fisher está lascado! "

Eu esperei.

Jeremiah deve ter visto alguma coisa nos meus olhos, porque ele me seguiu, ao subir as escadas, e para dentro de seu quarto. Eu fechei a porta atrás de mim.

"O que está acontecendo?", Ele me perguntou, olhando interessado.

Eu praticamente cuspi as palavras. "Você ficou com Lacie Barone durante as férias de primavera?"

O rosto de Jeremiah empalideceu. "O que?"

"Você ficou com ela?"

"Belly "

"Eu sabia", eu sussurrei. "Eu sabia."

Ainda que eu não soubesse, não realmente. Eu não sabia de nada.

"Espere, espere."

"Espere", eu gritei. "Oh meu Deus, Jere. Oh, meu Deus ".

Eu afundei no chão. Minhas pernas não poderiam mesmo me segurar.

Jeremiah se ajoelhou ao meu lado e tentou me ajudar, mas eu bati as mãos. "Não me toque!"

Ele ficou no chão ao meu lado, com a cabeça pendurada entre os joelhos. "Belly, foi quando estávamos terminados. Quando estávamos separados."

Nosso chamado "rompimento" durou uma semana, não era mesmo uma separação real, não para mim. Eu sempre assumi que iríamos voltar e ficar juntos. Eu chorei durante toda a semana, enquanto ele estava em Cabo beijando Lacie Barone.

"Você sabia que nós não estávamos realmente terminados! Você sabia que não era real! "

Miseravelmente, ele disse: "Como é que eu ia saber isso?"

"Se eu soube, você deveria saber disso!"

Ele engoliu em seco, e seu pomo de Adão subia e descia. "Lacie me seguiu toda a semana. Ela não me deixava em paz. Eu juro para você, eu não queria sair com ela. Simplesmente aconteceu." Sua voz sumiu.

Eu me senti tão suja por dentro de ouvi-lo dizer isso. Apenas enojada.

Eu não quero pensar sobre os dois, não queria imaginar. "Fique quieto", eu disse. "Eu não quero ouvir isso."

"Foi um erro."

"Um erro? Você chama isso de um erro? Um erro foi quando você deixou meus sapatos de banho no chuveiro, que ficaram tão ensopados, que tive que jogá-los fora. Isso é um erro, seu idiota." Eu explodi em lágrimas.

Ele não disse nada. Ele apenas ficou lá, com a cabeça pendurada para baixo.

"Eu nem sei mais quem você é." Meu estômago embrulhou. "Eu acho que vou ficar doente."

Jeremiah me deu o cesto de lixo do lado de sua cama e eu vomitei, arfando e chorando. Ele tentou esfregar minhas costas, mas eu me afastei dele. "Não toque em mim", eu murmurei, limpando a boca com as costas do meu braço. Não fazia sentido. Nada disso. Este não era o Jeremiah que eu conhecia. Meu Jeremiah nunca me machucaria assim. Ele nunca iria olhar outra garota. Meu Jeremiah era verdadeiro, forte e constante. Eu não sabia quem era essa pessoa.

"Sinto muito", disse ele. "Eu realmente sinto muito."

Jeremiah estava chorando também. Bom, eu pensei. Machucar como você me machucou.

"Eu quero ser totalmente honesto com você, Belly. Eu não quero mais nenhum segredo." Ele realmente estava quebrado, então, chorando muito.

Eu congelei.

"Nós fizemos sexo."

Antes que eu percebesse, minha mão estava golpeando seu rosto. Eu lhe dei um tapa tão duro quanto eu podia. Eu nem estava pensando, eu estava fazendo. Minha mão esquerda deixou uma marca vermelha em sua bochecha direita.

Olhamos um para o outro. Eu não podia acreditar que eu tinha batido nele, e nem ele poderia. O choque estava apenas começando a se registrar em seu rosto, e eu provavelmente tinha o mesmo olhar. Eu nunca tinha batido em ninguém antes.

Esfregando a bochecha, ele disse, "Eu sinto muito."

Eu chorei mais alto. Eu tinha imaginado eles ficando, eu não tinha sequer considerado sexo. Eu era tão estúpida.

Ele disse: "Isso não quis dizer nada. Eu juro para você, isso não importa."

Ele tentou tocar no meu braço, e eu vacilei. Limpando minhas bochechas, eu disse, "Talvez, para você sexo não quer dizer nada. Mas isso significa algo para mim, e você sabia disso. Você arruinou tudo. Eu nunca vou confiar em você de novo."

Ele tentou puxar-me para ele, mas eu o empurrei. Desesperado, ele disse: "Eu estou dizendo a você, a coisa com Lacie não significa nada."

"Isso significa algo para mim. E isso, obviamente, significava algo para ela. "

"Eu não estou apaixonado por ela!", Ele gritou. "Eu estou apaixonado por você!"

Jeremiah arrastou até onde eu estava. Ele colocou seus braços em torno de meus joelhos. "Não me deixe", ele implorou. "Por favor, não vá embora."

Tentei me livrar dele, mas ele era forte. Ele se agarrou a mim como se eu fosse uma jangada, e ele estivesse no mar.

"Eu te amo tanto", disse ele, e todo seu corpo tremia. "Sempre foi você, Belly".

Eu queria continuar gritando e chorando e de alguma forma encontrar uma maneira de sair disto. Mas eu não via um caminho. Olhando para ele, eu senti que era feita de pedra. Ele nunca me decepcionou antes. Ele fazê-lo agora tornou muito mais difícil, porque eu não tinha imaginado isto. Era difícil de acreditar que apenas algumas poucas horas atrás ele me carregou pelo campus nas costas e eu o amava mais do que nunca.

"Nós não podemos voltar atrás," eu disse, e eu disse para machucá-lo.

"O que éramos se foi. Perdemos isso hoje à noite."

Desesperado, ele disse: "Sim, nós podemos. Eu sei que nós podemos."

Eu balancei a cabeça. As lágrimas começaram novamente, mas eu não queria chorar mais, especialmente na frente dele. Ou com ele. Eu não queria sentir-me triste. Eu não queria sentir nada. Eu limpei o meu rosto e disse: "Eu estou indo embora."

Ele levantou-se vacilante. "Espere!"

Eu passei por ele e peguei minha bolsa em sua cama.

Então eu estava fora da porta, descendo as escadas. Corri todo o caminho até o ponto de ônibus, minha bolsa batendo no meu ombro, meus saltos batendo contra o pavimento. Eu quase tropecei e caí, mas consegui. Eu peguei o ônibus, quando a última pessoa estava embarcando, e parti. Eu não olhei para trás para ver se Jeremiah tinha me seguido.

Minha companheira de quarto, Jillian, tinha ido para casa mais cedo naquele dia, então pelo menos eu tinha o quarto para mim e podia chorar sozinha. Jeremiah continuou a me ligar e enviar mensagens de texto, então eu desliguei meu telefone. Mas antes de eu ir para a cama, eu o liguei novamente para que eu pudesse ver o que ele me escreveu.

Eu estou tão envergonhado de mim mesmo.

Por favor, fale comigo.

Eu te amo e sempre amarei.

Eu chorei mais.

Capítulo Cinco

Quando nós terminamos em abril, realmente havia sido muito de repente.

Sim, nós tivemos umas briguinhas, vez ou outra, mas você mal podia chamar aquilo de briga.

Como daquela vez em que Shay estava dando uma festa na casa de campo da vó dela. Ela convidou várias pessoas, e disse que eu podia levar Jeremiah também. Nós iríamos nos arrumar e dançar lá fora a noite inteira. Nós iríamos ficar lá no final de semana, Shay falou que ia ser demais. Eu estava feliz apenas por ter sido incluída. Eu falei com Jeremiah sobre isso, e ele disse que ele tinha jogo de futebol com os amigos, mas de qualquer maneira, eu não devia ir. Eu disse “Você não pode faltar? Não é como se fosse um jogo de verdade” Era uma coisa chata de se falar, mas eu disse, e eu realmente quis dizer isso.

Aquela era nossa primeira briga. Não era uma briga de verdade, nada com gritos ou algo do tipo, mas ele estava com raiva e eu também.

Nós sempre saíamos com os amigos dele. De uma certa maneira, fazia sentido. Ele já tinha os amigos dele, eu ainda estava fazendo os meus.

Levava um tempo para se aproximar das pessoas, e eu estando o tempo todo na casa da fraternidade dele, as garotas do meu andar estavam virando amigas sem mim.

E haviam outras coisas também, que me irritavam.

Coisas que eu nunca saberia sobre Jeremiah, coisas que eu não poderia saber apenas por passar o verão na casa de praia. Como o quanto ele era desagradável quando ele fumava maconha com os colegas de fraternidade dele e eles comiam pizza de abacaxi-com-presunto e escutavam “Gangstan Paradise” do Coolio e eles riam por uma hora.

Também as alergias da estação. Eu nunca tinha o visto durante a primavera, então eu não sabia que ele tinha essas alergias.

Ele me ligava, espirrando feito um louco, com a tosse cheia e todo piedoso. “Você pode vir e passar um tempo comigo?” ele perguntava, assoando o nariz. “E você poderia trazer mais lenços? E suco de laranja?” Eu me segurava pra não falar, que ele tinha alergias, não à gripe suína.

Eu tinha ido à fraternidade dele no dia anterior. Ele e o colega de quarto estavam jogando videogame enquanto eu fiz meus trabalhos de faculdade.

Então nós assistimos um filme de Kung Fu e pedimos comida indiana, apesar de eu não gostar de comida indiana, porque deixava meu estômago cansado depois. Jeremiah disse que quando as alergias dele ficavam muito ruins, comida indiana era a única coisa que o fazia se sentir melhor. Eu comi pão nan e arroz e fiquei puta enquanto Jeremiah se empanturrava, comendo frango tikka masala e assistia o filme. Ele podia ser bem óbvio às vezes, eu me perguntava se era de

propósito.

“Eu realmente quero ir, mas eu tenho que entregar esse trabalho que o prazo é até amanhã” Eu disse, tentando soar como se estivesse em dúvida sobre isso “Então eu provavelmente não deveria ir. Desculpe.”

“Bem, eu acho que eu poderia ir até aí” ele disse “Eu irei tomar vários Benadryl e dormir enquanto você escreve. Então, talvez, nós podemos pedir comida indiana de novo.”

“É” Eu disse, amargamente. “Nós poderíamos fazer isso.” Pelo menos eu não teria que pegar o ônibus, mas eu teria que ir até o banheiro do meu andar e pegar um monte de papel higiênico, porque Jillian iria ficar puta se Jeremiah usasse todos os lenços de papel dela de novo.

Eu não sabia naquela época que tudo isso estava preparando o cenário para nossa primeira briga de verdade. Nós tivemos uma daquele tipo, com gritos e choros, o tipo que eu havia me prometido que eu nunca teria. Eu ouvia Jillian ter esse tipo de briga pelo telefone, as garotas do meu andar, Taylor.

Nunca pensei que seria uma delas.

Pensava que eu e Jeremiah nos entendíamos muito bem, nos conhecíamos há muito tempo para ter esse tipo de briga.

Uma briga é como o fogo. Você pensa que tem tudo sob controle, você pensa que você pode pará-lo na hora que quiser, mas antes de perceber, é algo vivo, algo que respira e não há como controlar e você foi um idiota em pensar que podia.

No último minuto, Jeremiah e seus irmãos de fraternidade decidiram ir para Cabo nas férias de primavera. Eles haviam encontrado um pacote com super desconto na internet.

Eu já estava planejando ir para casa nas férias. Minha mãe e eu estávamos planejando ir até a cidade e assistir o balê, e o Steve estaria em casa também. Então eu queria estar em casa, eu queria muito. Mas enquanto eu via Jeremiah planejando a viagem dele, eu me sentia mais e mais aborrecida. Dessa vez Conrad estava na Califórnia, Sr. Fisher estava sozinho.

Jeremiah havia dito que ele queria ir e passar mais tempo com ele, talvez visitar o túmulo de Suzannah juntos. Nós também falávamos sobre ir para Cousins durante alguns dias. No verão passado, nos não havíamos ido, porque eu estava trabalhando, tentando guardar dinheiro para faculdade, e ele tinha um estágio na empresa do pai. Jeremiah sabia o quanto eu queria ir para Cousins. Ele sabia o quanto isso significava pra mim.

Eu havia crescido mais naquela casa do que na minha própria. E sem a presença de Susannah, parecia ainda mais importante que nós voltássemos lá.

E agora ele estava indo para Cabo. Sem mim.

“Você realmente acha que você deveria ir para Cabo?” Eu perguntei. Ele estava sentado na mesa, debruçado sobre o computador e digitando, eu estava sentada na cama.

Ele olhou para cima, surpreso. “É um negócio muito bom para deixar passar. Além disso, todos os meus irmãos estão indo. Eu não posso perder.”

“Sim, mas eu pensei que você iria para casa e ficar com o seu pai.”

“Eu posso fazer isso nas férias de verão.”

“Ainda faltam muitos meses para o verão.” Eu cruzei meus braços e descruzei novamente. Jeremiah congelou “Sobre o que é tudo isso? Você tá preocupada sobre eu ir para as férias de primavera sozinho?” Eu podia sentir minhas bochechas ficando vermelhas “Não! Você pode ir aonde você quiser, eu não me importo. Eu só acho que seria bom se você passasse algum tempo com o seu pai. E a lápide da sua mãe está lá. Eu pensei que você iria querer ver.”

“Sim, eu quero, mas eu posso fazer isso quando acabarem as aulas.

Você pode ir comigo” Ele me encarou “Você tá com ciúme?”

“Não!”

Ele estava rindo agora “Preocupada com todos esses concursos de camiseta molhada?”

“Não!” Eu odiava o fato dele estar transformando isso em uma piada. Era irritante, ser a única que estava com raiva.

“Se você tá tão preocupada, então venha com a gente. Vai ser divertido.” Ele não disse, se você estiver preocupada, você não deveria.

Ele disse, se você está preocupada, você devia ir com a gente. Eu sabia que ele não estava falando naquele sentido, mas ainda me incomodava.

“Você sabe que eu não posso pagar. Além disso, eu não quero ir para Cabo com você e os seus „manos“. Eu não quero ir e ser a única namorada e estragar a sua festinha.”

“Você não seria. A namorada do Josh, Alison, vai estar lá”, Jeremiah disse.

Então Alison havia sido convidada e eu não? Eu me sentei bem ereta

“Alison vai com vocês?”

“Não é desse jeito. Alison vai com a irmandade dela. Elas estão reservando vários quartos no mesmo resort que a gente. Mas não é como se nós todos fossemos ficar com elas o tempo todo. Nós vamos fazer coisas de homem, como fazer corridas off-road no deserto. Alugar alguns ATVs, fazer rapel, coisas desse tipo.”

Eu o encarei “Então enquanto você vai apostar corridas no deserto com seus amigos, você quer que eu fique com um bando de garotas que eu não conheço?”

Ele revirou seus olhos. “Você conhece Alison. Vocês jogaram beer-pong³ no campeonato da irmandade dela.”

“Que seja. Eu não vou para Cabo. Eu vou pra casa. Minha mãe sente minha falta.” O que não falei foi: *seu pai sente a sua também*.

Enquanto Jeremiah apenas encolheu os ombros, tipo: faça do seu jeito então, eu pensei, ah, que seja, eu disse “Seu pai também sente sua falta.”

“Ai meu deus, Belly, apenas admita que isso não é sobre meu pai. Você está paranoica por eu estar indo pras férias de primavera sem você.”

“Por que você não admite que você não queria que eu fosse, pra começo de conversa?” Ele hesitou. Eu o vi hesitando. “Certo. Okay, eu não me importaria que isso fosse apenas uma viagem de garotos.” Me levantando, eu disse “Bem, parece que lá vai ter muitas garotas. Se divirta com as Zetas.”

3 Jogo de ping-pong só que com cerveja.

Agora o pescoço dele começou a ficar muito vermelho. “Se você não confia em mim até hoje, eu não sei o que lhe dizer. Eu nunca fiz nada para fazer você duvidar de mim. E Belly, eu realmente não preciso de você me fazendo sentir culpado sobre o meu pai.”

Eu comecei a colocar meus sapatos, e estava com tanta raiva, minhas mãos tremiam enquanto tentava amarrar meu tênis. “Eu não consigo acreditar no quanto você é egoísta.”

“Eu? Agora eu sou o egoísta?” Ele balançou a cabeça, os lábios dele estavam apertados. Ele abriu a boca como se fosse dizer algo, mas então ele fechou novamente.

“Sim, você é definitivamente o egoísta dessa relação. É sempre tudo sobre você, seus amigos, sua estúpida fraternidade. Eu já te disse que acho sua fraternidade estúpida? Porque eu acho.”

Em uma voz mais baixa, ele disse, “O que é tão estúpido sobre a fraternidade?”

“É somente um bando de herdeiros riquinhos gastando o dinheiro dos pais deles, colando em provas com seu banco de provas, indo bêbados para a aula.”

Parecendo ferido, ele disse “Nós não somos desse jeito.”

“Eu não quis dizer você.”

“Sim, você quis. O que? Só porque eu não sou estudante de medicina, isso me torna um cara

preguiçoso de fraternidade?”

“Não jogue o seu complexo de inferioridade pra cima de mim.”, eu disse.

Eu disse sem pensar. Era algo que já havia pensado, mas nunca falado.

Conrad era estudante de medicina. Conrad era o que estava em Stanford, trabalhando meio período em um laboratório. Jeremiah era o que estava dizendo às pessoas que ia se graduar em bebedeira.

Ele encarou. “O que diabos você quer dizer com isso de „complexo de inferioridade?”

“Esquece.”, eu disse. Tarde demais, eu podia ver que as coisas foram mais longe do que havia imaginado. Eu queria voltar atrás e não ter dito nada.

“Se você acha que eu sou tão burro, egoísta e um desperdício, por que então você está comigo?”

Antes que eu respondesse, antes que eu pudesse falar que ele não é estúpido ou egoísta ou um desperdício, antes que pudesse dar um fim à briga, Jeremiah disse “Foda-se. Eu não vou mais desperdiçar seu tempo. Vamos acabar agora.”

E eu disse “Excelente.”

Eu peguei minha mochila, mas não fui embora imediatamente. Eu estava esperando ele me impedir. Mas ele não impediu.

Eu chorei todo o caminho pra casa, não podia acreditar que tínhamos terminado, não parecia real, esperei que ele me ligasse àquela noite, era sexta.

Ele foi embora pra Cabo no domingo de manhã, ele também não ligou.

Minhas férias de primavera foram basicamente ficar em casa, comendo batatas e chorando. Steven disse “Relaxa. O único motivo pra ele não ter te ligado é porque é muito caro pra ligar do México. Semana que vem, vocês já vão ter voltado, garantido.”

Eu tinha certeza absoluta que ele estava certo, Jeremiah só precisava de algum especo. Okay, tudo bem. Quando ele voltasse, eu iria até ele e diria como eu sentia muito, e eu iria consertar as coisas, e ia ser como se nada tivesse acontecido.

Steven estava certo. Nós voltamos uma semana depois. Eu fui até ele e pedi desculpa, e ele pediu desculpas também. Eu nunca perguntei se algo havia acontecido em Cabo. Nunca sequer tinha me ocorrido perguntar. Esse era o cara que havia me amado a vida inteira, e eu era uma garota que acreditava nesse amor. Acreditava nesse cara.

Jere trouxe uma pulseira de conchas pra mim, pequenas conchas brancas, isso me fez tão feliz, porque eu sabia que ele havia pensado em mim, que ele havia sentindo a minha falta do mesmo

jeito que eu havia sentido falta dele. Ele sabia, assim como eu, que não havia acabado, que nunca iria acabar.

Ele passou a semana seguinte inteira no meu quarto, passando tempo comigo e não com os irmãos de fraternidade. Deixou minha colega de quarto Jillian louca, mas eu não me importava. Eu me sentia mais próxima dele do que nunca. Eu sentia a falta dele até quando ele estava assistindo aula.

Mas agora eu sabia a verdade. Ele trouxe aquela pulseira barata e estúpida porque sentia culpa. E eu queria tanto fazer as pazes que não percebi.

Capítulo Seis

Quando eu fechei meus olhos, eu vi os dois, juntos, se beijando dentro de uma banheira. Na praia. Em algum clube. Lacie Barone provavelmente sabia manhas e truques que eu nunca sequer tinha ouvido falar. Mas claro, ela sabia.

Eu ainda era virgem.

Eu nunca havia feito sexo, nem com Jeremiah, nem com ninguém.

Quando eu era mais nova, costumava pensar que minha primeira vez seria com Conrad. Não que eu continuasse esperando por ele, não era nada desse tipo. Estava apenas esperando aquele momento perfeito, queria que fosse especial, que parecesse o certo a se fazer.

Eu nos imaginava fazendo isso na casa da praia, com as luzes desligadas e velas por todos os lados, para que eu não ficasse com vergonha. Eu imaginava como Jeremiah seria, como seria doce. Ultimamente eu vinha me sentindo mais e mais preparada. Eu pensava que nesse verão, nós dois voltando para Cousins, pensei que finalmente aconteceria.

Era humilhante pensar sobre isso agora, como fui ingênua. Pensei que ele esperaria o quanto fosse necessário até que eu estivesse pronta. Eu realmente acreditava naquilo.

Mas agora, como nós poderíamos ficar juntos? Quando pensava nele com ela, Lacie, que era mais velha, mais sexy e mais mundana do que eu seria um dia, pelo menos na minha mente, machucava tanto que se tornava difícil respirar. O fato que ela o conhecia de uma maneira que eu ainda não conhecia, havia vivido algo com ele que eu ainda não havia, parecia a maior das traições.

Um mês atrás, na época do aniversário de morte da mãe dele, nós estávamos deitados na cama de solteiro de Jeremiah, ele virou e olhou nos meus olhos, e seus olhos se pareciam tanto com o de Susannah, eu peguei minha mão e os cobri.

“Às vezes machuca olhar para você”, eu disse. Eu amava o fato de dizer isso e ele saber exatamente o que eu queria dizer.

“Feche os olhos”, ele me disse.

Eu fechei, ele veio para perto de mim, ficamos cara a cara e eu podia sentir sua respiração quente na minha bochecha. Ele entrelaçou nossas pernas, umas nas outras. Eu estava tão surpresa com essa vontade de querê-

lo sempre ao meu lado.

“Você acha que sempre vai ser assim?”, eu perguntei pra ele.

“E como seria, se não assim?”

Nós caímos no sono daquele jeito. Como crianças. Totalmente inocentes.

Nós nunca poderíamos voltar a ser aquilo. Como poderíamos? Estava tudo estragado agora. Tudo, de março até agora, estava estragado.

Capítulo Sete

Quando eu acordei na manhã seguinte, meus olhos estavam tão inchados, que eles estavam praticamente fechados. Eu joguei água gelada na minha cara, mas não ajudou. Eu escovei meus dentes e voltei pra cama. Eu acordava e ouvia pessoas se movendo pelo dormitório e, então, caía no sono novamente. Eu deveria estar fazendo as malas, mas tudo que queria fazer era dormir. Dormi o dia inteiro. Acordei de novo quando estava tudo escuro lá fora, e eu não liguei as luzes. Apenas fiquei deitada até que caísse no sono outra vez.

Era no final da tarde do dia seguinte quando finalmente me levantei.

Quando digo levantei, quero dizer sentei. Eu finalmente sentei na minha cama. Estava com sede. Me sentia sugada, seca, devido a todo o choro.

Isso me impulsionou a sair realmente da cama e andar cinco passos até o frigobar e pegar uma das garrafas de água que a Jillian tinha deixado pra trás.

Olhando o quarto, com a cama dela vazia e paredes vazias me fez sentir ainda mais depressiva. Noite passada eu quis ficar sozinha. Hoje eu pensei que ficaria louca se não falasse com ninguém.

Eu desci no corredor até o quarto de Anika. A primeira coisa que ela falou quando me viu foi “O que aconteceu?”

Eu sentei na cama dela e abracei seu travesseiro.

Eu vim até ela querendo conversar, querendo colocar tudo pra fora, mas agora era difícil achar as palavras. Sentia tanta vergonha. Dele e por ele.

Todos os meus amigos amavam Jeremiah. Eles pensavam que ele era praticamente perfeito. Eu sabia que na hora que eu falasse para Anika, tudo aquilo iria embora. O que estava acontecendo se tornaria realidade.

“Iz, o que aconteceu?”

Eu realmente pensei que já estava cansada de chorar, mas algumas lágrimas derramaram de qualquer maneira. Eu fui em frente e disse “Jeremiah me traiu.”

Anika afundou na cama. “Feche a porta.” ela falou.

“Quando? Com quem?”

“Com Lacey Barone, aquela garota da irmandade irmã da dele.” Ela concordou com a cabeça, absorvendo tudo isso.

“Eu estou com tanta raiva dele”, disse “Por ter ficado com outra garota e não ter me falado todo

esse tempo. Não ter falado é o mesmo de ter mentido.

Me sinto tão burra”, assoei meu nariz. “Eu sinto... como se não o conhecesse como achei que conhecia. Sinto como se não pudesse confiar nele, nunca mais.”

“Manter um segredo desses da pessoa que você ama provavelmente é a pior parte.”, Anika disse.

“Você não acha que a traição em si é a pior parte?”

“Não. Quer dizer, assim, sim, isso é terrível. Mas ele devia apenas ter lhe contado. Foi ter feito disso um segredo que tornou pior, deu poder a isso.” Eu fiquei calada. Eu tinha um segredo, também. Eu não havia dito à ninguém, nem a Anika ou Taylor. Eu havia dito a mim mesma que era porque não era importante, e então guardava isso lá no cantinho da minha mente.

Nos últimos dois anos, às vezes eu tirava essa memória lá do cantinho da minha mente, uma memória que eu tinha de Conrad e olhava pra ela, admirava, mais ou menos da maneira que fazia quando olhava minha antiga coleção de conchas.

Havia um prazer apenas em tocar cada concha, nas dobradiças, na frieza suave. Mesmo depois que eu e Jeremiah começamos a namorar, de vez em quando, sentada na sala de aula, ou esperando pelo ônibus, ou tentando cair no sono, eu pensava naquela velha memória. A primeira vez que eu ganhei dele numa corrida na piscina. A vez que ele me ensinou como dançar. A maneira como ele costumava molhar o cabelo dele de manhã.

Mas havia uma memória em particular, uma que eu não me deixava pensar. Não era permitido.

Capítulo Oito

Era a manhã seguinte ao Natal. Minha mãe havia ido passar uma semana na Turquia, uma viagem que ela já havia adiado duas vezes – uma quando o câncer de Susannah voltou da remissão e, de novo, depois que Susannah morreu. Meu pai estava com a família da namorada dele em Washington, DC.

Steven estava numa viagem esquiando com alguns amigos do colégio.

Jeremiah e o Sr. Fisher estavam visitando parentes em New York.

E eu? Eu estava em casa, assistindo Uma História de Natal na TV pela terceira vez. Eu estava com os meus pijamas de natal, o que Susannah havia me mandado há alguns anos atrás – eles eram de flanela vermelha com um grande azevinho e as pernas eram muito grandes. Parte da graça de vesti-los era dobrar as mangas e os calcanhares. Eu tinha acabado de jantar – uma pizza congelada de calabresa e o resto dos cookies de açúcar que um estudante havia feito para minha mãe.

Eu estava começando a me sentir como Kevin em Esqueceram de mim.

Oito horas, num sábado à noite e eu estava dançando pela sala de estar ao som de “Rockin’ Around the Christmas Tree”, sentindo pena de mim mesma.

Minhas notas do semestre de outono haviam sido péssimas. Minha família toda estava viajando. Eu estava comendo pizza congelada sozinha. E no primeiro dia de volta pra casa, quando Steven me viu, a primeira coisa que saiu da boca dele foi “Uau, freshman fifteen⁴, hein?” Eu dei um soco no braço dele e ele disse que estava brincando, mas ele não estava. Eu havia ganhado uns 3 kg em 4 meses. Eu acho que comer frango assado, macarronada e pizza às quatro da manhã com os garotos faziam isso com uma garota. Mas e daí? O

freshman fifteen era um rito de passagem.

Eu fui até o banheiro no andar de baixo e bati minhas bochechas, como Kevin faz no filme “E daí!!”, eu gritei.

4 Freshman fifteen é uma expressão usada quando a pessoa vai para a faculdade e no primeiro ano de faculdade, acaba engordando, ganhando 15 pounds, sendo assim freshman (calouro) fifteen (quinze).

Eu não ia deixar isso me deixar pra baixo. De repente, tive uma ideia. Eu corri até o primeiro andar e joguei minhas coisas dentro de uma mochila – o livro que minha mãe havia me dado de presente de natal, legging, meias. Por que eu deveria ficar em casa sozinha quando eu podia estar no meu lugar favorito do mundo inteiro?

Quinze minutos depois, depois que eu lavei as louças do meu jantar e desliguei todas as luzes, eu

estava no carro de Steven.

O carro dele era melhor que o meu, e o que os olhos não vê, o coração não sente. Além disso, isso era por ele ter me chamado de gorda.

Eu estava indo para Cousins, ao som de “Please, Come Home For Christmas*” (A versão do Bon Jovi, é claro) e beliscando um pretzel coberto com chocolate e granulado verdes e vermelhos (outro presente da minha mãe).

Sabia que havia tomado à decisão certa. Estaria na casa de Cousins logo, logo. Iria acender a lareira, faria um pouco de chocolate quente para acompanhar meu pretzel, iria acordar de manhã em uma praia no inverno.

Claro que eu amava mais a praia no verão, mas a praia no inverno tinha seu próprio charme especial pra mim. Eu decidi que não iria contar ninguém que tinha ido, quando todo mundo voltasse de suas viagens, seria meu pequeno segredo.

Eu cheguei em Cousins super rápido, a auto estrada estava praticamente deserta e eu voei. Enquanto eu estacionava, soltei um grande „jupi“. Era bom estar de volta. Essa era minha primeira vez na casa em um ano. Encontrei as chaves extras exatamente onde elas sempre estavam – debaixo da tábua solta no deque. Me sentia tonta enquanto entrava e acendia as luzes.

A casa estava congelando, e era muito mais difícil acender uma lareira do que eu pensava que seria. Desisti bem rapidinho, e fiz chocolate quente enquanto esperava o aquecedor começar a funcionar. Então, peguei vários cobertores do closet e, me cobrindo, me aconcheguei no sofá com meu pretzel coberto de chocolate e minha caneca com chocolate quente.

Como o Grinch Roubou o Natal estava passando na TV, e caí no sono ao som de Whos in Whoville cantando “Welcome Christmas” Acordei com o som de alguém invadindo a casa. Ouvi alguém batendo na porta e tentando abrir a maçaneta. No começo apesar de escondi embaixo das cobertas, mais do que assustada, tentando respirar sem fazer muito barulho. E

ficava pensando „ai meu Deus, ai meu Deus, é exatamente como Esqueceram de mim, o que o Kevin faria? O que o Kevin faria?“ Kevin provavelmente montaria uma armadilha no hall de entrada, mas não havia tempo pra isso.

E então o ladrão gritou “Steven? Você tá aí dentro?” Eu pensei, AI MEU DEUS, o outro ladrão já está dentro da casa e o nome dele é Steven!

Me escondi embaixo dos cobertores, e então pensei Kevin não iria se esconder embaixo de um cobertor. Kevin iria proteger a casa dele.

Eu peguei o atizador da lareira e meu celular e rastejei até a entrada.

Estava muito assustada para olhar através da janela e não queria que ele me visse, então,

espremi todo meu corpo contra a porta e concentrei meus ouvidos, meu dedo no número nove no telefone.

“Steven, abra. Sou eu.”

Meu coração quase parou de bater. Eu conhecia essa voz. Não era a voz de um ladrão, era o Conrad. Escancarei a porta. Era realmente ele. Olhei para ele e que olhou de volta. Eu não sabia que me sentiria assim ao vê-lo novamente. Coração na garganta, difícil respirar. Naqueles segundos, me esqueci de tudo e havia apenas ele.

Ele estava usando um casaco de inverno que eu nunca havia visto, era caramelo e ele estava chupando um bastãozinho de açúcar.

O bastãozinho caiu da boca dele. “O que diabos...” ele disse, sua boca ainda estava aberta.

Quando o abracei, ele cheirava a bala de menta e natal. Sua bochecha estava gelada contra a minha “Porque você está segurando um atizador?” Dei um passo para trás “

Eu pensei que você fosse um ladrão.”

“Claro que pensou.”

Ele me seguiu de volta a sala de estar e se sentou na cadeira de frente para o sofá. Ele ainda estava com cara de choque. “O que você está fazendo aqui?”

Eu dei os ombros e coloquei o atizador na mesinha de centro, minha descarga de adrenalina estava indo embora e eu estava começando a me sentir meio boba “Eu estava sozinha em casa, e apenas senti vontade de vir. O

que você está fazendo aqui? Eu não sequer sabia que você estava de volta.” Conrad morava na Califórnia agora. Eu não havia o visto desde quando ele tinha pedido transferência, no ano passado. Ele tinha alguma barba no rosto, como se não tivesse feito a barba nos últimos dias. Parecia macio, entretanto, e não como se espetasse. Ele parecia bronzeado também, o que eu achei que era estranho, já que era inverno, mas aí eu lembrei que a faculdade dele era na Califórnia, onde sempre fazia sol.

“Meu pai me mandou no último minuto. Mas demoramos séculos para pousar, então eu acabei chegando tarde. Já que Jere e meu pai ainda estão em New York, pensei que deveria vir aqui” ele me disse, me olhando desconfiado.

“O que foi?” eu perguntei, percebendo de repente tudo aquilo. Tentei colocar meu cabelo para trás – estava todo embaraçado por ter dormido.

Discretamente, toquei os cantos da minha boca. Será que babei?

“Sua cara tá toda melada de chocolate.”

Limpei minha boca com as costas da mão “Não, não tô”, menti “Deve ser só sujeira.”

Se divertindo, ele levantou as sobranceiras e olhou para a vasilha praticamente vazia de pretzels cobertos de chocolate “O que, você fez foi colocar toda a sua cabeça dentro da vasilha para comer mais rápido?”

“Cala a boca”, eu disse, mas não pude evitar sorrir.

A única luz na sala era a da TV. Era tão irreal, estar assim com ele. Uma reviravolta de verdade, que fazia parecer destino. Eu tremi e trouxe meus cobertores mais pra perto de mim.

Tirando o casaco, ele disse “Quer que eu acenda a lareira?” Na mesma hora eu falei “Sim! Eu não conseguir fazer isso de jeito nenhum.”

“É necessário um toque especial”, ele disse com seu jeito arrogante. Eu sabia que era apenas pose. Era tudo tão familiar. Nós estivemos aqui antes, exatamente assim, apenas dois natais atrás. Tanta coisa aconteceu desde daquele dia. Ele tinha toda uma vida nova agora, e eu também.

Ainda, de alguma maneira, parecia que nenhum tempo ou distância havia passado entre nós. De alguma maneira, parecia o mesmo.

Talvez ele estivesse pensando a mesma coisa, porque disse “Talvez seja um pouco tarde para uma fogueira. Eu acho que vou apenas dormir”. Do nada, ele se levantou e foi pras escadas. Ele se virou e perguntou “Você vai dormir aqui embaixo?”

“Sim, estou bem aqui”, eu disse rápido “Tão aconchegada como um inseto em um casaco.”

Quando ele alcançou as escadas, Conrad parou e então disse “Feliz Natal, Belly. É realmente muito bom te ver.”

“Você também.”

Na manhã seguinte, na hora que acordei, tinha esse pressentimento engraçado que ele já tinha ido embora. Eu não sei por quê. Corri até as escadas para checar, e na hora que estava chegando perto do corredor, tropecei nos meus pijamas e caí de costas, batendo minha cabeça no caminho.

Fiquei deitada lá, com lágrimas nos olhos, olhando para o teto. A dor era surreal. Então a cabeça de Conrad apareceu em cima da minha. “Tá tudo bem?”, ele perguntou, a boca cheia de comida, cereal provavelmente. Ele tentou me ajudar a sentar e descartei ele com a mão.

“Me deixe em paz”, eu choraminguei, esperando que se piscasse muito rápido, minhas lágrimas secariam.

“Você tá machucada? Consegue se mover?”

“Eu pensei que você já tinha ido embora”, disse.

“Não. Continuo aqui.”, ele se ajoelhou ao meu lado. “Me deixe apenas tentar te levantar.”

Balancei minha cabeça, fazendo que não.

Conrad deitou do meu lado no chão e nós dois ficamos deitados lá, no piso de madeira, como se fossemos começar a fazer anjos na neve “O quanto dói em uma escala de um até dez? Você se sente como se tivesse arrancado algo?”

“Numa escala de um até dez... tá doendo onze.”

“Você é tão bebezinha quando o assunto é dor.”, ele disse, mas parecia preocupado.

“Eu não sou”, estava para provar que ele estava certo. Eu até podia escutar o quão chorona minha voz parecia.

“Hey, essa queda que você levou não foi brincadeira. Foi como aquelas quedas que a gente vê em desenhos animados, aquelas com casca de banana.”

Então eu não tinha mais vontade de chorar. “Você tá me chamando de animal?”, exigi, virando minha cabeça para olhar para ele. Ele estava tentando manter uma cara séria, mas os cantos da boca dele insistiam em levantar.

Então ele virou a cara dele para olhar para mim e nós dois começamos a rir. Eu ri tanto que minhas costas doíam mais.

No meio da risada, eu parei e disse “Ai.”

Ele se sentou e disse “Eu vou pegar você e te levar até o sofá.”

“Não”, protestei fracamente. “Eu sou pesada demais pra você. Eu vou levantar em um minuto, só me deixe aqui por enquanto.” Conrad congelou, pude perceber que ele estava ofendido. “Eu sei que eu não posso fazer o supino com pesos como Jere, mas eu posso carregar uma garota, Belly.”

Eu pisquei. “Não é nada disso. Sou mais pesada do que você imagina.

Você sabe, freshman fifteen e tudo isso.” Meu rosto ficou vermelho, e eu momentaneamente esqueci o tanto que minhas costas doíam e o quanto eu me senti estranha quando ele falou de Jere. Eu apenas me senti envergonhada.

Numa voz calma, ele disse “Bem, você parece à mesma pra mim.” Então, bem gentilmente, ele me tirou do chão para os seus braços. Eu coloquei um braço ao redor de seu pescoço e disse “É

mais pra dez, freshman dez.” Ele disse “Não se preocupe, eu aguento você”

Ele me carregou até o sofá e me sentou. “Eu vou pegar um Advil, vai ajudar um pouco.”

Olhando para ele, eu tive um pensamento repentino.

Ai meu deus, eu ainda o amo.

Eu pensava que meus sentimentos por Conrad estavam trancafiados de maneira segura, como meus antigos patins e aquele relógio dourado que papai comprou pra mim assim que comecei saber as horas. Mas só porque você enterra algo, não significa que deixou de existir. Esses sentimentos, eles estiveram aqui o tempo todo. O tempo todo. Eu apenas tinha que encará-lo. Ele era parte do meu DNA. Eu tinha o cabelo castanho, tinha sardas e sempre teria Conrad no meu coração. Ele sempre ocuparia um pedaço pequenininho dele, aquele pedaço menininha que ainda acreditava em musicais, mas era isso. Era só isso que ele tinha. Jeremiah ia ter todo o resto – o eu de agora, o eu do futuro. Isso que era importante. Não o passado.

Talvez fosse assim com os primeiros amores, eles possuíam uma pequena parte do seu coração, sempre. Conrad aos doze, treze, catorze, quinze, dezesseis, até dezessete anos. Até o resto da vida, eu pensaria nele com afeto, da mesma maneira que você faz com seu primeiro bichinho de estimação, o primeiro carro que você dirige. Primeiros são muito importantes.

Mas eu tinha quase certeza que os últimos eram ainda mais importantes. E

Jeremiah, ele seria meu último, meu tudo e meu sempre.

Conrad e eu passamos o resto do dia juntos, mas não juntos. Ele acendeu a lareira, e então leu na mesa da cozinha enquanto eu assistia *É uma Vida Maravilhosa*. No almoço, nós tivemos sopa de tomate em lata e o resto dos meus pretzels cobertos de chocolate. Então ele saiu para uma corrida na praia e eu me conformei com *Casablanca*. Eu estava enxugando lágrimas dos cantos dos olhos com a manga da minha camisa quando ele voltou “Esse filme faz meu coração doer”, choraminguei.

Tirando seu casaco de lã, Conrad disse “Por quê? Tem um final feliz. Ela estava melhor com Laszlo.”

Eu olhei para ele, surpresa “Você já assistiu *Casablanca*?”

“Claro, é um clássico.”

“Então, obviamente você não estava prestando atenção, porque Rick e Ilsa foram feitos um para o outro.”

Conrad resmungou “A pequena história de amor deles não é nada comparado ao trabalho que Laszlo está fazendo pela Resistência.” Assoando meu nariz com um guardanapo, eu disse “Para

um cara jovem, você é muito cético.”

Ele revirou os olhos “E para uma garota supostamente crescida, você é muito emocional.”

Ele foi para as escadas.

“Robô!”, gritei para as costas dele “Homem de lata!” Eu ouvi ele rindo enquanto fechava a porta do banheiro.

Na manhã seguinte, Conrad tinha ido embora. Ele se foi exatamente da maneira que eu achei que ele iria. Sem adeus, sem nada. Apenas havia ido, como um fantasma. Conrad, o fantasma do Natal.

Jeremiah me ligou quando eu estava voltando de Cousins. Ele perguntou o que eu estava fazendo, disse para ele que estava dirigindo de volta pra casa, mas o que não lhe contei foi de onde estava vindo. Foi uma decisão de último segundo. Naquele momento não sabia por que tinha mentido. Eu só sabia que não queria que ele soubesse.

Decidi que Conrad estava certo depois de tudo. Ilsa devia ficar com Laszlo, era o jeito que as coisas deviam ser no final. Rick não era nada, além de um pequeno pedaço de seu passado, um pedaço que ela sempre iria apreciar, mas era só isso, porque estória é apenas isso, estória.

Capítulo Nove

Depois que deixei o quarto de Anika, liguei meu telefone. Havia mensagens de texto e e-mails de Jeremiah, e eles continuavam chegando. Eu me emburruhei e li todos eles, cada um deles.

Então eu os reli, e quando havia terminado, finalmente escrevi de volta para ele e disse “Eu preciso de um tempo”. Ele escreveu OK, e essa foi a última mensagem que recebi dele o dia inteiro. Eu continuava checando meu celular para ver se havia algo novo vindo dele, e quando não havia, eu ficava desapontada, apesar de saber que não tinha direito de estar. Eu queria que ele me deixasse sozinha, e queria que ele continuasse tentando consertar as coisas, mas não sabia o que queria, como ele poderia consertar as coisas?

Continuei no meu quarto, fazendo as malas. Eu estava com fome e ainda tinha dinheiro no meu vale alimentação, mas estava com medo de encontrar com Lacie no campus. Ou pior, Jeremiah.

Ainda, era bom ter algo para fazer e poder aumentar o som sem ter que ouvir minha colega de quarto Jillian reclamar.

Quando eu não consegui mais aguentar a fome, liguei para Taylor e contei tudo pra ela. Ela gritou tão alto que tive que segurar o telefone longe do meu ouvido. Ela veio até meu quarto com uns burritos e um shake de morango e banana. Ela continuava balançando a cabeça e dizendo “Aquele vadia Zetha Phi.”

“Não foi só ela, foi ele também.”, eu disse, entre mordidas no meu burrito.

“Ah, eu sei. Você só espera. Eu vou arranhar a cara dele quando encontrá-lo. Eu vou deixar ele tão arranhado que nenhuma garota vai ficar com ele de novo, nunca mais.” Ela checou suas unhas, feitas na manicure, como se fosse artilharia “Quando for ao salão amanhã, vou dizer para Danielle para deixa-las afiadas.”

Meu coração afundou. Há coisas que somente aquele amigo que você conhece a vida inteira é capaz de dizer, e instantaneamente, me senti melhor.

“Você não precisa deixar cicatrizes nele.”

“Mas eu quero”, ela entrelaçou nossos dedos mindinhos “Você tá bem?” Eu assenti, “Melhor, agora que você está aqui.”

Quando estava terminando meu shake, Taylor me perguntou “Você acha que vai aceitá-lo de volta?”

Eu estava surpresa e realmente aliviada em não ouvir nenhum julgamento em sua voz, “O que você faria?”, perguntei a ela.

“É você quem sabe”

“Eu sei, mas... você aceitaria ele de volta?”

“Em circunstâncias normais, não. Se algum cara me traísse, enquanto nós estivéssemos brigados, se ele sequer olhasse para outra garota, não. Ele seria um idiota.”, ela mastigou seu salgadinho. “Mas Jeremy não é um cara qualquer. Vocês tem uma história juntos.”

“O que aconteceu com tudo aquilo de deixá-lo com cicatrizes?”

“Não distorce as coisas, eu o odeio agora. Ele ferrou tudo de uma maneira gigantesca, mas ele nunca será um cara qualquer, não para você. Isso é um fato.”

Eu não disse nada, mas sabia que ela estava certa.

“Eu poderia juntar minhas irmãs na irmandade e ir esvaziar os pneus dele essa noite.” Taylor deu uma empurradinha no meu ombro “Hmm... o que você acha?”

Ela estava me fazendo rir. Funcionou. Eu ri pela primeira vez no que parecia muito tempo.

Capítulo Dez

Depois de nossa briga no verão, antes do último ano do colégio, eu realmente achava que eu e Taylor faríamos as pazes rápido, como nós sempre fazíamos. Eu pensei que demoraria, no máximo, uma semana. Por que ficaríamos com raiva? Certo, nós duas falamos coisas que machucaram – eu a chamei de criança, ela me chamou de melhor amiga de merda, mas não era como se nós nunca tivéssemos brigado antes. Melhores amigas brigam.

Quando eu voltei de Cousins, coloquei os sapatos e as roupas de Taylor em uma bolsa, pronta para levá-los até a casa dela, assim que ela me desse o sinal de que nós não estávamos mais com raiva uma da outra. Sempre era a Taylor quem dava o sinal, a que iniciava as pazes.

Eu esperei, mas não veio. Eu fui até a casa da Marcy algumas vezes, esperando esbarrar com ela e, então, seríamos forçadas a resolver as coisas.

Todas as vezes que fui até a casa da Marcy, ela nunca foi. Semanas se passaram, o verão estava quase acabando.

Jeremiah continuava dizendo a mesma coisa que ele disse o verão inteiro, “Não se preocupe, vocês vão fazer as pazes. Vocês sempre fazem as pazes.”

“Você não entende, dessa vez não é como as outras.” Eu disse a ele “Ela nem sequer olha pra mim.”

“Tudo isso por causa de uma festa.”, ele disse, o que me deixou com raiva.

“Não é por causa de uma festa.”

“Eu sei, eu sei – espera um segundo, Bells.” Eu o ouvi falando com alguém, então ele voltou pro telefone.

“Nossas asas de frango acabaram de chegar. Quer que eu te ligue quando eu acabar de comer? Eu posso comer rápido.”

“Não, tá tudo bem”, eu disse.

“Não fique com raiva.”

“Não estou” e eu não estava. Não de verdade. Como ele poderia entender o que estava acontecendo comigo e com a Taylor? Ele era um cara, ele não entendia, ele não sabia como era importante, como era verdadeiro e realmente vital para mim que eu e Taylor começássemos o último ano da escola, uma ao lado da outra.

Então porque eu não podia simplesmente ligar pra ela? Era parte orgulho, parte outra coisa. Era eu quem havia estado distante todo esse tempo, era ela que ainda estava com raiva, talvez, eu

pensei, eu estava crescendo, deixando-a no passado, talvez, fosse tudo pelo melhor.

Nós teríamos que dizer adeus no outono após o fim das aulas, talvez seria mais fácil desse jeito, talvez nós fôssemos muito dependentes uma da outra, talvez mais eu dependente dela do que ao contrário, e agora eu precisasse ficar sozinha. Foi isso que eu me disse.

Quando eu disse isso para Jeremiah na noite seguinte, ele disse,

“Apenas, liga pra ela.”

Eu tinha certeza que ele só estava cansado de me ouvir falando sobre isso, então disse, “Talvez. Irei pensar sobre isso.” A semana antes das aulas começarem, a semana que geralmente eu voltava de Cousins, nós sempre íamos a nossas compras „de volta as aulas”

juntas. Sempre. Nós vínhamos fazendo isso desde a quinta série. Ela sempre sabia o tipo certo de jeans que devíamos comprar. Nós íamos na Bath e Body Works e comprávamos promoções do tipo “Compre três e leve um grátis”, e então voltávamos para casa e dividíamos tudo, até que cada uma tinha um creme, uma loção para corpo e uma esponja. Nós tínhamos estoque até o natal, no mínimo.

Nesse ano, eu fui com a minha mãe. Minha mãe odiava fazer compras.

Nós estávamos esperando na fila para pagar pelos jeans quando Taylor e a mãe dela entraram na loja, carregando cada uma, uma sacola. “Luce!” minha mãe chamou.

Sra. Jewel acenou e veio direto até nós, com Taylor indo atrás dela, usando óculos de sol e shorts.

Minha mãe abraçou Taylor e a sra. Jewel me abraçou e disse “Faz tempo que não lhe vejo, querida.”

Para minha mãe, ela disse “Laurel, você acredita que nossas garotinhas estão tão crescidas? Meu Deus, eu me lembro de quando elas insistiam em fazer tudo sozinhas. Banhos, cabelos, tudo.”

“Eu lembro”, minha mãe disse, sorrindo.

Eu olhei para Taylor. Nossas mães continuaram conversando, e nós ficamos lá, olhando uma para outra, mas não de verdade.

Depois de um minuto, Taylor puxou seu celular. Eu não queria deixar esse momento passar sem falar nada pra ela. Eu perguntei “Você conseguiu encontrar algo bom?”

Ela assentiu. Como ela estava usando óculos escuros, era difícil saber o que ela estava pensando, mas eu conhecia Taylor bem. Ela adorava se gabar sobre seus achados.

Taylor hesitou e então disse “Eu comprei algumas botas com 25% de desconto, e uns dois vestidos de verão que eu posso usar no inverno, com meias calça e casaco.”

Eu assenti. Então era nossa vez de pagar, e eu disse “Bem, te vejo no colégio.”

“Até mais”, ela disse, se virando.

Sem pensar, eu entreguei o jeans para minha mãe e parei Taylor. Poderia ser a última vez que falaríamos uma com a outra, se eu não falasse nada.

“Espera”, eu disse “Você quer ir lá em casa hoje à noite? Eu comprei uma saia nova, mas eu não sei se devia usar camiseta com ela ou o que...” Ela pressionou seus lábios por um segundo e então disse “Okay, me ligue.”

Taylor foi lá em casa naquela noite. Ela me mostrou como usar a saia –

com que sapatos ficavam melhor e com quais tops. As coisas ainda não estavam normais entre a gente, ainda não, ou talvez nunca. Nós estávamos crescendo, ainda estávamos descobrindo como estarmos uma na vida da outra, sem ser tudo uma para outra.

A ironia de verdade foi que terminamos na mesma universidade. De todas as universidades de todo mundo, nós terminamos na mesma. Era destino. Nós nascemos para ser amiga uma da outra. Nós nascemos para estar na vida uma da outra, e quer saber? Eu aceitava isso de braços abertos. Nós não estávamos juntas o tempo todo como costumava ser - ela tinha as amigas de irmandade e eu minhas amigas do dormitório. Mas nós tínhamos uma à outra.

Capítulo Onze

No dia seguinte, eu não podia mais aguentar. Eu liguei para o Jeremiah.

Falei que precisava vê-lo, que ele devia vir até aqui e minha voz tremeu quando falei. Pelo telefone, eu pude ouvir como ele estava grato, desesperado para consertar as coisas. Eu tentei justificar para mim mesma o fato de ter ligado pra ele tão rápido, me falando que eu precisava falar com ele, cara a cara, para conseguir seguir em frente. A verdade era, que sentia falta dele. Eu, assim como provavelmente ele também, queria descobrir uma maneira de esquecer o que ele havia feito.

Mas por mais que eu sentisse a falta dele, quando eu abri minha porta e vi seu rosto, toda a dor voltou, rapidamente e com mais força. Jeremiah pode perceber também. De primeira, ele parecia esperançoso, mas depois ele só parecia devastado. Quando ele me puxou pra ele, eu queria abraçá-lo, mas eu não conseguia.

Então eu balancei a minha cabeça e saí de perto dele.

Nós sentamos na minha cama, costas encostadas na parede, nossas pernas penduradas na beira da cama.

Eu disse “Como posso saber que você não vai fazer isso de novo? Como posso me confiar nisso?”

Ele levantou. Por um segundo, eu pensei que ele estava indo embora, meu coração quase parou.

Mas então ele se ajoelhou, se apoiando em apenas um joelho, bem na minha frente. Bem devagar e baixinho, ele falou “Você poderia casar comigo.” De primeira, eu não tinha certeza se havia escutado corretamente. Mas então, ele falou de novo, dessa vez mais alto “Case comigo.” Ele enfiou a mão no bolso e tirou um anel.

Um anel de prata com um pequeno diamante no centro. “Isso seria só para oficializar, até que eu possa pagar por um anel – com meu dinheiro, não com o do meu pai.”

Eu não podia sentir meu corpo. Ele continuava falando, mas eu sequer conseguia escutar. Tudo que podia fazer era encarar o anel na mão dele.

“Eu te amo tanto. Esses últimos dias sem você foram um inferno.” Ele parou e inspirou “Eu sinto tanto por ter te magoado, Bells. O que eu fiz - foi imperdoável. Eu sei que machuquei nós dois, que vou ter que dar muito duro para que você volte a confiar em mim. Farei o que foi necessário, se você me aceitar. Você... estaria disposta a me deixar tentar?”

“Eu não sei”, eu sussurrei.

Ele engoliu e seu pomo de adão desceu e subiu. “Eu vou tentar, de verdade, eu juro pra você. Nós vamos alugar um apartamento perto do campus, nós vamos ajeitá-lo, eu vou lavar roupa,

vou aprender a cozinhar outras coisas além de Nissin Miojo e cereal.”

“Colocar cereal em uma tigela não é cozinhar de verdade.”, eu disse olhando para o outro lado, porque essa imagem que ele estava colocando na minha cabeça era muito. Eu podia ver perfeitamente, como iria ser doce. Nós dois, começando de novo, na nossa própria casa.

Jeremiah segurou minhas mãos, e eu as tirei de seu alcance. Ele disse

“Você não vê, Belly? Sempre foi nossa história. Minha e sua. De mais ninguém.”

Eu fechei meus olhos, tentando limpar meu pensamento. Abrindo os olhos, eu disse “Você só quer casar comigo para apagar o que você fez.”

“Não, não é isso. O que aconteceu na outra noite” – ele hesitou - “me fez perceber algo. Eu não quero ficar sem você. Nunca. Você é a única garota pra mim. Eu sempre soube. Em todo o mundo, nunca irei amar uma outra garota da mesma maneira que amo você” Ele pegou minhas mãos novamente, e dessa vez não tirei minhas mãos do seu alcance. “Você ainda me ama?” ele perguntou.

Eu engoli “Sim.”

“Então, por favor, case comigo.”

“Você não pode me machucar daquele jeito de novo.” Era metade um aviso e metade um apelo.

“Eu não irei” ele disse, e eu sabia que ele falava sério.

Ele olhou pra mim tão determinado, tão seriamente. Eu conhecia suas expressões muito bem, provavelmente melhor do que ninguém agora. Cada linha, cada curva. A pequena ondulação no seu nariz de quando ele quebrou surfando, a cicatriz que agora quase desaparecia daquela vez que ele e Conrad estavam lutando na sala e eles derrubaram uma planta. Eu estava lá nesses momentos. Talvez eu conhecesse seu rosto mais do que conhecia o meu próprio – as horas que passei olhando para seu rosto enquanto ele caía no sono, passando meu dedo na sua bochecha. Talvez ele havia feito as mesmas coisas comigo.

Eu não queria ver uma marca no rosto dele um dia e não saber como havia acontecido. Eu queria estar com ele. Ele era o rosto que eu amava. Sem falar nada, eu tirei minha mão esquerda da sua, e o rosto de Jeremiah afrouxou. Então eu estiquei minha mão pra ele, e seus olhos levantaram. A alegria que eu senti naquele momento – eu não poderia colocar em palavras.

Sua mão tremia enquanto ele colocava o anel no meu dedo.

Ele perguntou “Isabel Conklin, você aceita casar comigo?” em uma voz séria que eu nunca havia ouvido.

“Sim, eu aceito.”

Ele colocou seus braços ao meu redor e nós nos abraçamos, bem agarrados, como se fossemos o porto seguro um do outro. Tudo que eu podia pensar era, se nós sobrevivemos a essa tempestade, tudo vai dar certo. Ele cometeu erros, eu também. Mas nós amávamos um ao outro e isso era o que importava.

Nós fizemos planos a noite inteira – onde iríamos viver, como contaríamos aos nossos pais. Os últimos dias pareciam anos distantes. Naquele dia, sem mais, nós decidimos deixar o passado no passado. O futuro era para onde estávamos indo.

Capítulo Doze

Aquela noite, eu sonhei com Conrad. Eu tinha a mesma idade que tinha agora, mas ele era mais novo, dez ou onze anos. Eu acho que ele estava usando um macacão. Nós brincamos do lado de fora da minha casa até que escureceu, apenas correndo pelo jardim.

Eu disse “Susannah vai se perguntar onde você está, você devia ir pra casa.”

Ele disse “Eu não posso, eu não sei como. Você vai me ajudar?” E então, estava triste, porque eu também não sabia como. Nós não estávamos mais na minha casa e estava tudo tão escuro. Nós estávamos na floresta. Nós estávamos perdidos.

Quando eu acordei, eu estava chorando e Jeremiah estava dormindo ao meu lado. Eu sentei na cama, estava escuro, a única luz acesa no quarto era a do despertador. Eram 4:57. Me deitei novamente.

Eu limpei meus olhos e respirei o cheiro do Jeremiah, a suavidade de seu rosto, a maneira como seu peito levantava e descia enquanto ele respirava. Ele estava lá. Ele era sólido e real e estava ao meu lado, encolhido bem próximo, como você fica quando está dividindo uma cama de dormitório. Nós estávamos próximos assim. Os últimos três dias pareciam anos distantes.

Na manhã seguinte, quando acordei, não lembrei de primeira. O sonho estava lá no fundo da minha mente em um lugar que eu não podia chegar.

Estava apagando rápido, desaparecendo, mas não por completo, ainda não.

Tive que me concentrar e juntar todas as peças e me agarrar a isso.

Comecei a me sentar na cama, mas Jeremiah me puxou pra perto dele e disse “Só mais cinco minutos”. Ele era como uma grande esponja, e eu uma esponja pequena, presa no meu lugar, dentro dos braços dele.

Eu fechei meus olhos, me forçando a lembrar antes que desaparecesse.

Como aqueles últimos segundos, antes do sol se pôr – se pondo, se pondo e então se foi. Lembrar, lembrar ou então o sonho iria embora pra sempre.

Jeremiah começou a falar algo sobre o café da manhã, eu cobri sua boca e disse “Shh, um segundo.”

E então estava ali. Conrad, e como ele estava engraçado no seu macacão jeans, nós dois brincando lá fora, durante horas. Eu soltei minha respiração, eu me sentia tão aliviada.

“O que você estava falando?” Eu perguntei a Jeremiah.

“Café-da-manhã” ele disse, dando um beijo na minha palma.

Me aconchegando nele, eu disse “Só mais cinco minutos.”

Capítulo Treze

Eu queria contar para todos, cara-a-cara, de uma só vez. De uma maneira estranha, seria o momento perfeito, nossas famílias estariam juntas em Cousins, dentro de uma semana. Um grupo de auxílio a mulheres que Susannah havia se voluntariado e levantado fundos, havia plantado um jardim em sua homenagem e iria haver uma pequena cerimônia no próximo domingo.

Todos nós iríamos – eu, Jere, minha mãe, seu pai, Steven. Conrad.

Eu não havia visto Conrad desde o Natal. Ele deveria ter voltado para o aniversário de cinquenta anos da minha mãe, mas ele furou no último minuto.

“Típico do Con” Jeremiah havia dito, balançando sua cabeça em negação.

Ele olhou pra mim, esperando que eu concordasse, eu não disse nada.

Minha mãe e Conrad tinham um relacionamento especial, sempre haviam tido. Eles se entendiam de uma maneira que eu não conseguia entender.

Depois que Susannah morreu, eles se tornaram próximos, talvez porque ambos sofreram seu luto da mesma maneira – sozinhos. Minha mãe e Conrad se falavam frequentemente no telefone, sobre o que, eu não sei. Então quando ele não veio, eu podia ver o quanto ela estava desapontada, apesar de ela não ter falado nada. Eu queria falar pra ela, ame-o quanto quiser, mas não espere nada em troca. Conrad não era alguém que você podia contar.

Ele havia mandado um lindo buquê de zinnias, pelo menos.

“Minhas favoritas” ela disse, radiante.

O que ele iria dizer quando nós lhe contássemos as novidades? Eu não podia imaginar. Quando se falava do Conrad, eu nunca tinha certeza de nada.

Eu estava preocupada, também, sobre o que minha mãe iria dizer. Jeremiah não estava preocupado, mas em geral, ele raramente estava.

Ele disse “Quando eles souberem que nós estamos levando a sério, eles terão que concordar, porque não serão capazes de nos impedir. Nós somos adultos agora.”

Nós estávamos andando pelo salão de refeições. Jeremiah soltou minha mão, pulou em um banco, jogou sua cabeça para trás e gritou “Ei, galera! Belly Conklin vai casar comigo!”

Algumas pessoas viraram para olhar e depois continuaram andando.

“Desce daí.”, eu disse, rindo e cobrindo meu rosto com meu capuz.

Ele pulou para o chão, esticou os braços, como se fosse um avião e começou a dar voltas ao redor do banco, ele voltou até mim e me levantou pelos braços.

“Vem, vamos voar.”, ele me encorajou.

Eu revirei meus olhos e mexi meus braços para cima e pra baixo.

“Feliz?”

“Sim” ele disse, me colocando de volta no chão.

Eu também estava feliz. Esse era o Jere que eu conhecia. Esse era o garoto da casa de praia. Ficarmos noivos, prometermos ser um do outro pra sempre, me fez sentir que mesmo com todas as mudanças nos últimos anos, ele ainda era o mesmo garoto e eu a mesma garota. Ninguém podia tirar isso de nós, não mais.

Capítulo Catorze

Meu pai estava chegando no dia seguinte pra ajudar na minha mudança dos dormitórios. Eu sabia que tinha que falar com Taylor e Anika antes de ir pra casa, eu pesei os prós e contras de contar para as duas ao mesmo tempo, mas eu sabia que Taylor ficaria chateada se eu juntasse ela, minha amiga mais antiga, com Anika, que eu conhecia há menos de um ano. Eu tinha que contar pra Taylor primeiro. Eu devia isso a ela.

Eu sabia que ela ia falar que nós éramos loucos, fazer as pazes e voltar a namorar era uma coisa, mas casar era uma coisa completamente diferente. Ao contrário da maioria das irmãs da sociedade dela, Taylor não queria casar até que tivesse, no mínimo, vinte e oito anos.

Eu liguei e pedi pra ela me encontrar no Drip House, a cafeteria onde todo mundo estudava, contei a ela que tinha novidades, ela tentou me fazer contar pelo telefone, mas eu resisti dizendo “É daquele tipo de notícia que tem que contar pessoalmente.”

Taylor já estava sentada com seu café descafeinado quando cheguei lá, ela estava com seus Ray-bans e estava mandando mensagens no celular, ela baixou o telefone quando me viu.

Eu sentei de frente pra ela, tomando cuidado para deixar minha mão no colo.

Tirando os óculos de sol, ela disse, “Você tá parecendo bem melhor hoje.”

“Valeu, Tay. Eu me sinto bem melhor.”

“E aí?” ela disse me examinando “Vocês voltaram? Ou vocês terminaram de vez?”

Eu levantei minha mão esquerda, toda elegante. Ela olhou pra mão, confusa. Então seus olhos focaram no anel no meu dedo.

Os olhos de Taylor ficaram enormes. “Você tá de brincadeira comigo, você tá noiva?!” ela gritou, várias pessoas viraram e olharam para nós, aborrecidos. Eu me encolhi um pouco na minha cadeira. Agarrando minha mão, ela disse, “Ai meu Deus! Me deixe ver isso!” Eu podia perceber que ela achava que era pequeno demais, mas eu não me importava.

“Ai meu Deus” ela disse, ainda olhando para o anel.

“Eu sei” eu disse.

“Mas Belly... ele te traiu.”

“Nós estamos começando de novo. Eu realmente o amo, Tay.”

“Sim, mas o momento é meio suspeito.” ela disse devagar. “Assim, foi bem repentino.”

“Foi e não foi. Você mesma disse. É do Jere que nós estamos falando.

Ele é o amor da minha vida.”

Ela apenas olhou pra mim, de queixo caído. Ela falou agoniada.

“Mas – mas por que você não pode esperar até você terminar a faculdade?”

“Nós não vemos por que devemos esperar se vamos casar de qualquer jeito.” Eu tomei um gole da bebida da Taylor “Nós vamos alugar um apartamento, você pode me ajudar a escolher cortinas e coisas desse tipo.”

“Eu acho” ela disse “Mas espera, e a sua mãe? A Laurel ficou fula da vida?”

“Nós vamos contar para minha mãe e o pai dele no próximo final de semana, em Cousins e, depois vamos falar para o meu pai.” Ela se animou “Então pera, ninguém sabe ainda? Só eu?” Eu assenti, e pude perceber que Taylor estava feliz por isso. Ela amava ser a primeira a saber de um segredo – era uma das suas coisas favoritas na vida.

“Vai ser um apocalipse.” ela disse, pegando sua bebida de volta “Tipo, corpos mortos. Tipo, sangue nas ruas. E quando eu digo sangue, eu tô falando do seu sangue.”

“Credo, muito obrigado, Tay.”

“Eu estou apenas falando a verdade. Laurel é a maior feminista da face da Terra, ela é tipo a Gloria Stein5, ela não vai gostar nadinha. Ela vai virar o exterminador do futuro e acabar com a raça do Jere. E com a sua.”

“Minha mãe ama o Jeremiah, ela e Susannah sempre falaram sobre eu casar com um dos filhos dela. Vai ser como um sonho se tornando realidade pra ela, na verdade, eu posso apostar nisso.” Eu sabia que isso estava muito longe da verdade na mesma hora que falei.

Taylor também não parecia convencida. “Talvez.” ela disse “Então quando é que vai ser?”

“Em agosto.”

“Isso é muito, muito rápido. Mal dá tempo pra gente planejar.” Mastigando o canudo, ela deu uma olhada pra mim “E as madrinhas? Você vai ter dama de honra?”

“Eu não sei... Nós queremos que seja bem pequeno. Nós vamos fazer na casa em Cousins. Bem casual, tipo, não muita coisa.”

“Não muita coisa? Você está casando e você não quer que seja muita coisa?”

“Eu não falei nesse sentido. Eu apenas não me importo com todas essas coisas. Tudo que eu quero é estar com Jeremiah.”

“Todas, que coisas?”

“Tipo, madrinhas, bolo de casamento, coisas desse tipo.”

“Mentirosa!” Ela apontou seu dedo pra mim “Você queria 5 damas de honra e um bolo de cenoura de quatro andares, você queria uma escultura de gelo em formato de coração com suas iniciais cravadas no meio, o que, por sinal, é meio nojento.”

“Tay!”

Ela levantou sua mão pra me calar “Você queria uma banda ao vivo e salgadinhos de caranguejo e uma chuva de balões depois da sua primeira dança. Qual era a música que ia ser sua primeira dança?”

“Stay do Maurice Williams and The Zodiacs” Eu disse automaticamente

“Mas Taylor, eu provavelmente tinha uns 10 anos de idade quando disse essas coisas.” Apesar disso, eu estava feliz por ela lembrar, mas acho que eu 5 **Gloria Steinem** é uma jornalista estadunidense, célebre por seu engajamento com o feminismo e sua atuação como escritora e palestrante, principalmente durante a década de 1960. também lembrava de tudo que Taylor queria pro seu casamento também.

Pombos, luvas com pequenos laços, saltos rosa-choque.

“Você deveria ter tudo que você quiser, Belly” Taylor disse, com seu queixo empinado do jeito teimoso Taylor de ser. “Você só se casa uma vez.”

“Eu sei, mas nós não temos o dinheiro. E de qualquer maneira, eu não me importo com essas coisas mais, isso era coisa de criança” Talvez eu não precisasse fazer tudo isso, só algumas coisas. Talvez eu ainda pudesse ter um casamento de verdade, só que simples. Porque iria ser legal usar um vestido de casamento e fazer a dança pai-e-filha com o meu pai.

“Eu pensava que o pai do Jeremiah tinha dinheiro. Ele não pode pagar pra te dar um casamento de verdade?”

“De maneira alguma minha mãe vai deixá-lo pagar por isso. Além disso, como eu disse, nós não queremos nada muito chique.”

“Okay” ela cedeu. “Nós vamos esquecer a escultura de gelo então. Mas balões são baratos – nós ainda podemos fazer os balões. E o bolo de cenoura, nós podemos fazer um só com duas camadas, eu acho. E eu não quero nem saber, você vai usar um vestido de casamento.”

“Isso parece bom.” Eu concordei, tomando um gole da sua bebida.

Era muito legal ter a bênção de Taylor. Era como se tivéssemos permissão para estarmos ansiosos, felizes por isso, algo que eu não sabia se precisava ou queria.

“E você vai ter madrinhas, ou pelo menos a dama de honra.”

“Eu vou ter você.”

Taylor parecia contente. “Mas e a Anika? Você não quer que a Anika seja madrinha?”

“Uhm, talvez.” Eu disse, e quando seu rosto caiu, só um pouco, eu acrescentei “Mas eu quero que você seja minha dama de honra, tá?” Os olhos de Taylor encheram de água “Eu estou tão honrada.” Taylor Jewel, minha amiga mais antiga no mundo inteiro. Nós passamos por muitas coisas juntas e eu sabia agora que era uma bênção que conseguimos sobreviver a tudo isso.

Capítulo Q uinze

Anika era a próxima, e eu estava receosa. Eu respeitava sua opinião. Eu não queria que ela pensasse menos de mim. A perspectiva de ser uma dama de honra não ia ter qualquer influência sobre ela.

Isso não era algo que ela se importaria de qualquer maneira.

Tínhamos decidido por um lugar juntas, em uma suíte com duas de nossas outras amigas, Shay e Lynn, no novo dormitório do outro lado do campus. Anika e eu estávamos comprando bonitos pratos e copos, ela estava trazendo sua geladeira, e eu estava levando minha TV. Tudo estava definido.

Estávamos saindo de seu quarto tarde da noite.

Eu estava arrumando seus livros dentro de uma caixa grande, e ela estava enrolando seus cartazes.

O rádio estava ligado, e a estação do campus estava tocando Madonna

"The Power of Good-Bye". Talvez fosse um sinal.

Sentei-me no chão, colocando o último livro, tentando angariar a coragem para dizer a ela. Nervosa, eu lambi meus lábios.

"Ani, eu tenho algo que eu preciso falar com você", eu disse.

Ela estava sofrendo com o cartaz do filme na parte de trás de sua porta.

"O que foi?"

Não há nada a perder... Não há coração não mais a contusão... Não há poder maior que o poder do adeus.

Eu engoli. "Eu me sinto muito mal por fazer isso com você."

Anika virou. "Fazer o quê?"

"Eu não vou ser capaz de dividir o quarto com você no próximo semestre."

Suas sobrancelhas estavam unidas. "O quê? Por quê? Aconteceu alguma coisa?"

"Jeremiah me pediu para casar com ele."

Ela fez uma tomada dupla. "Isabel Conklin! Cala a merda dessa boca."

Lentamente, eu levantei a minha mão.

Anika assobiou. "Uau. Isso é loucura."

"Eu sei."

Ela abriu a boca, depois fechou. Então disse: "Você sabe o que você está fazendo?"

"É. Acho que sim. Eu realmente o amo."

"Onde vocês vão viver?"

"Em um apartamento fora do campus." Eu hesitei. "Eu me sinto mal por deixar você. Você está louca?"

Balançando a cabeça, ela disse: "Eu não estou louca. Quero dizer, sim, é uma porcária que não vamos viver juntas, mas eu vou descobrir alguma coisa. Eu poderia perguntar Trina da minha equipe de dança. Ou minha prima Brandy pode estar transferindo para cá. Ela pode ficar em nosso quarto."

Então não foi um negócio tão grande depois de tudo, o meu não viver com elas. A vida continua, eu imaginei. Eu me senti um pouco melancólica, imaginando como seria se eu ainda fosse ficar no quarto. Shay era realmente boa em arrumar cabelo e Lynn gostava de assar cupcakes. Teria sido muito divertido.

Anika sentou-se na cama. "Eu vou ficar bem. Eu estou apenas...

surpresa."

"Eu também."

Quando ela não disse mais nada, perguntei: "Você acha que eu estou cometendo um erro enorme?"

Em sua forma cuidadosa, ela perguntou: "Será que importa o que eu penso?"

"Sim".

"Não cabe a mim julgar, Iz."

"Mas você é minha amiga. Eu respeito a sua opinião. Eu não quero que você pense mal de mim."

"Você se importa muito com o que as outras pessoas pensam."

Ela disse com firmeza, mas também ternura.

Se alguém tivesse dito isso, minha mãe, Taylor, mesmo Jere, eu teria me irritado. Mas não com Anika. Com ela, eu não poderia realmente importar.

De certa forma, era lisonjeiro ela me ver tão claramente e ainda gostar de mim.

Amizade na faculdade era diferente assim. Você gasta todo seu tempo com as pessoas, às vezes cada dia, cada refeição. Não havia como esconder quem você era quando estava na frente de seus amigos. Você estava apenas nu.

Especialmente na frente de alguém como Anika, que era tão franca e aberta e incisiva e dizia o que ela pensava. Ela não perdia nada.

Anika disse: "Pelo menos você nunca vai ter que usar sapatos de chuveiro de novo."

"Ou ter que puxar o cabelo de outras pessoas fora do ralo. O cabelo de Jeremiah é muito curto para ser pego."

"Você nunca vai ter que esconder o seu alimento." A colega de quarto de Anika, Joy, estava sempre roubando sua comida, e Anika tinha começado a esconder as barras de granola em sua gaveta de roupas íntimas.

"Eu poderia realmente ter que fazer isso. Jere come muito", eu disse, torcendo meu anel no meu dedo.

Fiquei um pouco mais de tempo, ajudando-a tirar o resto de seus cartazes, recolhendo os rolinhos de poeira em sua cama com uma meia velha que eu usei como uma luva.

Nós conversamos sobre o estágio na revista que Anika tinha se inscrito para o verão, e sobre talvez eu for visitá-la em Nova York por um fim de semana.

Depois, desci de volta para o meu quarto. Pela primeira vez durante o ano, foi muito tranquilo, sem secadores de cabelo, nenhuma sessão de telefone no corredor, nada de pipoca de micro-ondas na área comum. Um monte de gente já tinha ido para casa para o verão. Amanhã eu teria ido também.

A vida na faculdade como eu conhecia estava prestes a mudar.

Capítulo Dezesseis

Eu não tinha planos de começar a ir por Isabel. Simplesmente aconteceu. Toda a minha vida, todo mundo me chamou Belly e eu realmente não tinha uma palavra a dizer. Pela primeira vez, em um longo tempo, eu tinha uma palavra a dizer, mas não me ocorreu até que Jeremiah, minha mãe, meu pai, e eu, estávamos de pé na frente da minha porta do quarto no dormitório de calouro no dia da mudança. Meu pai e Jeremiah estavam arrastando a TV, a minha mãe tinha uma mala de viagem, e eu estava carregando um cesto de roupa com todos os meus produtos de higiene pessoal e molduras. O suor escorrendo por trás do meu pai, e tinha três pontos molhados em sua camisa.

Jeremiah estava suando muito, já que ele estava tentando impressionar meu pai durante toda a manhã, insistindo em trazer as coisas mais pesadas. Ele fez o meu pai se sentir estranho, eu poderia dizer.

"Belly, rápido," meu pai disse, respirando com dificuldade.

"Ela é Isabel agora," minha mãe disse.

Lembro-me da maneira que eu me atrapalhei com a minha chave quando eu olhei para a porta e vi. Isabel, dizia sobre cola de strass⁶. As etiquetas de porta da minha companheira de quarto e a minha eram feitas de caixas de CD vazias. Minha companheira de quarto, Jillian Capel, era um CD

da Mariah Carey, e o meu era do Prince.

As coisas de Jillian já foram desembaladas, no lado esquerdo da sala, mais perto da porta. Ela tinha uma colcha listrada, azul e laranja escuro.

Parecia ser nova. Ela já pendurou o cartaz, um pôster do filme *Trainspotting* e alguma banda que eu nunca tinha ouvido falar chamado *Runnig Water*.

Meu pai sentou-se à mesa vazia. Ele tirou um lenço e enxugou a testa.

Ele parecia muito cansado. "É um bom quarto", disse ele. "Boa luz."

Jeremiah estava apenas pairando ao redor, e ele disse: "Eu vou para o carro para pegar aquela caixa grande."

⁶ Cola usada para tecidos e pedrinhas para bijuterias.

Meu pai começou a se levantar. "Eu vou ajudar", disse.

"Eu faço isso", disse Jeremiah, pulando para fora da porta.

Meu pai sentou e parecia aliviado. "Eu vou fazer uma pausa, então", ele disse.

Enquanto isso, minha mãe estava examinando o quarto, abrindo o armário, procurando gavetas.

Eu me afundei na cama. Portanto, este era o lugar onde eu estava indo viver no próximo ano.

Ao lado, alguém tocava jazz. No final do corredor, eu podia ouvir uma menina discutindo com sua mãe sobre onde colocar o balde de lavanderia.

Parecia que nunca o elevador parava de apitar aberto e fechado. Eu não me importava. Eu gostei do barulho. Foi reconfortante saber que havia pessoas ao meu redor.

"Quer que eu desfaça suas roupas?" Minha mãe perguntou.

"Não, está tudo bem", eu disse. Eu queria fazer isso eu mesma. Então iria realmente parecer como meu quarto.

"Pelo menos me deixe fazer a sua cama, então", disse ela.

Quando chegou a hora de dizer adeus, eu não estava pronta. Eu pensei que estaria, mas eu não estava. Meu pai estava ali, com as mãos nos quadris.

Seu cabelo parecia realmente cinza na luz.

Ele disse: "Bem, nós deveríamos ir, se quisermos evitar a hora do rush".

Irritada, a minha mãe disse: "Nós vamos ficar bem."

Ao vê-los juntos assim, era quase como se eles não estivessem divorciados, como se ainda fossemos uma família. Eu estava abalada com esta súbita onda de gratidão. Nem todos os divórcios eram como o deles. Por Steven e por minha causa, eles fizeram isso funcionar e eles foram sinceros sobre isso. Havia ainda genuína afeição entre eles, mas mais do que isso: havia amor por nós. Foi o que fez possível eles se unirem em dias como este.

Eu abracei meu pai, e fiquei surpresa ao ver as lágrimas em seus olhos.

Ele nunca chorou. Minha mãe me abraçou rapidamente, mas eu sabia que era porque ela não queria me deixar ir. "Certifique-se de lavar os lençóis pelo menos duas vezes por mês", disse ela.

"Tudo bem", eu disse.

"E tente fazer a sua cama de manhã. Ela vai deixar seu quarto mais bonito."

"Tudo bem", eu disse de novo.

A minha mãe olhou para o outro lado da sala.

"Eu só desejava que nós pudéssemos ter encontrado sua companheira de quarto."

Jeremiah estava sentado na minha mesa, com a cabeça para baixo, mexendo em seu telefone quando nós dissemos adeus.

De repente, meu pai disse: "Jeremiah, você vai sair agora também?"

Assustado, Jeremiah olhou para cima. "Ah, eu ia levar Belly para jantar."

Minha mãe me lançou um olhar, e eu sabia o que ela estava pensando.

Algumas noites antes, ela tinha me dado este longo discurso sobre o encontro de novas pessoas e não gastar todo o meu tempo com Jere. Meninas com namorados, ela disse, limitam-se a um certo tipo de experiência na faculdade.

Eu tinha prometido a ela que eu não seria uma dessas meninas.

"Só não a traga de volta muito tarde," meu pai disse neste tipo realmente significativo do caminho.

Eu podia sentir meu rosto ficar vermelho, e desta vez minha mãe deu ao meu pai um olhar, o que me fez sentir ainda mais estranha. Mas Jeremiah disse, "Oh, sim, claro", em sua forma descontraída.

Eu conheci a minha companheira de quarto, Jillian, mais tarde naquela noite, depois do jantar. Ela estava no elevador, logo após Jeremiah me deixar na frente do dormitório. A reconheci imediatamente, a partir das fotos em sua cômoda. Ela tinha cabelo castanho encaracolado, e era realmente pequena, menor do que ela parecia nas fotos.

Fiquei ali, tentando descobrir o que dizer. Quando as outras meninas no elevador desceram no sexto andar, era só nós duas. Eu limpei minha garganta e disse: "Desculpe-me. Você é Jillian Capel?"

"Sim", ela disse, e eu poderia dizer que ela estava um pouco confusa.

"Eu sou Isabel Conklin," eu disse. "Sua companheira de quarto."

Eu me perguntei se eu deveria abraçá-la ou oferecer a minha mão. Eu não fiz nada, porque ela estava olhando para mim.

"Oh, oi. Como você está?" Sem esperar para eu responder, ela disse:

"Eu estou apenas voltando de um jantar com os meus pais." Mais tarde, eu iria saber que ela dizia: " *Como você está*" muito, como se fosse mais uma coisa a dizer, não algo que ela esperava uma resposta.

"Eu estou bem", eu disse. "Eu só tinha saído para jantar também."

Descemos do elevador então. Senti este animado tamborilar no meu peito, como wow, essa é minha companheira de quarto. Eu pensei muito sobre ela desde que eu tinha minha carta de habitação.

Jillian Capel de Washington, DC, não-fumante. Eu tinha imaginado que nós falaríamos a noite toda, uma partilha de segredos e sapatos e pipoca de micro-ondas.

Quando estávamos no nosso quarto, Jillian sentou-se na cama e disse:

"Você tem namorado?"

"Sim, ele está aqui também", disse, sentando em minhas mãos.

Eu estava ansiosa para ir direto ao papo de mulher e a ligação.

"Seu nome é Jeremiah. Ele é um estudante do segundo ano."

Dei um pulo e peguei uma foto de nós da minha mesa. Foi na festa de formatura, e Jeremiah estava usando uma gravata e ele parecia bonito nela.

Timidamente, eu entreguei a ela.

"Ele é muito bonito", disse ela.

"Obrigado. Você tem namorado?"

Ela assentiu com a cabeça. "Em casa".

"Certo", eu disse, porque era tudo que eu poderia pensar.

"Qual é o seu nome?"

"Simon".

"As pessoas sempre a chamam de Jill? Ou Jilly? Ou simplesmente Jillian?"

"Jillian. Você vai dormir cedo ou mais tarde?"

"Tarde. E você?"

"Cedo", disse ela, mordendo o lábio inferior. "Nós vamos descobrir algum jeito. Eu acordo cedo, também. E você?"

"Hum, claro, às vezes." Eu odiava acordar cedo, odiava mais do que quase qualquer coisa.

"Você gosta de estudar com música ou sem?"

"Sem?"

Jillian parecia aliviada. "Ah, bom. Eu odeio barulho quando eu estudo.

Eu preciso do lugar realmente quieto." Ela acrescentou: "Não é que eu seja um pé no saco ou qualquer coisa do tipo."

Eu balancei a cabeça. Os quadros das fotos dela estavam em ângulos perfeitos. Quando entrou no quarto, ela tirou a jaqueta jeans imediatamente. Eu só fazia minha cama quando tinha companhia. Gostaria de saber se minhas tendências desleixadas iriam a deixar nervosa. Eu esperava que não.

Eu estava prestes a dizer isso, quando ela virou o laptop.

Imaginei que tinha terminado as conversas por essa noite. Agora que meus pais tinham ido embora e Jeremiah estava em seu caminho de volta para sua casa de fraternidade, eu estava realmente sozinha. Eu não sabia o que fazer comigo mesma. Já tinha desempacotado. Estava esperando que pudéssemos explorar a sala juntas, conhecer pessoas. Mas ela estava tecendo, conversando com alguém. Provavelmente com seu namorado em casa.

Eu peguei o meu telefone celular da minha bolsa e mandei uma mensagem para Jeremiah. Você vai voltar?

Eu sabia que ele iria.

Para o quebra-gelo do salão, na noite seguinte, a nossa RA, Kira, nos disse para trazer um item pessoal que sentíamos nos representar melhor. Eu escolhi um par de óculos de proteção de natação. As outras meninas trouxeram animais empalhados e fotos emolduradas, e uma menina trouxe seu livro de modelagem. Jillian trouxe seu laptop.

Estávamos todas sentadas em círculo, e Joy estava sentada na minha frente. Ela estava segurando um troféu em seu colo. Foi por um campeonato estadual de futebol, que eu achava que era bastante impressionante. Eu realmente queria fazer amigas como Joy. Eu a tinha na minha cabeça desde a noite anterior, quando tínhamos conversado no banheiro de pijama, nós duas com nossos sapatos de chuveiro. Joy era baixa, com um cabelo estilo bob cor de areia e olhos claros. Ela não usava maquiagem. Ela era forte e segura de si, da maneira que as meninas que praticam esportes competitivos são.

"Eu sou a Joy", disse ela. "Meu time ganhou o campeonato estadual. Se alguma de vocês gosta de futebol, fale comigo e nós vamos ter uma liga de salão."

Quando foi a minha vez, eu disse: "Eu sou Isabel. Eu gosto de nadar", e Joy sorriu para mim.

Eu sempre pensei que a faculdade seria assim, como, amigos instantâneos, um lugar para pertencer. Eu não achei que seria tão difícil.

Eu pensei que haveria festas, mixers e corridas a meia-noite para a Waffle House. Eu estava na faculdade por quatro dias inteiros, e eu não tinha feito nenhuma dessas coisas.

Jillian e eu tínhamos comido no refeitório juntas, mas isso era tudo. Ela estava principalmente ao telefone com o namorado ou no computador. Não tinha sido feita qualquer menção de festas, boates ou fraternidade. Eu tive um sentimento que Jillian estava acima desse tipo de coisa.

Eu não estava, e Taylor também não. Eu tinha ido visitá-la uma vez que já estava instalada no dormitório, e ela e sua colega de quarto eram como duas ervilhas de cores coordenadas em uma pequena vagem da moda. O namorado da colega de quarto dela estava em uma fraternidade, e ele vivia fora do campus. Taylor disse que ligaria se houvesse qualquer das festas legais no fim de semana, mas, até agora, ela não tinha ligado. Taylor estava sendo levada para a faculdade como um peixinho para seu tanque novo, e eu não estava. Eu disse a Jeremiah que eu estaria ocupada fazendo amigos e conhecendo minha companheira de quarto, então provavelmente não iria vê-lo até o fim de semana. Eu não queria voltar atrás a esse respeito.

Quinta-feira na primeira semana, um grupo de meninas estavam bebendo no quarto de Joy. Eu podia ouvi-las pelo corredor. Eu estava preenchendo minha agenda nova, escrevendo todas as minhas aulas e coisas.

Jillian estava na biblioteca. Nós só tivemos um dia de aulas, até agora, então não sabia o que ela poderia estudar. Eu ainda queria que ela me pedisse para ir com ela, no entanto. Jeremiah tinha perguntado se eu queria que ele viesse me pegar, mas disse que não, na esperança que fosse convidada para algum lugar. Até agora, era só eu e a agenda.

Mas, então, Joy pôs a cabeça na minha porta, que eu tinha mantido aberta da mesma forma que as outras meninas tinham.

"Isabel, vem ficar com a gente", disse ela.

"Claro", eu disse, praticamente pulando para fora da minha cama. Eu senti essa onda de esperança e entusiasmo. Talvez, essas eram as minhas pessoas. Estavam Joy, sua colega de quarto Anika, Molly, que vivia no final do corredor, e Shay, a garota com o livro de modelagem. Elas estavam todas sentadas no chão, uma grande garrafa de Gatorade no meio, apenas, que não se parecia com Gatorade.

Era levemente amarelo acastanhado - Tequila, eu imaginei. Eu não tinha tocado em tequila desde que tinha ficado bêbada em Cousins, no verão anterior.

"Vamos sentar," Joy disse, batendo no chão ao lado dela. "Estamos jogando Eu Nunca. Alguma vez você já jogou antes?"

"Não", eu disse, sentando-se ao lado dela.

"Basicamente, quando é a sua vez, você diz algo como: "Eu nunca..." -

Anika olhou em volta do círculo "namorei alguém da minha família."

Todo mundo riu. "E se você fez, você tem que beber," Molly terminou, mastigando sua miniatura.

"Eu vou começar", disse Joy, inclinando-se para frente. "Eu nunca...

colei em um teste."

Shay pegou a garrafa e tomou um gole. "O quê? Eu era modelo ocupada, eu não tinha tempo para estudar.", disse ela, e todas riram novamente.

Molly foi à próxima. "Eu nunca fiz *isso* com ninguém em público!"

Esse tempo, Joy tomou a garrafa. "Foi em um parque", explicou ela.

"Estava ficando escuro. Eu duvido que alguém nos viu."

Shay disse: "Será que um banheiro em um restaurante conta?"

Eu podia sentir meu rosto ficar quente. Eu temia a minha vez. Eu não tinha feito muita coisa. Meus nuncas provavelmente poderiam durar toda a noite.

"Nunca me juntei com o Chade a partir do quarto andar!" Molly disse, em um ataque de risos.

Joy jogou um travesseiro para ela. "Não é justo! Eu lhe disse isso em segredo."

"Beba! Beba!" Todas cantavam.

Joy tomou um gole. Limpando a boca, ela disse, "Sua vez, Isabel."

Minha boca estava seca de repente. "Eu nunca..." fiz sexo. "Eu nunca...

joguei este jogo antes," Eu terminei sem convicção.

Eu podia sentir a decepção de Joy dentro de mim. Talvez ela pensasse que podíamos ser amigas íntimas e agora ela estava pensando isso.

Anika riu apenas para ser educada, e então todas elas tiveram de beber, antes de Joy começar novamente com, "Eu nunca fui nadar nua no oceano. Em uma piscina, sim!"

Não. Nunca fiz isso também. Quase, naquela época eu tinha quinze anos, com Cameron. Mas quase não contava.

Acabei por tomar uma bebida quando Molly disse: "Eu nunca namorei duas pessoas da mesma família."

"Você namorou irmãos?" Joy me perguntou, olhando interessada, de repente. "Ou um irmão e uma irmã?"

Tossindo um pouco, eu disse, "Irmãos".

"Gêmeos?" Shay disse.

"Ao mesmo tempo?" Molly queria saber.

"Não, não ao mesmo tempo. E eles são apenas irmãos regulares", eu disse. "Eles tem um ano de diferença."

"Isso é algo bem fodona" Joy disse, dando-me um olhar de aprovação.

E depois fomos para a próxima coisa. Quando Shay disse que nunca tinha roubado antes e Joy tomou um gole, eu vi o olhar no rosto de Anika, e eu tive que morder o interior das minhas bochechas para não rir. Ela me viu, e trocamos um olhar em segredo.

Eu vi Joy depois, no banheiro e na sala de estudos, e nós conversamos, mas nunca nos aproximamos.

Jillian e eu nunca nos tornamos melhores amigas também, mas ela acabou sendo uma companheira de quarto muito boa.

De todas as meninas, Anika foi a que eu acabei sendo mais próxima.

Mesmo que tenhamos a mesma idade, ela tomou-me sob sua asa como uma irmã mais nova, e pela primeira vez eu não me importava de ser a irmã mais nova. Anika era muito legal para eu cuidar. Ela cheirava como eu imaginava que flores silvestres cheiravam quando cresciam na areia. Mais tarde, eu descobri que era o óleo que ela colocava em seu cabelo. Anika quase nunca conversava, ela não comia carne, e ela era uma dançarina. Eu admirava todas essas coisas sobre ela.

Eu estava triste, nunca seríamos companheiras de quarto. A partir de agora, eu só teria um companheiro de quarto de novo, meu marido.

Capítulo Dezesete

Acordei cedo no dia seguinte. Tomei banho, joguei fora meus sapatos de chuveiro, e arrumei mais uma vez meu quarto. Eu não coloquei meu anel. Eu o coloquei no bolso com zíper na minha bolsa. Meu pai não era o cara mais atento quanto a acessórios, de modo que não era provável, mas ainda assim.

Meu pai estava no dormitório às dez horas para me ajudar a mudar.

Jeremiah ajudou. Eu nem sequer tive que lhe dar uma chamada despertador, do jeito que eu tinha planejado, ele apareceu no meu quarto às nove e meia, com café e donuts para o meu pai.

Parei em alguns dos quartos das meninas, dando um abraço de adeus, desejando-lhes bom verão. Lorrie disse, "Nos vemos em agosto", e Jules disse,

"Nós temos que sair mais no próximo ano." Eu disse adeus a Anika, e eu chorei um pouco. Ela me abraçou e disse: "Relaxe. Eu vou te ver no casamento. Diga a Taylor que eu vou enviar e-mails a ela sobre os nossos vestidos de dama de honra." Eu ri alto. Taylor ia adorar. Não.

Depois que terminamos de carregar para o carro, meu pai nos levou para almoçar em uma churrascaria. Não foi super sofisticado, mas foi um bom lugar, um lugar familiar com cabines de couro e picles na mesa.

"Peça o que quiser, garotos," meu pai disse, deslizando para dentro da cabine.

Jeremiah e eu nos sentamos em frente a ele. Eu olhei para o menu e peguei a porção de Nova York porque era mais barato. Meu pai não era pobre, mas ele definitivamente não era rico, também.

Quando a garçonete veio para levar os nossos pedidos, o meu pai pediu o salmão, eu pedi a porção de Nova York, e Jeremiah disse, "Eu quero a costela seca-com lombo, ao ponto."

O lombo era a coisa mais cara do menu. Custou 38 dólares. Eu olhei para ele e pensei, que ele provavelmente nem sequer olhou para o preço. Ele nunca teve, não quando todas as suas despesas foram enviadas para o seu pai.

As coisas iriam mudar quando nos casarmos, isso era certo. Sem dinheiro gasto em coisas idiotas como tênis Air Jordans Vintage ou bife.

"Então, o que você tem planejado para este verão, Jeremiah?" Meu pai perguntou.

Jeremiah olhou para mim e depois de volta para o meu pai e em seguida, de volta para mim. Eu balancei a cabeça ligeiramente. Eu tinha essa visão dele pedindo meu pai por sua bênção, e que estava tudo errado. Meu pai não podia saber antes de minha mãe.

"Eu vou estagiar na empresa do meu pai, de novo", disse Jeremiah.

"Bom para você", disse meu pai. "Isso vai mantê-lo ocupado."

"Com certeza".

Meu pai olhou para mim. "E você, Belly? Vai ser garçonzete de novo?"

Chubei refrigerante do fundo do meu copo. "É. Vou entrar e falar com meu gerente na próxima semana. Eles sempre precisam de ajuda para o verão, então deve estar tudo certo."

Com o casamento apenas um par de meses de distância, eu só tenho que trabalhar duplamente – triplamente – mais.

Quando a conta chegou, eu vi meu pai revirar os olhos ao dar uma olhada. Eu esperava que Jeremiah não percebesse, mas quando vi que ele não tinha, eu desejava que ele tivesse percebido.

Eu me senti mais próxima do meu pai quando estava sentada no banco do passageiro de sua minivan, estudando seu perfil, nós dois ouvíamos seu CD

de Bill Evans. Dirigir com meu pai era um dos nossos momentos de silêncio juntos, quando podemos falar sobre tudo e nada.

Até agora, a direção tinha sido silenciosa.

Ele cantarolava junto com a música quando eu disse:

"Pai?"

"Hum?"

Eu queria tanto dizer. Eu queria compartilhar com ele, para que isso aconteça durante este momento perfeito, quando eu ainda era sua menina no assento do passageiro e ele ainda estava a dirigir o carro. Seria um momento só entre nós. Eu tinha parado de chamá-lo de papai no ensino médio, mas no meu coração eu dizia - Papai, eu vou me casar.

"Nada", eu disse finalmente.

Eu não poderia fazer isso. Eu não poderia dizer-lhe antes que eu dissesse à minha mãe. Não seria certo.

Ele voltou a cantarolar.

Apenas um pouco mais, pai.

Capítulo Dezoito

Eu pensei que levaria pelo menos um pouco de tempo para ajustar a estar em casa novamente depois de estar na faculdade, mas eu caí de volta em minha velha rotina quase imediatamente.

Antes do final da primeira semana, eu tinha desembalado minhas coisas e tinha café-da-manhã com a minha mãe e brigas com o meu irmão Steven sobre o estado do banheiro que compartilhávamos. Eu estava confusa, mas Steven levou para um nível totalmente novo. Imaginei que funcionou em nossa família. E eu comecei a trabalhar no Behrs novamente, pegando todos os turnos que eles me deixavam, às vezes dois por dia.

À noite antes de irmos todos para Cousins para a dedicação no jardim de Susannah, Jere e eu estávamos conversando no telefone. Nós estávamos falando sobre as coisas do casamento, e eu disse-lhe algumas das ideias de Taylor. Ele amou todas, mas rejeitou a ideia de um bolo de cenoura.

"Eu quero um bolo de chocolate", disse ele. "Com o preenchimento de framboesa".

"Talvez uma camada pode ser de cenoura e outra pode ser chocolate", sugeri, embalando o telefone no meu ombro. "Eu ouvi dizer que eles podem fazer isso."

Eu estava sentada no chão do meu quarto, contando minhas gorjetas da noite. Eu ainda não tinha trocado a camisa do meu trabalho, ainda que essa tivesse manchas na frente, mas eu estava muito cansada para incomodar. Eu só afrouxei a gravata.

"Um bolo de chocolate, framboesa e cenoura?"

"Com a cobertura de creme de queijo.", eu disse.

"Parece meio complicado para mim sabor de especialista, mas é bom.

Vamos fazê-lo."

Sorri para mim mesma enquanto empilhava meus cinco e dez centavos.

Jeremiah estava vendo um monte de Reality de comida desde que ele estava em casa.

"Bom, primeiro temos que ser capazes de pagar por este bolo", eu disse.

"Eu tenho que tomar todos os turnos que eu puder, e eu só tenho cento e vinte dólares até agora. Taylor diz que bolos de casamento são realmente caros.

Talvez eu devesse pedir a minha mãe para assar o bolo. Sra. Jewel é uma boleira realmente boa. Nós provavelmente não poderíamos pedir nada muito extravagante, no entanto."

Jeremiah tinha estado em silêncio na outra linha. Então ele finalmente disse, "Eu não sei se você

deve continuar trabalhando em Behrs."

"O que você está falando? Precisamos do dinheiro."

"Sim, mas eu tenho o dinheiro que a minha mãe me deixou. Podemos usar isso para o casamento. Eu não gosto de você ter que trabalhar tão duro."

"Mas você está trabalhando muito!"

"Eu sou um estagiário. É um trabalho besteira. Eu não estou trabalhando tão duro como você para o casamento. Sento-me em torno de um escritório, e você está rebentando seu burro trabalhando dois turnos no Behrs. Isso não parece bom."

"Se isso é porque eu sou a garota e você é o cara..."

Eu comecei.

"Não é isso. Eu só estou dizendo, por que você tem que trabalhar duro quando eu tenho dinheiro na minha conta poupança?"

"Eu pensei que nós íamos fazer isso por conta própria."

"Eu tenho feito algumas pesquisas na internet, e parece que vai ser muito mais caro do que pensávamos. Mesmo se formos realmente simples, ainda temos que pagar por alimentos, bebidas e flores. Nós vamos nos casar apenas uma vez, Belly".

"Verdade".

"Minha mãe gostaria de contribuir. Certo?"

"Eu acho que..." Susannah gostaria de fazer mais do que contribuir. Ela ia querer estar lá a cada passo do caminho de compras do vestido, decidir sobre flores e alimentos, tudo isso. Ela gostaria de fazer tudo. Eu sempre a imaginei ali no dia do meu casamento, sentada ao lado de minha mãe, vestindo um chapéu extravagante. Era uma imagem muito legal.

"Então, vamos deixá-la contribuir. Além disso, você vai ficar muito ocupada com o planejamento das coisas do casamento com Taylor. Eu vou ajudar o máximo que eu posso, mas eu ainda tenho que estar no trabalho de nove as cinco. Quando você chamar fornecedores e pessoas de flores ou o que quiser, vai ter que ser durante o dia, e eu não vou ser capaz de estar lá."

Fiquei realmente impressionada que ele pensava em tudo isso. Eu gostei desse outro lado dele, pensando no futuro, se preocupando com a minha saúde.

"Vamos falar mais sobre isso depois de contar aos nossos pais", disse a ele.

"Você ainda está nervosa?"

Eu estava tentando não pensar muito sobre isso. No Behrs, concentrei toda a minha energia em entregar cestas de pão, recarga de bebidas e fatias de cheesecake.

De certa forma, estava feliz por estar trabalhando em turnos dobrados, porque me manteve fora de casa e longe do olhar atento de minha mãe. Não tinha usado meu anel de noivado desde que tinha chegado em casa. Só o tirei de lá à noite, no meu quarto.

Eu disse: "Estou com medo, mas vou estar aliviada por finalmente tê-lo em céu aberto. Eu odeio esconder as coisas da minha mãe."

"Eu sei", disse ele.

Olhei para o relógio. Era 12:30. "Nós vamos sair amanhã de manhã, então eu deveria ir dormir." Eu hesitei antes de perguntar: "Você está dirigindo apenas com o seu pai? Qual é o negócio com Conrad?"

"Eu não tenho ideia. Eu não falei com ele. Eu acho que ele está voando amanhã. Vamos ver se ele vem mesmo."

Eu não tinha certeza se era decepção o que eu estava sentindo ou alívio. Provavelmente ambos. "Eu duvido que ele vai vir", eu disse.

"Você nunca sabe com Con. Ele pode vir, ele não pode." Então, ele acrescentou: "Não se esqueça de levar o seu anel."

"Eu não vou."

Então nós dissemos boa noite, e foi um longo tempo antes que pudesse dormir. Eu acho que estava com medo. Com medo de que ele estava chegando e com medo de que ele não estava.

Capítulo Dezenove

Eu acordei antes do alarme, estava com meu vestido novo antes de Steven acordar. Eu era a primeira no carro.

Meu vestido era de seda chiffon lavanda. Ele tinha umas tiras apertadas na cintura estreita e uma saia esvoaçante, o tipo que você gira em torno, como uma menina em um musical.

Algo que Kim MacAfee poderia usar. Eu o tinha visto em uma vitrine de loja em fevereiro, quando ainda era muito frio para usá-lo sem meias. Meias iria estragar tudo. Eu usei o cartão de meu pai somente para emergências, o que eu nunca tinha usado antes. Ele tinha ficado no meu armário todo esse tempo, ainda coberto de plástico.

Quando minha mãe me viu, ela explodiu em um sorriso e disse: "Você está linda. Beck adoraria esse vestido."

Steven disse: "Não é ruim", e dei uma pequena reverência. Era apenas esse tipo de vestido.

Minha mãe dirigia, e eu me sentei na frente. Steven dormia no banco de trás, com a boca aberta. Ele estava vestindo uma camisa de botão e calças cáqui. Minha mãe parecia ótima também em seu terninho azul marinho e sapatos creme.

"Conrad está definitivamente chegando hoje, certo, ursinha?" Minha mãe me perguntou.

"Você é a única que fala com ele, não eu", eu disse. Eu coloquei os meus pés descalços no painel. Meus saltos altos estavam em uma pilha no chão do carro.

Verificando seu espelho retrovisor, minha mãe disse: "Eu não tenho falado com Conrad por algumas semanas, mas tenho certeza que ele vai estar lá. Ele não iria perder algo tão importante como isso."

Quando eu não disse nada, ela olhou para mim e disse: "Você discorda?"

"Desculpa, mãe, mas não vou colocar minhas esperanças." Eu não sei por que não podia simplesmente concordar com ela. Eu não sei o que estava me segurando. Porque eu realmente acreditava que ele estava chegando. Se eu não fizesse, eu teria tomado cuidado extra com meu cabelo hoje de manhã?

No chuveiro, teria raspado as pernas não uma, mas duas vezes, apenas para estar segura? Será que teria colocado um vestido novo e usado os saltos que faziam meus pés doerem se eu realmente não acreditasse que ele estava vindo?

Não. No fundo, eu mais do que acreditava. Eu sabia.

"Você já ouviu algo de Conrad, Laurel?" Sr. Fisher perguntou a minha mãe. Nós estávamos

parados no estacionamento, Sr. Fisher, Jere, Steven, minha mãe e eu. As pessoas estavam começando a entrar no edifício. Sr.

Fisher já tinha verificado lá dentro duas vezes: Conrad não estava lá.

Minha mãe balançou a cabeça. "Eu não ouvi nada de novo. Quando falei com ele no mês passado, ele disse que estava vindo."

"Se ele está atrasado, nós podemos guardar uma cadeira," eu ofereci.

"É melhor eu entrar", disse Jeremiah. Ele iria aceitar a placa comemorativa do dia, em nome de Susannah.

Nós o vimos ir, porque não havia mais nada a fazer. Então o Sr. Fisher disse: "Talvez devêssemos ir também", e ele parecia derrotado. Eu podia ver onde ele cortou a barba.

"Vamos fazer isso," minha mãe disse, endireitando-se.

"Belly, por que não esperar aqui por um minuto?"

"Claro", eu disse. "Vocês vão à frente. Eu vou esperar."

Quando os três estavam dentro, sentei-me na calçada. Meus pés estavam doendo já. Esperei por mais dez minutos e, quando ele não apareceu, me levantei. Assim, ele não estava vindo depois de tudo.

Capítulo Vinte

Conrad

Eu a vi antes que ela me visse. Na fileira da frente, a vi sentada com o meu pai, Laurel e Steven. Ela tinha o cabelo puxado para trás, preso em cima dos lados. Eu nunca a tinha visto usar o cabelo assim antes. Ela estava com um vestido roxo claro. Ela parecia crescida. Ocorreu-me que ela tinha crescido enquanto eu não estava olhando, de que havia grande probabilidade de que ela tinha mudado e eu não a conhecia mais. Mas quando ela se levantou para aplaudir, eu vi o Band-Aid em seu tornozelo e a reconheci novamente. Ela era Belly. Ela continuava brincando com as presilhas no cabelo. Uma estava se soltando.

Meu avião tinha sido adiado, e mesmo que tivesse feito 80km/h até o Cousins, de toda forma eu ainda estaria atrasado. Jeremiah estava começando seu discurso, assim que entrei, havia um assento vazio na frente ao lado de meu pai, mas eu só fiquei na parte de trás. Eu vi Laurel mudar em seu assento, procurando pela sala antes de virar de volta. Ela não me viu.

Uma mulher do abrigo se levantou e agradeceu a todos por terem vindo.

Ela falou sobre como minha mãe era grande, como ela era dedicada ao abrigo, quanto dinheiro ela levantou para ele, quanto à conscientização na comunidade. Ela disse que a minha mãe foi um presente. Foi engraçado, sabia que minha mãe estava envolvida com o abrigo de mulheres, mas não sabia o quanto ela deu de si mesma. Senti um choque de vergonha enquanto me lembrava do tempo que ela me pediu para ir ajudá-la a servir o café da manhã em uma manhã de sábado. Eu neguei, disse a ela que tinha coisas que precisava fazer.

Então Jere se levantou e foi para o pódio. "Obrigado, Mona", disse ele.

"Hoje significa muito para nós, e eu sei que isso teria significado ainda mais a minha mãe. O abrigo de mulheres era muito importante para ela. Mesmo quando não estávamos aqui em Cousins, ela ainda estava pensando sobre vocês. E ela amou as flores. Costumava dizer que precisava delas para respirar. Ela iria se sentir honrada por este jardim."

Foi um bom discurso. Nossa mãe teria ficado orgulhosa de vê-lo lá em cima. Eu deveria ter estado lá com ele. Ela teria realmente gostado.

Ela teria gostado das rosas também.

Eu assisti Jere sentar na primeira fila no banco ao lado de Belly. Eu assisti ele tomar sua mão. Os músculos do meu estômago se apertaram, e me mexi atrás de uma mulher em um chapéu de abas largas.

Isso foi um erro. Voltar aqui foi um erro...

Capítulo Vinte Um

Os discursos tinham acabado, e todos foram para fora e começaram a passear pelo jardim “Que tipo de flores quer para o casamento” Jeremiah perguntou-me numa voz baixa.

Sorri e encolhi os ombros “Umas bonitas?” Que sabia eu sobre flores? Já agora, o que sabia sobre casamentos? Não fui a muitos, apenas o da minha prima Beth quando fui à menina das alianças e, o dos nossos vizinhos.

Mas gostava do jogo que estávamos jogando. Era como faz de conta, mas real.

E depois, eu o vi. Parado ao fundo estava Conrad, num terno cinza. Olhei-o, ele levantou sua mão num aceno. Levantei a minha, mas não a mexi. Não consegui mexe-la.

Do meu lado ouvi Jeremiah pigarrear. Estremeci.

Esqueci que ele estava ao meu lado. Durante aqueles segundos, esqueci tudo e havia apenas Conrad.

Então, Sr. Fisher passou por nós, a passos largos em direção a ele.

Abraçaram-se. Minha mãe colocou os braços em volta de Conrad, e o meu irmão veio por trás e lhe deu uma palmada nas costas. Jeremiah também se dirigiu para lá.

Fui à última. Encontrei-me a caminhar em direção a eles “Oi” disse. Não sabia o que fazer com as minhas mãos. Coloquei-as ao lado do meu corpo.

“Oi” ele disse. Depois abriu bem os braços e deu olhar que mais parecia um desafio. Hesitante, me dirigi a ele. Apertou-me num abraço de urso e levantou-me um pouco do chão. Chiei e puxei a minha saia pra baixo. Todos riram. Quando Conrad voltou a pousar-me, fui para mais perto de Jere. Ele não estava rindo.

“O Conrad está contente por ter sua irmã mais nova de volta.” Sr. Fisher disse de uma maneira jovial. Comecei a pensar se ele sabia que eu e Conrad namoramos um tempo. Provavelmente não. Foram apenas seis meses. Não era nada comparado com o que Jeremiah e eu passamos juntos.

“Como tem passado, irmãzinha?” Perguntou Conrad. Ele tinha aquele olhar. Meio brincalhão, meio misterioso. Eu conhecia aquele olhar. Tinha-o visto muitas vezes.

“Muito bem” disse, olhando para Jeremiah “Estamos mesmo muito bem.” Jeremiah não me olhou de volta. Em vez disso tirou seu celular do bolso e disse “Estou esfomeado.” Senti um nó no estômago. Ele estava chateado comigo?

“Primeiro vamos tirar umas fotografias no jardim.”, minha mãe disse.

Sr. Fisher bateu palmas e esfregou as mãos. Pondo seus braços em volta de Jeremiah e Conrad, disse “Quero uma fotografia com os Fishermen” o que nos fez rir. Desta vez Jeremiah também. Esta era uma das piadas mais antigas e mais engraçada do Sr. Fisher. Sempre que ele e os rapazes voltavam da pescaria ele gritava, “Os Fishermen voltaram.”

No jardim de rosas de Susannah, tiramos fotografias de Jeremiah, Sr.

Fisher e Conrad, depois uma com Steven também, depois uma comigo e com minha mãe e Steven e Jeremiah – todas as combinações. Jere disse, “Quero uma só comigo e Belly”, fiquei aliviada. Ficamos em frente às rosas, e mesmo antes de a minha mãe tirar a fotografia, Jeremiah beijou-me no rosto.

“Essa ficou boa.” disse a minha mãe. E depois disse, “Vamos tirar uma com todas as crianças.”

Ficamos juntos – Jeremiah, Conrad, eu, Steven.

Conrad esticou os seus braços por cima dos meus ombros e dos de Jeremiah. Parecia que o tempo não tinha passado. Os companheiros de verão juntos outra vez. Fui ao carro com Jeremiah para o restaurante. Minha mãe e Steven foram num carro, Sr. Fisher e Conrad foram em carros separados.

“Talvez não devêssemos contar hoje.” disse de repente.

“Talvez devêssemos esperar.”

Jeremiah abaixou o volume da música. “O que quer dizer?”

“Não sei. Talvez o dia de hoje devesse ser apenas da Susannah e da família. Talvez devêssemos esperar.”

“Eu não quero ter de esperar. Nosso casamento é assunto de família. É

sobre as duas famílias estarem juntas. Tornarem-se uma.” Agarrou a minha mão e levantou-a no ar “Quero que possa usar o teu anel com orgulho.”

“Eu tenho orgulho” disse.

“Então vamos fazer como planejamos.”

“Okay.”

Quando chegamos ao estacionamento do restaurante, Jeremiah disse-me

“Não fique magoada se – você sabe, ele dizer alguma coisa.” Pisquei. “Quem?”

“O meu pai. Você sabe como ele é. Não pode tomar como pessoal, está bem?”

Assenti.

Entramos de mãos dadas no restaurante. Os outros já estavam sentados numa mesa redonda.

Sentei-me, Jeremiah na minha esquerda e o meu irmão na minha direita.

Agarrei o cesto do pão e tirei um. Passei manteiga antes de pôr a maior parte na minha boca.

Steven abanou a cabeça para mim. “Porca”, sussurrou.

Olhando para ele, disse, “Não tomei café da manhã.”

“Pedi vários aperitivos.” Sr. Fisher disse para mim.

“Obrigado, Sr. Fisher.” disse, com a boca meio cheia.

Ele sorriu. “Belly, somos todos adultos. Eu acho que agora deveria de me chamar de Adam. Não de Sr. Fisher.”

Por baixo da mesa, Jeremiah apertou a minha coxa. Quase ri alto. Depois pensei em outra coisa – será que teria de chamar o Sr. Fisher “Pai” depois de casarmos? Tenho de perguntar sobre isso ao Jeremiah.

“Vou tentar” disse. Sr. Fisher olhou-me esperançoso e acrescentei,

“Adam.”

Steven perguntou a Conrad, “Então porque é que nunca sai da Califórnia?”

“Estou aqui, não estou?”

“Sim, praticamente pela primeira vez desde que foi embora.” Steven deu-lhe um pequeno soco e baixou o tom de voz “ Tem uma namorada lá?”

“Não” disse Conrad. “Nenhuma namorada”

A champanhe chegou, e quando todos os copos estavam cheios, Sr.

Fisher bateu com a faca no copo. “Gostaria de fazer um brinde”, ele disse.

Minha mãe revirou um pouco os olhos. Sr. Fisher era famoso pelos seus discursos, mas o dia de hoje pedia um.

“Quero agradecer a todos por estarem aqui juntos para celebrar a Susannah. É um dia especial, e estou feliz por o partilharmos.” Sr. Fisher levantou seu copo. “À Suz.”

Assentindo, minha mãe diz “A Beck”

Fizemos todos “tchin tchin” e bebemos, e antes que conseguisse pousar o meu, Jeremiah me deu o olhar do gênero, se prepara, vou fazê-lo.

Meu estômago apertou. Bebi mais um pouco de champanhe e assenti.

“Tenho algo a dizer.” anunciou Jeremiah.

Enquanto todos esperavam para ouvir o que era, olhei de relance para Conrad. Tinha o braço pousado nas costas de cadeira de Steven, eles estavam rindo de algo. Sua cara estava relaxada e calma.

Tive o impulso de parar Jeremiah, de por a minha mão na sua boca e impedi-lo de dizer. Todos estavam tão felizes. Isto ia estragar tudo.

“Desde já vou avisá-los – são mesmo boas notícias Jeremiah dá um sorriso para todos, e eu preparei-me. Ele está tentando ser natural, pensei.

A minha mãe não ia gostar disso. “Perguntei a Belly se queria casar comigo, e ela disse sim. Ela disse sim! Vamos nos casar em Agosto!” Pareceu que o restaurante ficou muito silencioso de repente, como se todo o barulho e a conversa tivessem sido sugados da sala. Tudo parou. Olhei para o outro lado da mesa, para a minha mãe. A sua cara estava pálida.

Steven se engasgou com a água que estava bebendo. Tossindo, disse

“Mas que?”

E Conrad, a sua expressão era imperceptível.

Foi tudo tão surreal.

O garçom apareceu com os aperitivos – calamares e cocktail de camarão e uma torre de ostras. “Vocês estão prontos para pedir as entradas?” Perguntou, arrumando a mesa para haver lugar para tudo.

Com a voz apertada, Sr. Fisher disse “Acho que precisamos de mais um minuto,” e olhou para a minha mãe.

Ela parecia perdida. Abriu e depois fechou a sua boca. E então para mim e perguntou, “Está grávida?”

Senti o sangue correr todo para as minhas bochechas. Ao meu lado, consegui sentir em vez de ouvir Jeremiah engasgar.

A voz da minha mãe abafou quando ela disse estridentemente “Não acredito nisto. Quantas vezes nós falamos sobre contracepção, Isabel?” Nunca me senti tão mortificada. Olhei para o Sr. Fisher, que estava vermelho como uma beterraba, e depois olhei para o garçom, que estava

servindo água na mesa ao lado da nossa. Nossos olhares se encontram.

Tenho quase a certeza que estivemos na mesma aula de psicologia. “Mãe, eu não estou grávida!”

Seramente, Jeremiah disse, “Laurel, eu juro que não é nada disso.” Minha mãe ignorou-o. Olhou só para mim.

“Então o que está acontecendo aqui? De onde vem isto?” De repente os meus lábios ficaram muito secos. Fugazmente, pensei no que tinha levado ao pedido de Jeremiah, e num novo instante o pensamento tinha desaparecido. Nada disso importava mais, o que importava é que estávamos apaixonados.

“Nós queremos nos casar, mãe” eu disse.

“Vocês são muito novos.” ela disse numa voz plana. “Vocês são mesmo muito novos.” Jeremiah tossiu, “Laur, nós nos amamos, e queremos estar juntos.”

“Vocês estão juntos.” Minha mãe estourou. Então virou-se para o Sr.

Fisher, que seus olhos apertados “ Sabia disto?”

“Calma Laurel. Eles estão brincando. Vocês estão brincando, certo?” Jere e eu nos olhamos antes de ele dizer com uma voz calma, “Não, não estamos brincando.”

A minha mãe engoliu o resto da sua champanhe, esvaziando o seu copo.

“Vocês não vão se casar, ponto final. Ainda estão na escola, pelo amor de Deus. É ridículo.”

Limpando a sua garganta, Sr. Fisher disse, “ Talvez depois da formatura, possamos discutir isso outra vez.”

“Uns anos depois da formatura,” acrescentou a minha mãe.

“Certo,” disse Sr. Fisher.

“Pai...” começou Jeremiah

O garçom estava de volta atrás de Sr. Fisher antes que Jeremiah pudesse acabar o que quer que fosse que ele ia dizer. Ficou ali parado por um momento estranho até que perguntou, “Têm alguma questão sobre o menu?”

Ou, ah, ou hoje só vão querer aperitivos?”

“Nós só queremos a conta,” minha mãe disse, seus lábios cerrados.

Eu estava certa. Isto foi um erro, um erro tático de proporções épicas.

Nunca lhe devíamos ter contado assim. Agora era a equipe, unida contra nós.

Mal conseguimos dizer uma palavra. Havia toda aquela comida na mesa mas ninguém tocava, ninguém dizia nada.

Peguei na minha bolsa, e por baixo da toalha, pus o meu anel de noivado.

Era a única coisa que podia fazer. Quando fui pegar o copo d'água, Jeremiah viu o anel e apertou de novo o meu joelho. A minha mãe também o viu. Ela piscou o olhou para o outro lado.

Sr. Fisher pagou a conta, e desta vez a minha mãe não reclamou.

Ficamos todos de pé. Rapidamente Steven encheu o guardanapo de pano com camarões. E então fomos embora, eu fugindo da minha mãe, Jeremiah seguindo Sr. Fisher. Atrás de mim, ouvi Steven sussurrar para Conrad “Merda, meu. Isto é coisa de louco. Sabia alguma coisa sobre isto?” Ouvi Conrad dizer que não. No exterior, ele deu um abraço de adeus em minha mãe, entrou no carro e foi embora.

Não olhou para mim nem uma vez.

Quando chegamos ao nosso carro, perguntei a minha mãe muito calmamente, “ Pode me dar as chaves?”

Capítulo Vinte e Dois

Não falei com a minha mãe durante uma semana.

Evitei-a, e ela ignorou. Trabalhei no Behrs, principalmente para sair de casa. Almoçava e jantava lá. Depois dos meus turnos, ia até a casa de Taylor, e quando chegava em casa, falava com Jeremiah no telefone.

Ele implorou para, pelos menos, tentar falar com a minha mãe. Eu sabia que ele estava preocupado que ela agora o odiasse, e eu assegurei-o que ela não estava brava com ele. Era tudo comigo.

Uma noite depois de um turno tardio no restaurante, ia em direção ao meu quarto quando parei. Ouvi o som abafado da minha mãe chorando atrás da porta fechada. Paralisei, o meu coração batendo no meu peito. Parada do lado de fora da porta, ouvindo-a chorar, estava pronta, estava pronta para largar tudo.

Naquele momento ela me tinha. A minha mão estava na maçaneta, e as palavras estavam mesmo ali, na ponta da minha língua - Tudo bem, eu não o faço.

Mas então silenciou. Ela tinha parado de chorar sozinha. Esperei mais um pouco, e não ouvi mais nada, larguei a maçaneta e fui para o meu quarto. No escuro tirei o meu uniforme e fui para a cama, e chorei também.

Acordei com o cheiro do café turco do meu pai. Durante aqueles poucos segundos, entre o sono e estar completamente acordada, tinha dez anos outra vez, o meu pai ainda morava conosco e o único problema que eu tinha eram os deveres de matemática. Comecei a adormecer de novo, e depois acordei assustada.

Só havia uma razão para o meu pai estar aqui. A minha mãe tinha lhe contado. Queria ter sido eu a contar-lhe, a explicar. Mas ela adiantou-se. Fiquei furiosa, mas ao mesmo tempo senti-me aliviada. Contar ao meu pai queria dizer que ela estava começando a levar a sério.

Depois do banho, desci as escadas. Estavam sentados na sala bebendo café. O meu pai vestia as suas roupas de domingo – jeans e uma camisa xadrez de manga curta. E com cinto, sempre um cinto.

“Bom dia” disse

“Senta.” disse a minha mãe, pousando a sua caneca num pires.

Sentei. O meu cabelo ainda estava molhado, e eu estava tentando passar o pente entre as mechas embaraçadas.

Pigarreando, meu pai disse “Sua mãe me contou o que está acontecendo.”

“Pai, eu queria te contar, queria mesmo. Mas a mãe foi mais rápida.” Mande-i-lhe um olhar aguçado, e ela não parecia nem um pouco incomodada com ele.

“Eu também não sou a favor disto, Belly. Acho que é muito nova.” Pigarreou de novo. “Nós conversamos sobre o assunto, e se quiser morar com Jeremiah num apartamento no Outono, nós permitimos. Todos temos de contribuir se custar mais que os dormitórios, mas pagamos aquilo que tivermos de pagar.”

“Pai, eu não quero ir só morar num apartamento com Jeremiah. Não é por isso que vamos nos casar.”

“Então por que vão se casar?” minha mãe perguntou

“Nós nos amamos. Nós pensamos sobre o assunto, pensamos mesmo.” Minha mãe apontou para a minha mão esquerda. “Quem pagou pelo anel? Eu sei que o Jeremiah não trabalha.”

Pus a mão no meu colo. “Ele usou o cartão de crédito,” disse.

“Cartão que é pago pelo Adam. Se o Jeremiah não pode pagar um anel, não deveria comprar um.”

“Não foi muito caro.” Não tinha nem ideia de quanto o anel havia custado, mas o diamante era tão pequeno, imaginei que não pudesse ter sido tão caro.

Suspirando, minha mãe olhou para meu pai e depois para mim. “Pode não acreditar em mim quando te digo isto, mas quando eu e o seu pai casamos, nós estávamos muito apaixonados. Muito, muito apaixonados.

Casamos com as melhores intenções. Mas tudo isso não foi suficiente para nos manter juntos.”

O amor de um pelo outro, pelo Steven e por mim, nossa família – nada disso foi suficiente para fazer o casamento deles funcionar.

Eu já sabia isso tudo.

“Se arrependeu?” perguntei.

“Belly, não é assim tão simples.”

Interrompi-a. “Arrependeu da nossa família? De mim e do Steven?” Suspirando profundamente, ela disse, “Não”

“Pai, e você?”

“Belly, não. Claro que não. Não é isso que a tua mãe está dizendo.”

“Jeremiah e eu não somos você e a minha mãe. Sabemos da vida toda um do outro.” Apelei ao meu pai.

“Pai, a nossa prima Martha se casou nova, e ela e o Bert são casados, sei lá, trinta anos! Pode funcionar, sei que pode, eu e o Jeremiah vamos fazer funcionar, tal como eles fizeram. Nós vamos ser felizes. Queremos que vocês estejam felizes por nós.”

Meu pai afagou a sua barba duma maneira que eu conhecia bem – ele ia deixar tudo para minha mãe decidir como sempre fazia.

Olhou para minha mãe com um olhar de dúvida. Era ela quem decidia agora. Na realidade, sempre tinha sido decisão dela.

Olhámos os dois para ela. Minha mãe era a juíza.

Era assim que funcionava na minha família. Ela fechou os olhos um pouco e depois disse, “Eu não posso te apoiar nessa decisão, Isabel. Se você casar, eu não vou apoiar. Não vou estar lá.”

Me deixou sem ar. Mesmo eu estando à espera, ela continuava a desaprovar... continuava. Ainda assim, pensei que ela ia mudar de ideia, um pouco pelo menos.

“Mãe,” disse, minha voz falhando, “vamos lá.”

Com um jeito aflito, meu pai disse, “Belly, vamos pensar um pouco mais sobre isto, está bem? Foi tudo muito rápido para nós.” Ignorei-o e olhei apenas para minha mãe.

Implorando, eu disse, “Mãe? Não está falando sério.” Ela balançou a cabeça. “Estou.”

“Mãe, não pode não ir ao meu casamento. Isso é loucura.” Tentei soar calma, como senão estivesse à beira da histeria.

“Não, o que é louco é a ideia de uma adolescente se casar.” Ela apertou os lábios. “Eu não sei o que dizer para que entenda. Como te faço entender, Isabel?”

“Não consegue,” disse.

Minha mãe inclinou-se, os olhos fixos em mim.

“Não faça isto.”

Eu já decidi. Vou casar com o Jeremiah” Fiquei de pé. “Se não consegue estar feliz por mim, então talvez – talvez seja melhor que não venha.” Já estava nas escadas quando o meu pai chamou, “Belly, espera” Parei, e depois ouvi a minha mãe dizer, “Deixa-a ir.” Quando estava no meu quarto, liguei para Jeremiah. A primeira coisa que ele disse foi, “Quer que eu fale com ela?”

“Isso não vai ajudar. Estou te dizendo, ela já decidiu. Eu a conheço. Ela não vai mudar. Pelo menos, não agora.”

Ele calou-se. “Então o que quer fazer?”

“Não sei.” Comecei a chorar.

“Está dizendo que quer adiar o casamento?”

“Não!”

“Então, o que devemos fazer?”

Limpando o meu rosto, disse, “Acho que devemos manter o casamento.

Começa a planejar.”

Assim que desliguei o telefone, comecei a ver as coisas mais claramente.

Precisava separar emoção e razão. Recusar ir ao casamento era o trunfo da minha mãe. Era a única coisa que ela tinha para se apoiar. E ela estava blefando. Ela tinha de estar blefando. Por mais desapontada e chateada que ela estivesse comigo, não conseguia acreditar que ela não iria ao casamento da sua única filha. Não conseguia.

A única coisa que havia para fazer agora era ir em frente e por o casamento em andamento. Com ou sem a minha mãe do meu lado, isto ia acontecer.

Capítulo Vinte Três

Estava dobrando roupa quando o Steven bateu à porta mais tarde, naquela noite. Como sempre só me deu alguns segundos até a abrir; ele nunca esperava até eu dizer “pode entrar”. Ele entrou no quarto e fechou a porta atrás dele. Steven ficou de pé no meu quarto, meio estranho, inclinándose contra a parede, os braços cruzados sobre o peito.

“Que?” disse. Embora eu já soubesse.

“Então... você e o Jere, estão falando sério sobre isto?” Fiz uma pilha com algumas camisetas.

“Sim.”

Steven atravessou o quarto e sentou na minha escrivaninha, absorvendo a minha resposta durante um minuto. Depois virou-se para mim, abrangendo a cadeira, e disse, “Você sabe que isso é insano, certo? Nós não vivemos nos campos do Oeste da Virginia. Não há razão para se casar tão nova.”

“O que é que você sabe sobre o Oeste da Virginia?” zombei.

“Nunca estiveste lá.”

“Não é aí que eu quero chegar.”

“E onde é que quer chegar?”

“Que vocês ainda são muito novos.”

“A mãe te mandou aqui para falar comigo?”

“Não,” ele disse, e eu sabia que ele estava mentindo, “Só estou preocupado contigo.”

Olhei-o de cima a baixo.

“Está bem, sim, ela mandou,” ele admitiu. “Mas eu vinha aqui de qualquer maneira.”

“Não vai me fazer mudar de ideia.”

“Ouve, ninguém te conhece melhor que eu.” Ele parou, pensando nas palavras. “Eu adoro o Jere – ele é como um irmão para mim. Mas você é minha irmã mais nova. Está em primeiro lugar. Toda esta ideia de casamento –

desculpa, mas eu acho estúpido. Se vocês gostam assim tanto um do outro, podem esperar uns anos para ficarem juntos. E se não conseguirem, é porque não deveriam casar-se.”

Senti-me tocada e irritada. O Steven nunca disse coisas do gênero “Está em primeiro lugar.” Mas depois me chamou de estúpida, que era mais o gênero dele.

“Não espero que entenda,” disse. Dobrei e redobrei outra camiseta.

“Jeremiah quer que você e o Conrad sejam os padrinhos dele.” Steven abriu um sorriso. “Ele quer?”

“Sim,” eu disse.

Steven parecia realmente feliz, mas depois me apanhou olhando para ele, e limpou o sorriso do rosto. “Não acho que a mãe vá me deixar ir ao casamento.”

“Steven, você tem vinte e um anos. Pode decidir por si próprio.” Ele franziu a testa. Magoei o seu orgulho. Ele disse, “Bem, eu continuo a não achar a ideia mais inteligente.”

“Percebi,” eu disse. “Mas, vou fazê-lo do mesmo jeito.”

“Caramba, a mãe vai me matar. Era suposto eu te convencer a não casar, não ser puxado para o casamento,” Steven disse, levantando-se.

Escondi o meu sorriso. Isto é, até Steven acrescentar, “É melhor eu e o Con começarmos a planejar a despedida de solteiro.” Rapidamente, eu disse, “O Jere não quer nada disso.” Steven estufou o peito. “Não tem direito a opinião, Belly. É uma menina.

Isto é coisa de homens.”

“Coisa de homens?”

Sorrindo, ele fechou a porta.

Capítulo Vinte e Quatro

Apesar do que Steven disse, ainda me encontrava a espera da minha mãe. À espera que ela mudasse de ideia, à espera que ela aceitasse. Não começaria a planejar o casamento até que ela dissesse que sim. Mas quando os dias começaram a passar, e ela se recusava a falar sobre o assunto, sabia que não podia esperar mais.

Graças a Deus pela Taylor.

Ela trouxe uma grande pasta branca com recortes de revistas de casamentos e listas de afazeres e todos os tipos de coisas. “Estava guardando isto para o meu casamento, mas também podemos usá-las para o seu,” ela disse.

Tudo que eu tinha era um daqueles blocos amarelos da mãe. Tinha escrito casamento no topo e feito uma lista de coisas que precisava fazer. A lista parecia bem pequena, ao lado da pasta da Taylor.

Estávamos sentadas na minha cama, com papéis e revistas de noivas a nossa volta. A Taylor estava concentrada.

Ela disse, “Primeiro temos de encontrar um vestido. Agosto já está chegando.”

“Não me parece estar chegando,” disse.

“Bom, mas está. Dois meses para planejar um casamento não é nada.

Em termos de casamentos, isso é já amanhã.”

“Bem, eu acho que como o casamento vai ser simples, o vestido também devia ser,” disse

Taylor franziu a sobrancelha. “Quão simples?”

“Muito simples. O mais simples possível. Nada de volume, nem plissados.”

Assentiu para ela própria. “Consigno visualizá-lo. É parece muito casamento na praia como da Cindy Crawford, muito Carolyn Bessette.”

“Sim, parece-me bem,” disse. Não tinha ideia de como tinha sido os vestidos de casamento de nenhuma das duas. Nem sabia quem era a Carolyn Bessette. Depois de ter o vestido, ia parecer mais real, poderia ver acontecer.

Agora ainda parecia muito abstrato.

“E os sapatos.”

Olhei-a. “Como se eu fosse usar saltos na praia. Eu mal consigo andar de saltos em terreno

normal.”

A Taylor ignorou-me. “E o meu vestido de dama de honra?” Empurrei algumas revistas para o chão para que pudesse deitar. Estiquei as minhas pernas o mais alto que consegui e pus os meus pés contra a parede. “Estava pensando em amarelo mostarda. Num material do tipo acetinado.” A Taylor odiava amarelo mostarda.

“Cetim amarelo mostarda,” Taylor repetiu, assentindo e tentando não fazer cara de nojo. Podia ver que ela estava dividida entre a sua vaidade e o seu credo, que era, a noiva tem sempre razão. “Isso pode funcionar no tom de pele da Anika. Eu sou mais primavera, mas se começar a bronzear-me já, pode funcionar.”

Ri. “Estava brincando. Pode vestir o que quiser.”

“Tonta!” ela disse, parecendo aliviada. Deu um tapa na minha coxa. “É tão imatura! Não acredito que vai casar!”

“Eu também não.”

“Mas acho que faz sentido, numa forma meio Quinta Dimensão. Vocês se conhecem, a uns, grilhão de anos. É destino.”

“Quanto tempo é um grilhão de anos?”

“Uma eternidade.” No ar ela desenhava as minha iniciais.

“B.C. + J.F. para sempre.”

“Para sempre,” repeti feliz. Eu podia fazer para sempre. Eu e Jere.

Capítulo Vinte e Cinco

No dia seguinte, no caminho do shopping para encontrar Taylor, passei pelo escritório da minha mãe. "Eu vou procurar um vestido", eu disse parada na porta.

Ela parou de escrever e olhou para mim. "Boa sorte", disse ela.

"Obrigado". Eu acho que havia coisas piores do que "boa sorte" para ela dizer, mas o pensamento não me fez sentir melhor.

A loja de roupas de festa estava lotada de meninas procurando vestidos de baile com suas mães. Eu não esperava sentir uma pontada no meu peito quando eu as vi.

Meninas deveriam ir comprar o vestido de casamento com suas mães.

Elas saíam do vestuário com vestido certo e a mãe iria chorar e dizer: "Este é o vestido." Isso eu tinha certeza que era como deveria ser.

"Não é um pouco tarde para o baile?" Eu perguntei para Taylor. "A nossa não foi, tipo, em maio?"

"Minha irmã me disse que eles adiaram o baile este ano, por causa de um escândalo com o assistente do diretor", ela explicou. "Todo dinheiro do baile desapareceu ou algo assim. Então agora é a Grom Baile de Formatura."

Eu ri. "Grom".

"Além disso, as escolas particulares sempre fazem o seu baile mais tarde, lembra? Colegial St. Joe."

"Eu só fui a um baile", eu a lembrei. Um tinha sido mais do que suficiente para mim.

Eu vagava ao redor da loja e encontrei um vestido que eu gostei, era tomara-que-caia, branco bem branco. Eu nem sabia que existia diferentes tons de branco, apenas pensei que branco era branco. Quando encontrei Taylor ela tinha uma pilha de vestidos em seu braço. Tivemos que esperar na fila por um provador.

A menina na minha frente, disse à mãe: "Eu vou surtar se alguém usar o mesmo vestido que eu".

Taylor e eu reviramos os olhos uma para a outra. Eu vou surtar, Taylor murmurou.

Parecia que nós esperamos nessa fila uma eternidade.

"Tenta este primeiro", Taylor ordenou quando foi a minha vez.

Sem questionar, obedeci.

“Saia”. Taylor gritou de sua cadeira ao lado do espelho de três lados. Ela estava acampada com as outras mães.

"Não gostei, é muito brilhante. Pareço, Glinda, a bruxa boa, ou algo assim."

"Venha para fora e deixe-me vê-lo!"

Sai e já havia algumas meninas se olhando no espelho, verificando a parte de trás do vestido. Eu fiquei atrás delas.

Em seguida, a menina de antes sai do provador com o mesmo vestido que o meu, só que na cor champanhe. Ela me viu, e imediatamente perguntou:

"A qual baile você vai?".

Taylor e eu nos olhamos no espelho. Taylor estava cobrindo a boca, rindo. Eu disse, "Não vou a um baile".

Taylor disse: "Ela vai se casar!".

A menina estava boquiaberta. "Quantos anos você tem? Você parece tão jovem".

"Eu não sou tão jovem", disse. "Tenho dezenove anos." Eu não tenho dezenove até agosto, mas dezenove parece muito mais velho do que dezoito anos.

"Oh," ela disse. "Eu pensei que nós éramos, tipo, da mesma idade". Nos olhei no espelho enquanto estava lá com o mesmo vestido. Eu também pensei que tínhamos a mesma idade. Eu vi sua mãe olhando para mim e sussurrando para a senhora ao seu lado, e eu podia sentir-me corar.

Taylor também viu e disse em voz alta: "Você mal pode dizer que ela está grávida de três meses".

A mulher suspirou. Ela balançou a cabeça para mim e eu dei-lhe um pequeno encolher de ombros. Então Taylor agarrou a minha mão e correu de volta para o meu vestuário, rindo.

"Você é uma boa amiga", eu disse, enquanto ela abria o zíper do meu vestido.

Olhamos uma para a outra no espelho, eu estava no meu vestido branco e ela em seu short jeans e sandálias. Senti como se estivesse prestes a chorar.

Mas Taylor me poupou disso - Ela me fez rir. Ela revirou os olhos e mostrou a língua. Era bom rir de novo.

Três lojas depois, sentamos na praça de alimentação e nada de vestido ainda. Taylor comeu batatas fritas, e eu comi frozen de iogurte polvilhado com granulado colorido. Meus pés doíam e eu já estava querendo ir para casa. O

dia não está sendo tão divertido quanto imaginei.

Taylor inclinou-se sobre a mesa e mergulhou uma batata frita já com ketchup no meu frozen de iogurte. Puxei o copo para longe dela.

"Taylor! Isso é nojento."

Ela encolheu os ombros. "Isso vindo da garota que põe açúcar em pó em Cap'n Crunch?". Me passa uma batata frita, ela disse: "Basta experimentar".

Eu mergulhei no copo, com cuidado para não deixar nenhum granulado nela, porque isso seria nojento demais. Joguei a batata em minha boca. Não é mau.

Engolindo, eu disse: "E se não conseguirmos encontrar um vestido?".

"Nós vamos encontrar um vestido", ela assegurou-me, e me entregou outra batata. "Não venha dá uma de Debbie Downer para cima de mim".

Ela estava certa. Encontramos o vestido na próxima loja. Foi o último que eu experimentei. Todo o resto era mais ou menos ou muito caro. Este vestido era longo, branco e sedoso e algo que você poderia usar na praia. Não foi tão caro, o que era importante. Mas o mais importante de tudo, quando eu me olhei no espelho, eu pude me imaginar casando vestida com ele.

Nervosa, eu saí, alisando o vestido para baixo nos lados. Olhei para ela.

"O que você acha?"

Seus olhos estavam brilhando. "É perfeito. Simplesmente perfeito".

"Você acha?"

7 É uma linha de cereais matinais fabricado pela Quaker Oats Company 8 É um personagem do Saturday Night Live, o nome é uma frase que se refere a alguém que dá má notícia e passa sentimentos negativos.

"Vamos, olhe para si mesma no espelho e me diga, „vaca"."

Rindo, eu pisei em cima da plataforma e olhei para mim mesma no espelho de três lados. Era isso. É este.

Capítulo Vinte e Seis

Naquela noite, experimentei meu vestido novo e liguei para Jeremiah.

"Achei o meu vestido", disse a ele. "Eu estou usando agora."

"Como ele é?"

"É uma surpresa. Mas eu juro que é muito bonito. Taylor e eu achamos na quinta loja que fomos. Nem sequer custou caro". Passei a mão ao longo do tecido de seda.

"Ele se encaixa perfeitamente no meu corpo, por isso não terei que fazer qualquer ajuste."

"Então, por que você parece tão triste?"

Sentei-me no chão, abraçando meus joelhos junto ao peito. "Eu não sei.

Talvez porque a minha mãe não estava lá para me ajudar a escolhê-lo... eu pensei que a compra de um vestido de casamento era para ser algo especial que você faz com a sua mãe e ela não estava lá. Foi bom com Taylor, mas eu gostaria que minha mãe estivesse lá também".

Jeremiah ficou quieto. Então ele disse: "Você pediu-lhe para ir com você?".

"Não, não exatamente, mas ela sabia que eu queria que ela estivesse lá.

Eu odeio que ela não faça parte disso". Eu tinha deixado à porta do meu quarto aberta, esperando que minha mãe pudesse passar, me ver com o vestido e parar. Ela não veio até agora.

"Ela deve estar indo".

"Eu espero que sim. Não sei se posso imaginar me casando sem minha mãe lá, sabe?"

Jere deixou escapar um pequeno suspiro. "Sim, eu também", disse ele, e eu sabia que ele estava pensando em Susannah.

Na manhã seguinte, minha mãe e eu estávamos tomando café da manhã, minha mãe com iogurte com granola e eu com os meus waffles congelados, quando a campainha tocou.

Minha mãe levantou os olhos do jornal. "Você está esperando alguém?", ela perguntou.

Eu balancei minha cabeça e levantei para ver quem era. Eu abri a porta, imaginando que seria Taylor com mais revistas de noivas. Em vez disso, era Jeremiah. Ele estava com um buquê de lírios e estava com uma bela camisa branca de botões com listras azul claro.

Coloquei a mão na boca, em delírio. "O que você está fazendo aqui?", eu gritei por trás de minhas mãos.

Ele me abraçou. Senti o cheiro do café McDonald's em seu hálito. Ele deve ter acordado bem cedo para chegar aqui. Jeremiah amava o café da manhã do McDonald's, mas nunca acordava cedo o suficiente para tomar um.

Ele disse: "Não fique muito animada. Estas não são para você. Laurel está aqui?".

Senti-me arrebatada e atordoada. "Ela está tomando café da manhã", disse.

"Vamos lá dentro."

Eu abri a porta para ele e ele me seguiu até a cozinha. Brilhantemente, eu disse: "Mãe, olha quem está aqui!".

Minha mãe olhou espantada, a colher a meio caminho de sua boca.

"Jeremiah!".

Jeremiah foi até ela, com as flores na mão. "Eu tinha que vir e cumprimentar minha futura sogra corretamente", ele disse, com um sorriso travesso. Ele deu um beijo na bochecha dela e colocou as flores ao lado da tigela de iogurte.

Eu estava observando de perto. Se alguém poderia encantar minha mãe, era Jeremiah. Eu já podia sentir a tensão no ar.

Ela sorriu um sorriso que parecia frágil, mas era um sorriso, no entanto. Ela se levantou. "Estou feliz que você veio", disse ela. "Eu venho querendo conversar com vocês dois".

Jeremiah esfregou as mãos. "Certo. Vamos fazer isso. Bely venha cá.

Abraço em grupo primeiro".

Minha mãe tentava não rir enquanto Jeremiah lhe deu um abraço de urso. Ele fez um gesto para eu participar e eu veio por trás minha mãe e abraçou em torno da cintura. Ela não podia evitar: uma risada escapou. "Ok, ok Vamos para a sala de estar. Jere, você já comeu?".

Eu respondi para ele. "Egg McMuffin9, certo, Jere?".

Ele piscou para mim. "Você me conhece bem".

Minha mãe já havia entrado na sala, de costas para nós.

"Posso sentir McDonald's no seu hálito", lhe disse em voz baixa.

Ele colocou a mão sobre a boca, parecendo autoconsciente, o que era raro para ele. "Será que cheira ruim?", ele perguntou.

Eu senti tanta ternura por ele naquele momento. "Não", eu disse a ele.

Nós três nos sentamos na sala de estar, Jeremiah e eu no sofá, minha mãe em uma poltrona de frente para nós.

Tudo estava indo tão bem. Ele tinha feito a minha mãe rir. Eu não a tinha visto rir ou sorrir nenhuma vez, desde que tínhamos lhe contado. Comecei a me sentir esperançosa, como se isso pudesse realmente funcionar.

A primeira coisa que ela disse foi: "Jeremiah, você sabe que eu te amo.

Eu não quero nada além melhor para você. É por isso que não posso apoiar o que vocês dois estão fazendo".

Jeremias se inclinou para frente. "Laur"

Minha mãe levantou a mão. "Você é muito jovem. Os dois. Vocês ainda estão em processo de gerir suas vidas e se tornarem as pessoas que querer ser um dia. Ainda são crianças. Vocês não estão prontos para um compromisso como este. Estou falando de um compromisso para vida inteira, Jeremiah".

Ansiosamente, ele disse, "Laurel, eu quero estar com Bely a vida toda.

Eu posso comprometer-me a isso, fácil".

Minha mãe balançou a cabeça. "E é assim que eu sei que você não está pronto, Jeremiah. Você leva as coisas muito a sério. Este não é o tipo de coisa que você faz por capricho. Isso é sério".

A condescendência em sua voz realmente me irritou. Eu tinha dezoito anos, não oito, e Jeremiah tinha dezenove anos. Nós tínhamos idade suficiente para saber que casamento era sério. Nós vimos à forma como os nossos pais. É uma família de sanduíches em vários tamanhos vendidos pela rede de *fast-foods* McDonald estragaram seus próprios casamentos. Nós não iríamos cometer os mesmos erros. Mas não disse nada. Eu sabia que se ficasse com raiva ou tentasse argumentar, isso só provaria seu ponto de vista.

Então continuei ouvindo. "Eu quero que vocês dois esperem. Quero que Bely termine os estudos. Quando se formarem, se vocês dois ainda se sentirem da mesma forma, casem. Mas só depois de se formar. Se Beck estivesse aqui, ela iria concordar comigo".

"Eu acho que ela estaria muito feliz por nós", disse Jeremiah.

Antes que minha mãe pudesse contradizê-lo, ele acrescentou, "Bely ainda vai se graduar no tempo certo, posso prometer-lhe isso. Eu vou cuidar bem dela. Basta dar-nos a sua bênção". Ele estendeu a mão e tocou-a e deu-lhe um aperto de brincalhão. "Vamos lá, Laur. Você sabe que você sempre me quis como genro".

Minha mãe parecia triste. "Não é assim, querido. Sinto muito".

Houve uma pausa longa e estranha, os três sentados lá, eu podia sentir que estava começando a desabar. Jeremiah colocou o braço em volta de mim e apertou meu ombro, então ele soltou.

"Isso significa que você não vem ao casamento?", perguntei a ela.

Balançando a cabeça, ela disse: "Isabel, que casamento? Você não tem o dinheiro para pagar por um casamento".

"Isso é para nós nos preocuparmos, não você", eu disse. "Eu só quero saber, você vem?".

"Eu já te dei a minha resposta. Não, eu não vou estar lá".

"Como você pode dizer isso?". Eu deixei escapar um suspiro, tentando manter a calma. "Você está chateada porque não cabe a você dizer uma palavra sobre este assunto. Você não pode dizer uma palavra sobre o que acontece, e isto está matando você".

"Sim, está me matando", ela retrucou. "Ver você tomar uma decisão tão estúpida está me matando".

Minha mãe fixou os olhos em mim, e eu virei minha cabeça para longe dela, os joelhos tremendo. Eu não podia dar ouvido a ela. Ela estava envenenando nossa boa notícia com as dúvidas e a negatividade dela. Ela estava distorcendo tudo.

Eu me levantei. "Então eu vou embora. Você não vai ter que ver mais nada".

Jeremiah olhou assustado. "Vamos lá, Bels, sente-se".

"Eu não posso ficar aqui", eu disse.

Minha mãe não disse uma palavra. Ela ficou ali sentada, com as costas ereta.

Saí da sala e subi as escadas.

No meu quarto, arrumei rapidamente uma mala, jogando algumas camisetas e roupas íntimas na mala. Eu estava jogando na minha nécessaire com produtos de higiene pessoal no topo da pilha quando Jeremiah entrou no meu quarto. Ele fechou a porta atrás de si.

Sentou-se na minha cama. "O que aconteceu?", Ele perguntou, parecendo atordoado ainda.

Eu não respondi a ele, continuei a guarda as coisas.

"O que você está fazendo?", Ele me perguntou.

"O que lhe parece?"

"Tudo bem, mas você tem um plano?"

Eu fechei a minha mala. "Sim, eu tenho um plano. Vou ficar na casa de meus primos até o casamento. Eu não posso lidar com ela".

Jeremiah prendeu a respiração. "Você está falando sério?"

"Você já ouviu o que ela disse. Ela não vai mudar o de ideia. Este é o jeito que ela quer."

Ele hesitou. "Eu não sei... E o seu trabalho?"

"Você é a pessoa que me disse que eu deveria parar. É melhor assim.

Posso planejar o casamento melhor na casa dos meus primos do que aqui". Eu estava suando para levantar minha mala.

"Se ela não pode embarcar nesse trem, então isso é muito ruim. Porque o casamento vai acontecer."

Jeremiah tentou levar a mala de mim, mas eu disse a ele para não se preocupar. Eu arrastei a mala pelas escadas até chegar ao carro sem dizer uma palavra a minha mãe. Ela não perguntou para onde estávamos indo, nem perguntou quando eu iria voltar.

Na saída da cidade, paramos no Behr"s. Jere esperou por mim no carro enquanto entrei. Se eu não tivesse acabado de ter uma briga com a minha mãe, nunca teria a coragem de sair assim. Mesmo sabendo que as pessoas iam e vinham a todo o momento no Behr"s, especialmente estudantes... não é fácil. Fui direto para a cozinha e encontrei minha gerente, Stacey, disse-lhe que sentia muito, mas acontece que, eu ia casar em dois meses, e não poderia continuar trabalhando lá.

Stacey olhou para minha barriga e, em seguida, o meu dedo e disse:

"Parabéns Isabel, saiba que sempre há um lugar para você aqui no Behr"s".

Sozinha no meu carro novo, eu chorei alto, soluços irregulares. Chorei até minha garganta doer. Eu estava brava com a minha mãe, mas pior do que isso era essa tristeza esmagadora. Eu era crescida o suficiente para tomar as minhas decisões, sem ela. Eu poderia me casar, eu poderia sair do meu emprego. Eu era uma menina grande agora. Eu não tenho que pedir a permissão dela. Minha mãe não era mais a toda poderosa. Parte de mim queria que ela ainda fosse.

Capítulo Vinte e Sete

Estávamos meia hora de Cousins, quando Jeremiah disse:

"Conrad está morando em Cousins".

Meu corpo inteiro enrijeceu. Estávamos em um semáforo, e o carro de Jeremiah estava na frente do meu.

"Desde quando?"

"Desde a semana passada. Ele apenas ficou depois da coisa toda no restaurante. Ele voltou uma vez para buscar as coisas dele, mas eu acho que ele vai passar o verão aqui."

"Oh," eu disse. "Você acha que ele se importe que eu vá ficar lá?"

Eu podia ouvir Jeremiah hesitar. "Não, eu não. Só gostaria de estar lá também. Se não fosse por esse estágio estúpido, eu poderia estar. Talvez eu devesse parar."

"Você não pode. Seu pai o mataria."

"Sim, eu sei." Eu o ouvi hesitar novamente, e então disse: "Eu não me sinto bem sobre a maneira como deixamos as coisas com sua mãe. Talvez você devesse voltar para casa, Belly".

"Isso não vai funcionar. Vamos apenas brigar novamente." O sinal ficou verde. "Você sabe, eu realmente acho que isso poderia ser o melhor. Ia nos dar tanto espaço..."

"Se você diz assim" - disse Jeremiah. Mas eu poderia dizer que ele não concordou completamente.

"Vamos falar mais quando chegarmos em casa", eu disse.

Esta notícia de que Conrad estava em Cousins fez-me sentir desconfortável. Talvez ficar na casa de verão não seria uma boa ideia.

Mas quando entrei na garagem vazia, senti um alívio incrível de estar de volta. Estava de volta em casa. A casa parecia igual: a mesma cor branca, alto e cinza, e fez com que me sentisse a mesma. Como se estivesse no lugar que eu pertencia, como se eu pudesse voltar a respirar.

Estava sentada no colo de Jeremiah em uma cadeira, quando ouvimos um som de carro lá fora. Era Conrad, saindo do carro com uma sacola de compras. Ele olhou surpreso ao nos ver ali sentados no convés. Levantei-me e acenei.

Jeremiah esticou as mãos atrás da cabeça e recostou-se na sua cadeira.

"Ei, Con."

"O que está acontecendo", disse ele, caminhando até nós. "O que vocês estão fazendo aqui?"

Conrad deixou a sacola de supermercado e sentou-se ao lado de Jeremiah, e eu meio que pairava sobre eles.

"Coisas de casamento", disse Jeremias vagamente.

"Coisas de casamento", Conrad repetiu. "Então vocês estão realmente fazendo isso?"

"Claro que sim" Jeremiah me puxou de volta para o seu colo. "Certo, mulher?"

"Não me chame de mulher", eu disse, franzindo o nariz. "Grosso" Conrad me ignorou. "Isso significa que Laurel mudou de ideia", ele perguntou a Jeremiah.

"Ainda não, mas ela vai", disse Jeremias, e eu não o corrigi.

Eu sentei por cerca de vinte segundos antes de torcer em seus braços e levantar-me novamente.

"Eu estou morrendo de fome", disse, inclinando-me para baixo e bisbilhotando ao redor do saco de mantimentos do Conrad. "Será que você comprou alguma coisa boa?"

Conrad me deu seu sorriso meio confuso. "Não tem Cheetos ou pizza congelada, se é o que você quer. Desculpe, tenho coisas para o jantar, no entanto. Eu vou cozinhar alguma coisa para nós." Ele se levantou, pegou a sacola de compras, e entrou na casa.

10 Marca de Salgadinho

Para o jantar, Conrad fez tomate, manjerição e salada de abacate com peito de frango grelhado. Nós comemos no convés.

Com a boca cheia de frango, Jeremiah disse: "Uau, estou impressionado. Desde quando você cozinha?"

"Desde que eu tenho vivido por conta própria. Isso é quase tudo o que eu como: Frango, todos os dias." Conrad empurrou a tigela de salada para mim, sempre olhando para cima. "Comeu o suficiente?"

"Sim. Obrigado, Conrad. Está tudo muito bom."

"Muito bom", Jeremiah repetiu.

Conrad apenas deu de ombros, mas as pontas das orelhas ficaram vermelhas, e eu sabia que ele estava satisfeito.

Eu cutuquei Jeremiah no braço com o meu garfo. "Você poderia aprender uma coisa ou duas."

Ele me cutucou de volta. "Então, você também pode." Ele tomou uma mordida grande de salada antes de anunciar: "Belly vai ficar aqui até o casamento. Tudo bem para você, Conrad?"

Eu poderia dizer que Conrad estava surpreso, porque ele não respondeu de imediato. "Eu não vou ficar no seu caminho", disse ele. "Estão apenas fazendo coisas de casamento." "Está tudo bem. Eu não me importo", disse ele.

Olhei para o meu prato. "Obrigada", eu disse. Então, eu estava preocupada com nada. Conrad não se importava se eu estava aqui ou não.

Não era como se nós tivéssemos que andar juntos. Ele estava indo fazer suas próprias coisas do jeito que sempre fez, eu estaria ocupada planejando o casamento, e Jeremiah iria dirigir-se toda sexta-feira para ajudar. Tudo estaria bem.

Depois de terminar o jantar, Jeremiah sugeriu que todos fossemos tomar um sorvete de sobremesa. Conrad recusou, dizendo que ele iria arrumar a cozinha. Eu disse, "o cozinheiro não deve arrumar a cozinha", mas ele disse que não se importava.

Jeremiah e eu fomos para a cidade. Eu tenho uma bola de sorvete de biscoitos e creme e uma bola de sorvete da massa de cookie com polvilho, em uma casquinha. Jeremiah tem sorvete de arco-íris.

"Você está se sentindo melhor?", Ele me perguntou à medida que andávamos em torno do calçadão. "Sobre o que aconteceu com sua mãe?"

"Não realmente," eu disse. "Eu prefiro não pensar nisso hoje."

Jeremiah assentiu. "Como você quisier."

Mudei de assunto. "Será que você sabe quantas pessoas deseja convidar?", Perguntei.

"Sim." Ele começou a dizer os nomes em seus dedos. "Josh, Redbird, Gabe, Alex, Sanchez, Peterson"

"Você não pode convidar a todos de sua fraternidade."

"Eles são meus irmãos", disse ele, olhando magoado.

"Eu pensei que nós havíamos resolvido que faríamos algo pequeno".

"Então vamos apenas convidar alguns deles. Ok?"

"Ok Nós ainda temos que escolher a comida", eu disse, lambendo o caminho ao redor do cone para que não escorresse.

"Podemos sempre pedir ao Conrad para grelhar um pouco de frango,"

Jeremiah disse com uma risada.

"Ele vai ser o seu padrinho. Ele não pode estar suando sobre uma grelha."

"Eu estava brincando."

"Você perguntou a ele, sobre ser seu padrinho?"

"Ainda não. Eu vou, no entanto." Ele se inclinou e deu uma mordida no meu sorvete. Ele ficou um pouco em seu lábio superior, como um bigode de leite.

Mordi o interior das minhas bochechas para não sorrir.

"O que é tão engraçado?"

"Nada".

Quando voltamos para casa, Conrad estava assistindo TV na sala de estar. Ao sentarmos no sofá, ele levantou-se.

"Eu vou bater o saco", disse ele, esticando os braços sobre a cabeça.

"São dez horas ainda. Assista a um filme conosco", disse Jeremiah.

"Não, eu vou me levantar cedo amanhã e ir surfar. Quer se juntar a mim?"

Jeremiah olhou para mim antes de dizer: "Sim, é uma boa ideia".

"Eu pensei que a gente fosse trabalhar na lista de convidados na parte da manhã", eu disse.

"Eu volto antes mesmo que você esteja acordada. Não se preocupe."

Para Conrad, ele disse: "Bata na minha porta quando você se levantar."

Conrad hesitou. "Eu não quero acordar a Belly".

Eu podia sentir-me corar. "Eu não me importo", eu disse.

Desde que Jeremiah e eu tínhamos nos tornado namorados, só tínhamos estado na casa de verão juntos uma vez. Desta vez, eu dormi em seu quarto com ele.

Nós assistimos TV até que ele adormeceu, porque gostava de dormir com a televisão ligada ao fundo. Eu não poderia dormir desse jeito, então esperei até que dormisse e depois a desliguei. Senti-me um pouco estranha dormindo em sua cama, quando a minha estava apenas no final do corredor.

Na faculdade dormimos na mesma cama o tempo todo, e isso parecia normal. Mas aqui na casa

de verão, eu só queria dormir no meu próprio quarto, na minha própria cama. Era-me familiar. Isso me fez sentir como uma garotinha ainda de férias com toda a sua família.

Meus lençóis eram finos, com botões de rosas amarelas desbotadas.

Minha cômoda e penteadeira em madeira de cerejeira. Antes costumavam ter duas camas brancas, mas Susannah se livrou delas e colocou o que ela chamou de "grande cama de menina." Eu amei essa cama.

Conrad subiu as escadas, e esperei até que ouvi a porta de seu quarto fechar antes e disse: "Talvez eu deva dormir em meu quarto esta noite".

"Por que", perguntou Jeremiah. "Eu prometo ficar quieto quando me levantar." Cuidadosamente, perguntei:

"Não são a noiva e o noivo que deveriam dormir em camas diferentes antes do casamento?"

"Sim, mas refere-se á noite antes do casamento. Não toda noite antes dele."

Ele parecia magoado por um segundo, e então ele disse em seu tom de brincadeira

"Vamos lá, você sabe que eu não vou tocar em você."

Mesmo que eu saiba que ele só estivesse brincando, ele duvidou um pouco.

"Não é isso. Dormindo no meu próprio quarto me faz sentir... normal. É

diferente do que na escola. Na escola, dormindo com você perto de mim parecia normal. Mas aqui, eu gosto de lembrar o que costumava sentir".

Olhei para o seu rosto para ver se ainda havia alguma mágoa. "Isso faz sentido?"

"Eu acho." Jeremiah não pareceu convencido, e eu comecei a desejar nunca ter tocado nesse assunto.

Cheguei mais perto dele, colocando meu pé em seu colo. "Você me terá ao seu lado todas as noites para o resto de nossas vidas."

"Sim, eu acho que é muito", disse ele.

"Ei," eu disse, chutando a minha perna.

Jeremiah apenas sorriu e colocou um travesseiro sobre os meus pés.

Então ele mudou o canal e assistimos TV, sem dizer mais nada sobre isso.

Quando era hora de ir para a cama, ele foi para seu quarto, e eu para o meu.

Dormi melhor do que tinha dormido em muito tempo.

Capítulo Vinte e Oito

Conrad

Perguntei a Jeremiah se ele queria surfar, porque queria levá-lo sozinho para que pudesse descobrir que diabos estava acontecendo. Eu não tinha falado com ele desde que fez seu grande anúncio no restaurante. Mas agora que estávamos sozinhos, eu não sabia o que dizer.

Nós boiávamos em nossas pranchas, esperando a próxima onda.

Tinham sido pequenas, até agora.

Limpei a garganta. "Então, quão irritado está Laurel?"

"Irritado", Jeremiah disse, fazendo uma careta.

"Belly e ela tiveram uma briga muito grande ontem."

"Na sua frente?"

"Sim".

"Merda." Eu não fiquei surpreso, no entanto. Laurel de jeito nenhum iria aceitá-lo. Com certeza, não vai jogar sua filha adolescente em um casamento.

"Sim, muito."

"O que o papai diz sobre tudo isso?"

Ele me deu um olhar engraçado. "Desde quando você se importa com o que papai diz?"

Olhei para a casa. Hesitei antes de dizer: "Eu não sei. Se Laurel é contra e o pai também, talvez você não devesse fazer isso. Quero dizer, você ainda está na faculdade. Nem mesmo tenho um emprego. Quando você pensa sobre isso, parece um pouco ridículo." Minha voz sumiu. Jeremiah estava olhando torto para mim.

"Fique fora disso, Conrad", disse ele. Ele estava praticamente cuspidando.

"Tudo bem. Desculpe. Eu não quis dizer que... Eu sinto muito".

"Eu nunca pedi sua opinião. Isso é entre mim e Belly".

Eu disse: "Você está certo".

Jeremiah não respondeu. Ele olhou por cima do ombro, e então começou a remar para longe. Quando a onda cresceu, ele apressou-se e se dirigiu para a costa.

Eu soquei minha mão através da água. Eu queria chutar a bunda dele.

“Isso é entre mim e Belly”. Presunçoso de merda.

Ele estava se casando com a minha menina, e eu não podia fazer nada sobre isso. Eu só tinha que ver isso acontecer, porque ele era meu irmão, porque eu prometi.

Cuide dele, Connie.

Eu estou contando com você.

Capítulo Vinte e Nove

Quando levantei na manhã seguinte, os meninos ainda estavam surfando, então peguei meu fichário, meu bloco de notas e um copo de leite e fui para o deck.

De acordo com a lista de Taylor, nós temos que ter a lista de convidados antes de pode fazer qualquer coisa.

Isso faz sentido. Caso contrário, como a gente vai saber quanta comida nós precisamos e tudo o mais?

Até agora, minha lista é pequena. Taylor, sua mãe, algumas meninas que cresceram junto conosco - Marcy e Blair e talvez Katie - Anika, meu pai, Steven e minha mãe.

Eu ainda nem fazia ideia se minha mãe iria. Meu pai vai - eu sei que vai.

Não importa o que minha mãe diga, ele estará lá. Eu gostaria que minha avó viesse também, mas ela se mudou de sua casa na Florida e foi morar numa casa de repouso no ano anterior. Ela nunca gostou de viajar, e agora, ela não poderia. No convite dela eu decidi escrever um bilhete prometendo visitá-la com Jeremiah durante as férias de outono. Aquilo foi o suficiente pra mim. Eu tenho alguns primos do lado do meu pai, mas nenhum que eu sou particularmente íntima.

Jeremiah tinha Conrad, três dos seus irmãos da fraternidade como nós combinamos, seu novo colega de quarto, e seu pai. Noite passada, Jeremiah me disse que seu pai poderia estar amolecendo. Ele disse que o Sr. Fisher pediu sobre quem nos casaria e quanto estávamos planejando gastar no casamento. Jere contou que nosso orçamento era de mil dólares. O Sr. Fisher bufou.

Para mim, mil dólares é muito dinheiro. Ano passado, eu levei o verão todo para guardar essa quantia como garçoneiro no Behrs.

Nossa lista de convidados terá menos de vinte pessoas. Com vinte pessoas nós podemos ter um piquenique na praia e alimentar todo mundo fácil.

Nós podemos conseguir alguns barris e champanhes baratos. Desde que nos casássemos na praia, nós nem precisaríamos de decoração. Apenas algumas flores para a mesa de piquenique ou conchas. Flores e conchas. Eu estava enrolada com esse casamento. Estava escrevendo minhas ideias, quando Jeremiah chegou. O sol ardia atrás dele, tão brilhoso que machucava meus olhos. "Bom dia" eu disse, ficando vesga ao olhá-lo. "Onde está Con?"

"Ele ainda está lá", Jeremiah sentou ao meu lado.

Sorrindo, ele perguntou: "Ah, você fez tudo sem mim?" Ele estava molhado e algumas gotas de água do mar caíram nas minhas anotações.

"Você desejou". Limpei a água. "Ei, o que você acha de um piquenique na praia?"

“Eu gosto de um bom piquenique” Ele concordou.

“Quantos barris são necessários para vinte pessoas?”

“Se Peterson e Gomez vierem, já são dois.”

Eu apontei minha caneta sobre seu peito. “Nós combinamos três irmãos e só, certo?”

Ele acenou com a cabeça, então se inclinou e me beijou. Seus lábios tinham gosto salgado e seu rosto estava gelado contra o meu rosto quente.

Ele acariciou sua bochecha antes de eu me afastar. “Se você deixar o fichário de Taylor molhado, ela vai matar você.” Eu o avisei, colocando-o atrás de mim.

Jeremiah fez cara de triste, olhou pra mim, pegou minhas mãos e colocou em volta de seu pescoço como se estivéssemos dançando lentamente.

“Mal posso esperar para me casar com você” ele murmurou no meu pescoço.

Eu ri. Meu pescoço é supersensível e ele sabia disso. Ele sabia quase tudo sobre mim e mesmo assim, continuava me amando.

“E você?”

“Eu, o que?”

Ele soprou meu pescoço e eu comecei a rir. Eu tentei me esquivar, mas ele não me deixava. Ainda rindo eu disse, “tudo bem, eu também mal posso esperar para me casar com você.”

Jere partiu no final da tarde daquele dia. Eu caminhei com ele até seu carro.

O carro de Conrad não estava na garagem. Eu não sabia para onde ele tinha ido.

“Me ligue quando chegar em casa para eu saber que está em segurança.” Eu disse.

Ele concordou. Estava quieto, o que não é de seu feitio. Eu achei que ele estava triste por ter que partir tão cedo. Queria que ele pudesse ficar mais também, eu realmente queria.

Fiquei na ponta dos pés e dei um grande abraço. “Te vejo em cinco dias.”

“Te vejo em cinco dias” ele repetiu.

Eu o olhei saindo, meus polegares no cinto da minha calça. Quando não pude mais ver seu carro, voltei para dentro de casa.

Capítulo Trinta

Na primeira semana em Cousins, evitei Conrad. Eu não aguentaria lidar com mais uma pessoa me dizendo que estava cometendo um erro, especialmente o julgamento de Conrad. Ele nem precisaria dizer isso com palavras, ele dizia com olhos. Então levantei antes e fiz minhas refeições. E

enquanto ele assiste TV na sala eu fico no meu quarto, endereçando os convites e olhando blogs de casamentos que a Taylor tinha marcado pra mim.

Duvido que ele sequer percebeu. Ele estava muito ocupado também. Ele surfa, sai com os amigos, trabalha em casa. Eu nunca saberia que ele era útil se eu não tivesse visto com meus próprios olhos. Conrad em uma escada verificando as saídas de ar-condicionado, Conrad repintando a caixa do correio. Vi tudo isso da janela do meu quarto.

Eu estava comendo Pop-tart¹¹ de morango na sacada quando ele veio correndo. Ele esteve fora toda manhã.

Seu cabelo estava molhando e ele estava usando uma camiseta velha de futebol do tempo do ensino médio e um short da marinha.

“Ei” eu disse. “De onde você vem?”

“Da academia” Conrad respondeu, passando por mim. Depois ele parou.

“É isso o que você está comendo de café da manhã?” Eu estava mastigando ao redor da borda do Pop-Tart.

“Sim, mas esse é meu último. Desculpe.”

Ele me ignorou. “Eu deixei cereal no balcão. Há frutas na fruteira também.”

Dei de ombros. “Eu pensei que fossem suas. Eu não quero comer suas coisas sem pedir antes.”

Impaciente ele disse: “Então, porque você não pediu?”.

¹¹ É uma marca de biscoito recheado.

Fiquei surpresa. “Como eu poderia pedir quando eu mal o vejo?” Nós fizemos careta um para o outro por uns três segundos antes de eu ver seu sorriso puxando o canto da boca.

“Justo” ele disse, e o traço de sorriso foi embora. Ele começou a deslizar pela porta de vidro aberta, se virou e disse, “não importa se eu comprei você pode comer”.

“Digo o mesmo” eu disse.

Aquele quase sorriso de novo. “Você pode ficar com seus Pop-Tarts, seus Funyuns¹², seu Kraft Mac¹³ e todo seu queijo para você.

“Ei, eu como outras coisas, além de porcarias”. Eu protestei.

“Claro que sim” ele disse e entrou.

Na manhã seguinte, a caixa de cereal estava novamente no balcão.

Dessa vez, eu me servi do seu cereal, seu leite e até peguei uma banana e coloquei no topo. E não estava ruim.

Conrad estava se tornando um belo colega de casa. Ele sempre baixava o assento da privada, lavava roupa do jeito certo, ele mesmo comprou mais toalhas de papel quando acabaram as nossas. Porém, eu não esperava menos. Conrad sempre foi organizado. Exatamente o oposto de Jeremiah nessa situação. Jeremiah nunca trocou um rolo de papel higiênico. Nunca lhe ocorreu de comprar toalhas de papel ou colocar de molho uma panela gordurosa com água quente e sabão.

Mais tarde, eu fui até o mercadinho e comprei algumas coisas para o jantar. Espaguete com molho e salada de alface e tomate. Cozinhei perto das sete, pensando: “Há! Isso vai mostrar para ele quão saudável eu como”! Acabei cozinhando demais a massa e não lavei a alface completamente, mas continuava com gosto bom.

Conrad não foi para casa, então, comi sozinha na frente da TV. Contudo, coloquei um pouco de comida em um prato para ele e deixei em cima do balcão quando fui para cama.

Na manhã seguinte, ele tinha comido e lavado a louça.

¹² É uma marca de salgadinhos de milho, sabor cebola.

¹³ É uma mistura de macarrão e queijo, preparado instantaneamente.

Capítulo Trinta e Um

Da próxima vez que falamos um com o outro, já estava na metade do dia e eu estava sentada na mesa da cozinha com meu caderno com planos do casamento. Agora que nós tínhamos a lista de convidados, a próxima coisa que eu precisava fazer era enviar nossos convites. Quase parecia bobo se incomodar com convites quando nós tínhamos tão poucos convidados, mas um e-mail em massa não parecia muito certo também.

Eu peguei os convites no David's Bridal. Eles eram brancos com conchas levemente turquesa, e tudo que eu precisava fazer era passá-los na impressora e BAM, convites de casamento.

Conrad abriu a porta deslizante e entrou na cozinha, sua camisa cinza estava encharcada de suor, então eu acho que ele estava correndo. “Boa corrida?” Eu perguntei pra ele.

“Sim” ele disse, parecendo surpreso. Ele olhou para minha sacola de convites de casamento e perguntou “Convites do casamento?”

“Sim. Eu só preciso ir pegar os selos”

Enchendo um copo de água pra ele, ele disse “Eu preciso ir até a cidade e pegar uma nova furadeira da loja de ferramentas, os correios ficam no caminho. Eu posso pegar os selos.”

Era minha vez de parecer surpresa “Obrigada”, eu disse, “mas eu quero ir lá e ver os tipos de selos de amor que eles têm.” Ele baixou seu copo.

“Você sabe o que é um selo de amor?” Eu não esperei que ele respondesse “É um selo que tem o nome „amor” escrito nele, as pessoas usam esse tipo de selo para casamentos. Eu só sei disso porque a Taylor me disse que tinha que pegar uns desses.”

Conrad deu um meio-sorriso e disse “Nós podemos ir no meu carro, se você quiser. Economizar uma viagem.”

“Claro” Eu disse.

“Eu vou tomar um banho rápido, me dê 10 minutos” ele disse e subiu correndo as escadas.

Conrad desceu as escadas dez minutos depois, exatamente como havia dito. Ele pegou suas chaves do balcão, eu guardei meus convites na bolsa e então nós fomos para a garagem.

“Nós podemos ir no meu carro.” Eu ofereci.

“Eu não me importo” ele disse.

Me senti meio esquisita sentando no banco do passageiro do carro de Conrad de novo. O carro dele estava limpo, mas ainda cheirava do mesmo jeito.

“Eu não consigo lembrar a última vez que entrei no seu carro.” disse, ligando o rádio.

Sem pensar duas vezes, ele disse “Seu baile de formatura.” Ai, Deus.

Baile de formatura. O local do nosso término – nós brigando no estacionamento, na chuva. Era vergonhoso pensar nisso agora. Como eu havia chorado, como eu havia implorado que ele não fosse embora. Não um dos melhores momentos.

Havia um silêncio estranho entre nós e eu tinha um pressentimento que nós dois estávamos nos lembrando da mesma coisa.

Para acabar com o silêncio, eu disse brilhantemente “Caramba, isso foi, tipo, milhões de anos atrás, né?”

Dessa vez, ele não respondeu.

Conrad me deixou na frente dos correios e disse que ele voltaria pra me buscar em alguns minutos, saí do carro e corri pra dentro dos correios.

A fila andou rápido, e na minha vez, disse “Posso ver seus selos de amor, por favor?”

A mulher atrás do balcão mexeu na sua gaveta e me entregou uma cartela de selos pra mim, eles tinham sinos de casamentos e amor estava escrito em uma fita vermelha ligando os dois sinos.

Eu coloquei meus convites em cima do balcão e rapidamente contei quantos haviam. “Eu vou querer uma cartela.”

Olhando pra mim, ela perguntou “Isso são convites de casamento?”

“Sim.”

“Você quer conservar eles?”

“Desculpe?”

“Você quer conservar eles?” ela repetiu, dessa vez parecia aborrecida.

Eu entrei em pânico. O que ela queria falar com conservar? Eu queria ligar pra Taylor e perguntar, mas havia uma fila trás de mim, então eu disse apressadamente. “Não, obrigada.”

Depois que paguei pelos selos, fui para fora, sentei em um banco e selei todos os meus convites – um para minha mãe, inclusive.

Só em caso. Ela ainda podia mudar de ideia, ainda havia uma chance.

Conrad chegou quando eu estava os colocando na caixa dos correios, do lado de fora. Isso estava realmente acontecendo. Eu realmente ia me casar. Não havia mais volta, não que eu quisesse volta.

Entrando no carro, eu perguntei “Você comprou sua nova furadeira?”

“Aham” Ele disse “Você encontrou seus selos do amor?”

“Aham” Eu disse “Ei, o que significa quando eles perguntam se eu quero conservar?”

“Não conservar é quando os correios marcam os selos, então não podem ser usados novamente. Eu acho que conservar é quando eles fazem com as próprias mãos, não marcando em cima do selo, sem usar a máquina.”

“Como você sabia disso?” Eu perguntei, impressionada.

“Eu costumava colecionar selos.”

Era mesmo. Ele costumava colecionar selos. Eu havia esquecido.

Ele mantinha-os em um álbum de fotos que seu pai havia lhe dado.

“Eu me esqueci disso totalmente. Caramba, você levava tão a sério seus selos. Você não nos deixava sequer tocar seu álbum sem permissão. Lembra daquela vez que o Jeremiah roubou um e usou pra mandar um cartão que você ficou com tanta raiva que chorou?”

“Ei, aquele era meu selo do Abraham Lincoln, que meu avó tinha me dado” Conrad disse, se defendendo “Era um selo raro.” Eu sorri, e então ele sorriu também. Era um som agradável.

Quando havia sido a última vez que havíamos rido desse jeito?

Balançando a cabeça, ele disse “Eu era tão nerdzinho”

“Não, você não era!”

Conrad olhou pra mim “Colecionar selos. Jogo de Química. Obsessão por Enciclopédias”

“É, mas você fazia tudo isso parecer legal” Eu disse. Na minha memória, Conrad não era um nerd. Ele era mais velho, mais inteligente, interessado em coisas de pessoas grandes.

“Você era ingênua” ele disse. E então falou “Quando você era bem pequena, você odiava cenouras. Você não comia de jeito nenhum. Mas então eu falei pra você que se comesse cenouras, você iria ter visão de raio-x, e você acreditou em mim. Você costumava acreditar em tudo que eu falava.” Eu acreditava. Eu realmente acreditava.

Eu acreditei nele quando ele disse que cenouras davam visão de raio-x.

Eu acreditei nele quando disse que nunca havia se importado comigo. E então, mais tarde naquela noite, quando ele tentou retirar o que havia dito, acho que acreditei nele de novo. Agora, eu não sabia no que acreditar. Eu apenas sabia que não acreditava mais nele.

Eu mudei de assunto. Abruptamente, perguntei “Você vai continuar na Califórnia depois que se formar?”

“Isso vai depender da residência de medicina.” ele disse.

“Você tá nam... você tem namorada?”

Eu vi ele começar a falar e hesitar.

“Não” Ele disse.

Capítulo Trinta e Dois

Conrad

O nome dela era Agnes. Muitas pessoas a chamavam de Aggie, mas eu insistia em Agnes. Ela estava na minha aula de química. Em qualquer outra garota, um nome como Agnes não funcionaria, era um nome de uma senhora velha. Agnes tinha um cabelo curto loiro escuro, era ondulado e na altura do queixo. Às vezes, ela usava óculos e sua pele era clara como leite. Quando nós estávamos esperando o laboratório abrir um dia desses, ela me chamou pra sair. Eu estava tão surpreso, eu disse que sim.

Nós começamos a ficar juntos. Eu gostava de estar perto dela. Ela era inteligente, e o cabelo dela cheirava ao seu shampoo, mas não só como quando você saía do banho, ficava cheirando o dia inteiro. Nós passávamos a maior parte do nosso tempo estudando. Às vezes, depois do estudo saíamos pra comer uma pizza ou hambúrguer, às vezes nos encontrávamos no seu quarto para uma pausa dos estudos quando sua colega de quarto não estava.

Mas era tudo mais centrado no fato de que nós dois éramos estudantes de medicina. Não era como se eu passasse a noite no quarto dela ou convidasse ela pra dormir no meu. Eu não andava com ela e os amigos dela, ou conhecia seus pais, mesmo que eles morassem perto.

Um dia, nós estávamos estudando na biblioteca. O semestre estava quase acabando. Nós estávamos saindo há dois, quase três, meses.

Vindo do nada, ela me perguntou “Você já se apaixonou alguma vez?” Agnes não era boa só em química, como também em me encontrar com a guarda baixa. Eu olhei ao redor pra ver se alguém estava escutando “Você já?”

“Eu perguntei primeiro.” ela disse.

“Então sim.”

“Quantas vezes?”

“Uma.”

Agnes absorveu minha resposta enquanto ela mastigava seu lápis “Em uma escala de um até dez, quanto apaixonado você estava?”

“Você não pode colocar amor em uma escala.” disse. “Ou você está apaixonado ou não está.”

“Mas se você tivesse que colocar em uma escala?”

Eu comecei a mexer nas minhas anotações. Eu não olhei pra ela quando disse “Dez.”

“Uau, qual era o nome dela?”

“Agnes, por favor. Nós temos uma prova sexta-feira.” Agnes fez uma cara enjoadada e me chutou na perna por debaixo da mesa

“Se você não me falar, eu não vou conseguir me concentrar. Por favor? Apenas me divirta.”

Eu soltei a respiração “Belly. Quero dizer, Isabel. Satisfeita?” Balançando a cabeça, ela disse “Não mesmo. Agora me diz como vocês se conheceram.”

“Agnes!”

“Eu juro que eu vou parar se você apenas responder.” - Eu olhei enquanto ela fazia a conta na cabeça dela - “mais três questões. Três e pronto.” Eu não disse sim ou não, eu só olhei pra ela, esperando.

“Então, como você a conheceu?”

“Nós nunca nos conhecemos. Eu apenas sempre a conheci.”

“Quando você percebeu que estava apaixonado?”

Eu não tinha uma resposta pra essa pergunta. Não havia sido um momento específico. Foi como acordar de uma maneira devagar. Você vai de estar dormindo, naquele espaço entre sonhar e estar acordado e então você está consciente. É um processo lento, mas quando você tá acordado, não tem pra onde fugir, não havia dúvidas. Não havia dúvidas que havia sido amor.

Mas eu não ia falar isso pra Agnes “Eu não sei, apenas aconteceu.” Ela olhou pra mim, esperando que eu continuasse.

“Você está apaixonado por mim?”

Como eu disse, essa garota era realmente boa em me pegar com a guarda baixa. Eu não sabia o que dizer. Porque a resposta era não. “Uhm...” Seu rosto desabou, e então ela tentou soar positiva quando disse “Então não, huh?”

“Bem, você tá apaixonada por mim?”

“Eu poderia estar. Se eu me permitisse, acho que eu poderia.”

“Oh”, me sentia como um pedaço de merda “Eu realmente gosto de você, Agnes.”

“Eu sei. Eu posso sentir que isso é verdade. Você é um cara honesto, Conrad. Mas você não deixa as pessoas entrarem, é impossível chegar perto de você.” Ela tentou colocar seu cabelo em um rabo de cavalo, mas continuava caindo porque era muito curto. Então ela soltou o cabelo e disse “Eu acho que você ainda ama essa outra menina, pelo menos um pouquinho. Estou certa?”

“Não” Eu disse pra Belly.

“Eu não acredito em você” ela disse, caindo a cabeça pra um lado.

Desafiando, ela disse. “Se não havia uma garota, por que você passou tanto tempo longe? Tem que ter uma garota.”

E havia.

Eu havia ficado longe por dois anos. Eu tinha que ficar. Sabia que não devia nem estar na casa da praia, porque estar lá, estar perto dela, só me faria querer aquilo que não podia ter. Era perigoso. Ela era a única pessoa que fazia com que eu não confiasse em mim mesmo quando estava perto. No dia que ela apareceu com Jere, liguei pro meu amigo Danny para ver se podia dormir no seu sofá por um tempo e então ele havia dito que sim. Mas não consegui fazer isso. Não podia ir embora.

Sabia que tinha que ter cuidado. Tinha que manter minha distância.

Se ela soubesse o quanto ainda me importava com ela, tudo estava acabado. Eu não seria capaz de ir embora outra vez. A primeira vez já foi difícil o suficiente.

As promessas que você faz pra sua mãe em seu leito de morte são absolutas, elas são de titânio. De jeito algum você quebra essa promessa.

Prometi pra minha mãe que tomaria conta do meu irmão. Que cuidaria dele.

Cumpri minha palavra. Fiz da melhor maneira que podia.

Indo embora.

Eu podia ser um fudido e um desapontamento, mas eu não era um mentiroso.

No entanto, eu menti pra Belly. Apenas aquela vez naquele hotel caindo aos pedaços. Eu menti pra protegê-la. Era o que continuava me dizendo.

Ainda, se eu pudesse refazer um momento na minha vida, um momento de todos os momentos de merda, seria esse que escolheria. Quando penso na imagem do seu rosto naquele dia – apenas esmagado, como ela mordeu seus lábios e enrugou seu nariz, tentando não mostrar o quanto estava magoada –

aquilo me matou. Deus, se eu pudesse, voltaria naquele momento e diria todas as coisas certas, diria a ela que a amava, faria de uma maneira que ela nunca mais olharia pra mim daquele jeito.

Capítulo Trinta e Três

Conrad

Aquela noite no hotel, eu não dormi. Eu repassei na minha mente de novo e de novo, tudo que havia acontecido entre a gente. Eu não conseguia evitar, pensar no passado e no agora, segurar ela perto de mim e depois empurrá-la pra longe. Não era certo.

Quando Belly levantou pra ir tomar um banho, Jere e eu nos levantamos também. Eu estava dobrando meu lençol quando eu disse “Tá tudo bem se você gosta dela.”

Jere me encarou, com a boca aberta “Do que você tá falando?” Eu me senti como se estivesse engasgando quando disse “Tá tudo bem por mim... se você quiser ficar com ela.”

Ele me olhou como se eu fosse louco. Eu me sentia como se estivesse louco. Ouvi a água cessar no banheiro, e olhei pro outro lado e disse “Apenas, cuide bem dela.”

E então, quando ela saiu, vestida, com o cabelo molhado, ela olhou pra mim com aqueles olhos esperançosos, e olhei de volta, como se não a reconhecesse. Completamente frio. Vi seus olhos apagarem. Vi o seu amor por mim morrendo. Eu havia matado.

Quando pensava nisso agora, aquele momento no hotel, entendia que era eu que havia feito aquilo. Empurrado um para o outro. Era algo que eu havia feito. Era eu que ia ter que viver com isso. Eles eram felizes.

Eu vinha fazendo um ótimo trabalho em ficar sumido, mas eu estava em casa naquela tarde de sexta-feira, e do nada, Belly precisou de mim. Ela estava sentada na sala com aquele caderno estúpido, papéis ao seu redor. Ela parecia apavorada, estressada. Tinha aquele ar de preocupada no rosto, a cara que ela fazia quando estava tentando resolver um problema de matemática e não sabia como.

“Jere tá preso no trânsito da cidade” ela disse, tirando o cabelo do seu rosto. “Eu disse pra ele sair mais cedo, eu realmente precisava da ajuda dele hoje.”

“O que você precisava que ele fizesse?”

“Nós íamos no Michaels. Sabe, aquela loja de artesanato?” Eu disse, secamente “Eu não posso dizer que já fui ao Michaels antes.” Eu hesitei, e acrescentei “Mas se você quiser, vou com você”

“Sério? Porque eu vou buscar umas coisas bem pesadas hoje, mas a loja fica lá em Plymouth.”

“Claro, sem problemas.” disse, me sentindo estranhamente grato por ter que levantar coisas pesadas.

Nós fomos no carro dela porque era maior. Ela dirigiu. Eu só havia saído de carro com ela

dirigindo poucas vezes. Esse lado dela era novo pra mim.

Segura, confiante. Ela dirigia rápido, mas, ela ainda tinha o controle. Eu gostava disso. Percebi que estava olhando muito pra ela, tinha que me forçar a relaxar.

“Até que você não dirige mal.” disse.

Ela riu “Jeremiah me ensinou bem.”

É mesmo. Ele a ensinou dirigir. “Então, o que mais mudou em você?”

“Ei, eu nunca dirigi mal.”

Eu bufei, então olhei pra fora da janela “Eu acho que Steve iria discordar.”

“Ele nunca vai esquecer o que eu fiz com seu precioso carro.” Ela trocou de marchas quando nós paramos no sinal.

“Então, o que mais mudou? Você usa saltos agora, na cerimônia no jardim, você estava usando saltos.”

Houve um minuto de hesitação antes que ela falasse “É, às vezes.

Embora eu ainda tropece neles.” Lamentando, ela acrescentou “Eu sou como uma dama de verdade agora.”

Eu levei minha mão pra tocar a dela, mas no último momento apontei

“Mas você ainda roí as unhas.”

Ela apertou os dedos na direção.

Com um pequeno sorriso, ela disse, “Você não deixa passar nada.” “Okay, então, o que nós estamos buscando hoje? Guardadores de flores?”

Belly riu “Sim, guardadores de flores, em outras palavras, vasos.” Ela pegou o carrinho, e eu o tomei dela e botei o carrinho na nossa frente. “Eu acho que nós decidimos pelos vasos furacões.”

“O que é um vaso furacão? E como diabos o Jere sabe o que é um?”

“Eu não me referi a nós, eu e Jere, eu quis dizer nós, eu e Taylo.” Ela tomou o carrinho de mim e saiu andando na frente. Eu a segui pelo corredor doze.

“Tá vendo?” Belly estava segurando um vaso gordo de vidro.

Eu cruzei meus braços. “Bem legal.” disse em uma voz entediada.

Ela baixou o vaso e pegou um mais magro, ela não olhou pra mim quando disse “Me desculpe que tenha que ser você aqui, fazendo isso. Eu sei que é uma besteira.”

“Não é – tão besteira” eu disse. Comecei a pegar vasos da prateleira

“Quantos nós precisamos?”

“Espera! Você acha que devíamos pegar os grandes ou os médios? Eu acho que talvez os médios” ela disse, levantando um e checando o valor. “É, com certeza os médios. Eu só estou vendo poucos, você poderia ir perguntar se alguém que trabalha aqui sabe onde tem mais?”

“Os maiores.” eu disse, porque já havia colocado quatro deles dentro do carrinho. “Os maiores são bem mais bonitos. Você pode colocar mais flores, ou areia, ou sei lá.”

Ela revirou os olhos “Você só está dizendo isso porque não quer ir procurar alguém.”

“Okay, é, mas sério, eu acho que os maiores são mais bonitos.” Ela encolheu os ombros e colocou outro vaso grande dentro do carrinho.

“Eu acho que nós podíamos colocar um vaso grande em cada mesa, no lugar de dois médios.”

“E agora?” comecei a empurrar o carrinho de novo e ela o tomou de mim.

“Velas.”

Eu a segui por um corredor, e depois outro. “Eu não acho você andando assim.”, disse.

“Eu estou levando você na visita guiada.” ela disse, parando o carrinho.

“Olhe todas essas flores falsas e guirlandas. Coisa boa.” Eu parei. “Devíamos pegar algumas? Elas ficariam legais na varanda.” Eu peguei vários girassóis e acrescentei algumas flores brancas, fazendo um arranjo “Ficou bonito, não?”

“Eu estava brincando,” ela disse, mordendo as bochechas. Pude perceber que ela estava tentando não cair na gargalhada. “Mas claro, ficou legal. Não bonito, mas legal.”

Eu coloquei as flores de volta no lugar “Tá bom, eu desisto. De agora em diante, eu só farei o levantamento de peso.”

“Boa tentativa, no entanto.”

Quando voltamos pra casa, o carro de Jeremiah estava na garagem.

“Jere e eu podemos tirar tudo isso do carro mais tarde.” disse, desligando o carro.

“Eu posso ajudar” ela ofereceu, saindo do carro. “Eu só vou falar oi primeiro.”

Eu peguei algumas das sacolas pesadas e a segui pelos degraus, entrando na casa. Jeremiah estava deitado no sofá assistindo TV. Quando nos viu, ele se sentou.

“Onde vocês estavam?” ele perguntou. Ele disse casualmente, mas seus olhos olharam pra mim quando ele falou.

“No Michaels” Belly disse. “Que horas você chegou aqui?”

“Faz pouco tempo. Por que você não me esperou? Eu disse que chegaria na hora.” Jeremiah se levantou e cruzou a sala. Ele puxou Belly pra perto dele, dando um abraço.

“Eu te disse que o Michaels fechava as nove, eu duvido que você chegasse na hora.” ela disse, e parecia estar com raiva, mas ela deixou que ele a beijasse.

Eu olhei pro outro lado. “Eu vou tirar as coisas do carro.”

“Pera, eu vou ajudar” Jeremiah soltou Belly e deu uma batida nas minhas costas. “Con, obrigado por ter me dado cobertura hoje.”

“Sem problema”

“Já são mais de oito horas” Belly disse. “Eu estou com fome. Vamos todos jantar no Jimmys.”

Eu balancei a cabeça “Não, eu não estou com fome. Vão vocês dois.”

“Mas você não jantou” Belly disse, congelando. “Apenas vamos com a gente.”

“Não, obrigada”, disse.

Ela começou a protestar de novo, mas Jere disse “Belly, ele não quer ir.

Deixa pra lá.”

“Tem certeza?” ela me perguntou.

“Eu vou ficar bem”, saiu mais irritado do que eu esperava.

Mas eu acho que funcionou, porque eles foram embora.

Capítulo Trinta e Quatro

Quando chegamos no Jimmy's, nenhum de nós pediu caranguejo. Eu pedi batatas fritas e chá gelado enquanto Jeremiah pediu rolinho de lagosta e cerveja. O garçom pediu a identidade dele e sorriu quando viu, mas ainda assim, serviu a cerveja.

Eu coloquei alguns saquinhos de açúcar no meu chá gelado, provei, e então adicionei mais dois.

“Eu estou morto” Jeremiah disse, encostando na cabine e fechando os olhos.

“Bom, acorde. Nós temos muito trabalho a fazer.” Ele abriu os olhos “Como o quê?”

“Como assim, como o quê? Milhões de coisas. No David's Bridal, eles estão me perguntando todas essas coisas, como qual é nossa paleta de cores?”

E se você vai usar um terno ou um smoking?”

Jeremiah bufou “Um smoking? Na praia? Eu provavelmente nem vou usar sapatos.”

“Bem, é, eu sei, mas você deveria descobrir o que você vai usar.”

“Eu não sei, você me diz. Eu vou usar o que você e Taylor querem que eu use. É o dia de vocês, certo?”

“Ha, ha,” eu disse “Muito engraçado” Não era como se eu realmente me importasse com o que ele ia usar. Eu só queria que ele escolhesse e me falasse para que pudesse riscar isso da minha lista de afazeres.

Com a boca cheia, ele disse. “Eu estava pensando em camisa branca e uma bermuda cargo. Legal e simples, como nós falamos.”

“Okay.”

Jeremiah deu um gole em sua cerveja. “Ei, nós podemos dançar “You Never Can Tell” na recepção?”

“Eu não conheço essa música”, disse.

“Claro que conhece. É do meu filme favorito. Dica: nós tínhamos a trilha sonora, repetíamos no som da minha fraternidade durante um semestre inteiro.” Quando eu continuei olhando pra ele, sem saber que música era, Jeremiah cantou “It was a teenage wedding and the old folks wished them well”

“Ah tá. Pulp Fiction”

“Então, nós podemos?”

“Tá falando sério?”

“Vai, Bells. Seja divertida. Nós podemos colocar no YouTube. Eu aposto que nós vamos ter zilhões de visualizações. Vai ser engraçado.” Eu olho pra ele “Engraçado? Você quer que nosso casamento seja engraçado?”

“Vai lá, você está tomando todas as decisões, tudo que eu quero é isso.” Ele falou, apontando, não conseguia saber se ele estava falando sério ou não.

De qualquer maneira, me deixou puta. Além disso, ainda estava puta que ele não havia chegado a tempo de me ajudar no Michaels.

O garçom chegou com nossa comida e Jeremiah se concentrou no seu rolinho de lagosta.

“Que outras decisões eu tomei?”, perguntei.

“Você decidiu que o bolo seria de cenoura.” ele me lembrou, com seu queixo sujo de maionese “Eu gosto de bolo de chocolate.”

“Eu não quero ser quem toma todas as decisões! Eu nem sequer sei o que eu tô fazendo.”

“Então eu ajudarei mais, apenas me diga o que fazer. Ei, eu tenho uma ideia. E se nosso casamento tivesse um tema Tarantino?” ele disse.

“Aham, como se fosse.” disse, enquanto espetava uma batata com meu garfo.

“Você poderia ser a noiva como em Kill Bill14” Ele olhou pra mim, tirando os olhos de seu prato “Brincadeira, brincadeira. Mas essa coisa toda vai ser bem tranquila, certo? Nós falamos que queríamos que fosse casual.”

“É, mas as pessoas ainda precisam do tipo, comida.” 14 É um filme que conta uma história de vingança.

“Não se preocupe sobre comida e essas coisas. Meu pai vai contratar alguém pra cuidar de tudo isso.”

Eu podia sentir a irritação surgir por baixo da minha pele, como uma coceira. Eu respirei um pouco. “É fácil dizer não se preocupe, não é você que está planejando o nosso casamento.”

Jeremiah parou de comer e sentou ereto.

“Eu te disse que eu iria ajudar. E como eu disse, meu pai vai cuidar de boa parte disso.”

“Eu não quero que ele faça isso.”, disse “Eu quero que nós façamos isso juntos. E fazer piadas sobre filmes de Quent Tarantino não conta como ajudar.”

“É Quentin.” Jeremiah corrigiu.

Olhei pra ele com cara feia.

“Eu não estava brincando sobre a primeira dança.” ele disse. “Eu ainda acho que seria legal. E Bells, eu fiz algumas coisas. Eu arranjei algo pra música. Meu amigo Pete é DJ nos fins de semana. Ele disse que iria levar seus alto-falantes, conectar com o Ipod dele e cuidar de tudo. Ele já tem a trilha sonora de Pulp Fiction, por sinal.”

Jeremiah levantou a sobrancelha e olhou pra mim fazendo careta. Eu sabia que ele estava esperando que eu sorrisse, nem que fosse um pouquinho.

Eu estava quase pra desistir, apenas pra que essa briga acabasse logo e pudesse comer minhas batatas fritas sem me sentir zangada, quando ele disse inocentemente “Ah, espera, você quer checar com a Taylor primeiro? Ver se ela está de boa com isso?”

Eu o encarei. Ele tinha que parar com as piadas e começar a agir um pouco mais agradecido, porque Taylor era quem estava ajudando, ele não. “Eu não preciso checar isso com ela. É uma ideia idiota, não vai acontecer.” Jeremiah assobiou, soltando a respiração “Tá bom, Bridezilla.”

“Eu não sou uma Bridezilla! Eu nem sequer queria nada disso. Você queria.”

Ele me encarou “O que você quer dizer com você não queria nada disso?” De repente, meu coração estava batendo realmente rápido. “Eu quis dizer o planejamento. Eu não queria fazer nada desse planejamento estúpido. Não o casamento, eu ainda quero essa parte.”

“Bom. Eu também” Ele pegou uma batata do meu prato e colocou na boca.

Eu peguei a última batata antes que ele pudesse pegar também. Então peguei mais algumas de seu prato, ainda que ainda tivessem algumas no meu.

“Hey.” ele disse “Você tem suas próprias batatas.”

“As suas estão mais crocantes.” Eu disse, mas isso estava fora de questão. Eu me perguntei – se pelo resto de nossas vidas, Jeremiah ia tentar comer meu último pedaço de carne? Eu gostava de terminar minha comida –

eu não era uma dessas garotas que deixavam alguns pedaços pra trás só pra ser educada.

Eu tinha uma batata na boca quando Jeremiah perguntou “A Laurel pelo menos já ligou?”

Eu engoli. Então eu não estava mais com tanta fome.

“Não.”

“Ela já deve ter recebido o convite.”

“É.”

“Bom, tomara que ela ligue essa semana.” Jere falou, colocando o resto do rolinho de lagosta na boca. “Assim, eu tenho certeza que ela vai.”

“Tomara.”, eu disse. Tomei um gole do meu chá gelado e acrescentei

“Nossa primeira dança pode ser “You Never Can Tell” se você realmente quer isso.”

Jere lançou seu pulso no ar “Tá vendo? É por isso que eu estou casando com você.”

Um sorriso surgiu no meu rosto “Por que eu sou generosa?”

“Porque você é muito generosa e me entende.” ele disse, tomando algumas das suas batatas de volta.

Quando nós voltamos pra casa, o carro de Conrad não estava lá.

Capítulo Trinta e Cinco

Conrad

Eu preferia que alguém me desse um tiro na cara, repetitivamente, do que ter que assistir os dois deitados de conchinha juntos a noite inteira. Depois que eles saíram pra jantar, eu peguei o meu carro e dirigi até Boston. Enquanto eu dirigia, eu pensava em não voltar mais pra Cousins. Que se dane. Seria mais fácil assim. No meio do caminho pra casa, eu tomei uma decisão, é, isso seria o melhor. Uma hora antes de chegar em casa, eu decidi que, quer saber? Eles que se danem, eu tinha tanto direito de estar lá quanto eles. Eu ainda precisava limpar todas as calhas, e eu tinha certeza que eu tinha visto um ninho de vespas no cano de esgoto.

Eu precisava tomar conta de um bocado de coisa. Eu não podia não voltar.

Por volta da meia-noite, eu estava sentado na cozinha com as minhas cuecas boxer comendo cereal quando meu pai entrou na cozinha, ainda usando seu terno do trabalho. Eu sequer sabia que ele estava em casa.

Ele não parecia surpreso de me ver “Con, posso falar com você por um minuto?” ele perguntou.

“Claro.”

Ele sentou na minha frente com seu copo de whisky.

Na luz suave da cozinha, meu pai parecia um homem velho. Seu cabelo estava fino na frente e ele havia perdido peso, muito peso. Quando ele ficou tão velho? Na minha mente, ele sempre teria trinta e sete.

Meu pai limpou sua garganta. “O que você acha que eu devia fazer em relação a essa história do Jeremiah? Quero dizer, ele está realmente decido a fazer isso?”

“Sim, eu acho que ele vai.”

“Laurel está realmente abalada com isso. Ela tentou tudo, mas as crianças não estão escutando. Belly fugiu e agora elas nem sequer estão falando uma com a outra. Você sabe como a Laurel pode ser.” Isso tudo era novidade pra mim. Eu não sabia que elas não estavam se falando.

Meu pai tomou um gole de seu copo “Você acha que há algo que eu possa fazer? Pra acabar com isso?”

Pela primeira vez, eu concordava com meu pai. Meus sentimentos por Belly de lado, eu achava que se casar aos dezenove anos era estúpido. Mas qual era o motivo? O que eles estavam tentando provar?

“Você poderia cortar o Jere” eu disse, e me senti um idiota por ter sugerido isso. Eu acrescentei

“Mas mesmo que você faça, ele ainda teria o dinheiro que mamãe deixou pra ele.”

“A maior parte está em uma conta trancada.”

“Ele está determinado, vai fazer de qualquer jeito.” hesitei e disse “Além disso, se você fizer algo desse tipo, ele nunca vai lhe perdoar.” Meu pai levantou e colocou um pouco mais de whisky no seu copo. Ele tomou um gole antes de dizer “Eu não quero perdê-lo da mesma maneira que perdi você.”

Eu não sabia o que dizer. Então nós sentamos em silêncio, e na hora que eu abri minha boca pra falar que ele não havia me perdido, ele levantou.

Colocando a cabeça pra trás, ele secou o copo. “Boa noite, filho.”

“Boa noite, pai.”

Eu olhei meu pai cambalear subindo as escadas, cada passo mais pesado que o último – como se ele tivesse um mundo em seus ombros. Ele nunca teve que lidar com esse tipo de coisas antes. Ele nunca precisou ser esse tipo de pai. Minha mãe estava sempre lá pra cuidar das coisas pesadas.

Agora que ela se foi, ele era tudo que nós tínhamos e não era suficiente.

Eu sempre fui o favorito. Eu era o Esaú e Jeremiah era Jacó. Não era algo que eu havia questionado, eu sempre presumi que era porque eu era o primeiro filho, então sempre era o primeiro com meu pai. Eu apenas aceitava, e o Jere também. Mas quando nós fomos ficando mais velhos, vi que não era isso. Era que meu pai via ele mesmo em mim. Para nosso pai, eu era o seu reflexo. Ele pensava que nós éramos tão parecidos. Jere era como nossa mãe, eu era como nosso pai. Então era em mim que ele colocava toda a pressão.

Era em mim que ele canalizava todas as suas energias e esperanças. Futebol, escola, tudo isso. Eu trabalhava duro pra honrar essas expectativas, pra ser como ele.

A primeira vez que eu percebi que meu pai não era perfeito foi quando ele esqueceu o aniversário da minha mãe. Ele estava jogando golfe com os amigos, e chegou em casa tarde. Jere e eu havíamos feito um bolo e comprado flores e um cartão. Nós tínhamos tudo planejado na sala de jantar. Meu pai havia tomado algumas bebidas - eu podia sentir o cheiro quando ele me abraçou. Ele disse “Oh merda, eu esqueci. Garotos, posso colocar meu nome no cartão?” Eu era um calouro no ensino médio. Mais tarde, eu sabia, nosso pai não era um herói. Essa era a primeira vez que lembro de ter ficado decepcionado com algo que ele fez. Depois disso, eu só descobri mais e mais razões para me sentir decepcionado.

Todo aquele amor e orgulho que eu sentia por ele, se transformou em ódio. E então comecei a me odiar, odiar quem ele tinha me transformado.

Porque eu também via – o quanto nós éramos parecidos. Isso me assustava.

Eu não queria ser o tipo de homem que traía sua esposa. Eu não queria ser o tipo de homem que colocava trabalho antes de família, que dava gorjetas pequenas nos restaurantes, que nunca se incomodava em aprender o nome da empregada da casa.

Daí eu me dediquei em destruir a pessoa que ele pensava que eu era. Eu parei de ir correr com ele nas caminhadas que fazíamos antes dele ir pro trabalho, parei com as viagens pra pescar, o golfe, que eu nunca havia gostado. Eu larguei futebol, que amava. Ele havia ido pra todos os meus jogos, gravando-os para que pudéssemos assisti-los depois e apontava o que eu precisava melhorar. Toda vez que saía um artigo sobre mim no jornal, ele colocava em uma moldura e pendurava no seu escritório. Eu larguei tudo isso pra irritá-lo. Qualquer coisa que fazia ele se sentir orgulhoso de mim, eu tirei dele.

Levei um longo tempo pra perceber isso. Que havia sido eu quem havia colocado meu pai em um pedestal. Eu fiz isso, não ele. E então, o desprezei por não ser perfeito. Por ser humano.

Eu dirigi de volta pra Cousins na segunda-feira de manhã.

Capítulo Trinta e Seis

Na segunda de tarde, Conrad e eu estávamos comendo no deque. Ele fez frango grelhado com milho para o almoço. Ele não estava brincando quando disse que tudo que ele sabia cozinhar era frango grelhado.

“Jere te falou o que ele quer que você e Steven usem no casamento?”, perguntei pra ele.

Conrad balançou a cabeça, parecendo confuso. “Eu pensei que homens usavam ternos pra casamento.”

“Bem, sim, mas vocês são os padrinhos, então tem que se vestir parecido.

Short cáqui e uma camisa branca com botões, ele não te disse?”

“Essa é a primeira vez que eu estou ouvindo sobre camisa branca de botões. Ou sobre ser o padrinho.”

Eu revirei os olhos “Jeremiah precisa cair na real. Claro que você vai ser o padrinho. Você e Seteven.”

“Como pode haver dois padrinhos¹⁵? „Melhor" significa apenas um” mordendo o seu milho, ele disse “Deixe que seja o Steven, eu não me importo.”

“Não! Você é o irmão do Jeremiah. Você tem que ser o padrinho.” Meu telefone tocou quando eu explicava a ele quais eram as funções do padrinho. Eu não reconheci o número, mas com o planejamento do casamento, eu vinha recebendo várias ligações assim.

“É Isabel falando?” Eu não reconheci a voz. Parecia ser alguém velha, com a idade da minha mãe. Quem quer que fosse, ela tinha um sotaque forte de Boston.

Eu disse “Sim, é ela.”

“Meu nome é Denise Coletti, eu estou ligando do escritório de Adam Fisher.”

¹⁵ Em inglês, padrinho é Best Man = melhor homem “Oh... olá. É um prazer conhece-la”

“Sim, olá. Eu preciso pegar sua resposta em relação a algumas coisas pro seu casamento. Eu selecionei um Buffet chamado Elegantly Yours, eles fazem eventos por essa área. Eles estão fazendo isso de última hora pra nós, pra conseguir uma vaga, geralmente é preciso meses de antecedência. Tudo bem por você?”

Quase desmaiando, eu disse “Com certeza.”

Conrad olhou pra mim me questionando, e eu mexi os lábios dizendo, Denise Coletti. Seus olhos ficaram maiores, e ele gesticulou pedindo o telefone.

Eu abanei sua mão pra longe.

Então Denise Coletti disse “Agora, quantas pessoas você tá esperando?”

“Vinte, se todo mundo vier.”

“Adam me disse que era mais provável quarenta. Eu vou checar com ele.” Eu podia ouvi-la digitando “Então provavelmente quatro a cinco aperitivos por pessoa. Nós queremos uma opção para vegetarianos?”

“Eu não acho que Jere e eu tenhamos nenhum amigo vegetariano.”

“Tudo bem. Você vai querer ir e fazer a prova dos pratos? Eu acho que você devia”

“Ah, okay”

“Maravilhoso. Eu vou te agendar pra semana que vem, então. E agora os lugares. Você vai querer duas ou três mesas longas ou cinco mesas redondas?”

“Ummm....” Eu sequer havia pensado nas mesas. E o que ela queria dizer com quarenta? Eu estava rezando que a Taylor estivesse do meu lado pra me falar o que fazer. “Posso te dar um retorno depois em relação a isso?” Denise deixou um suspiro escapar, e eu soube que era a resposta errada.

“Claro, mas seja rápida para que eu possa dar continuidade. É isso por agora.

Eu vou estar entrando em contato com você ainda essa semana. Ah, e felicitações.”

“Muito obrigada, Denise.”

Do meu lado, Conrad gritou “Oi, Denise!”

Ela disse “É o Connie gritando? Diga olá por mim.”

“Denise mandou um oi.” eu disse pra ele.

Então ela disse mazol tov16 e nós desligamos.

“O que houve?” Conrad me perguntou. Ele tinha um pedaço de milho na sua bochecha “Por que a Denise te ligou?”

Eu baixei meu telefone e disse “Uhm, aparentemente, a secretária do seu pai é quem vai planejar meu casamento agora. E nós vamos convidar quarenta pessoas no lugar de vinte.”

Maliciosamente, ele disse “Isso é uma boa notícia.”

“Como isso pode ser uma boa notícia?”

“Significa que meu pai está bem com o fato de vocês se casaram. E que ele está pagando pelo casamento.” Conrad começou a cortar seu pedaço de frango.

“Ah. Uau.” Eu me levantei. “É melhor eu ligar pro Jere. Espera, ainda estamos no meio do dia. Ele ainda está trabalhando.” Eu sentei de volta.

Eu deveria me sentir aliviada que alguém estava assumindo, mas no lugar disso, eu me sentia sobrecarregada. Esse casamento estava ficando bem maior do que eu havia imaginado.

Agora nós estávamos alugando mesas? Era muita coisa, muito cedo.

De frente pra mim, Conrad estava passando manteiga em outro pedaço de milho. Eu olhei pro meu prato, eu não sentia mais fome. Eu queria vomitar.

“Coma.”

Eu comi um pequeno pedaço de frango.

Eu não consegui falar com Jeremiah até tarde naquele dia. Mas a pessoa que eu realmente queria conversar era minha mãe. Ela saberia como ajeitar as mesas e onde todo mundo iria sentar. Denise não era quem eu queria que me falasse o que fazer, e nem o Sr. Fisher, ou até Susannah. Eu só queria a minha mãe.

16 É um terno usado no hebraico para expressar congratulações para uma ocasião ou evento significativo ou festivo

Capítulo Trinta e Sete

Conrad

Eu não havia percebido o quanto Belly estava sofrendo até que, escutei sua conversa no telefone com a Taylor mais tarde naquela semana. Sua porta estava aberta, e eu estava escovando meus dentes no banheiro do corredor.

Eu a ouvi dizer “Taylor, eu realmente agradeço o que sua mãe está tentando fazer, mas eu prometo pra você que está tudo bem... E sei, mas seria muito estranho estar como todos os vizinhos adultos da vizinhança no meu chá de panela e minha mãe não estar.” Eu ouvi ela concordar e dizer “É, eu sei.

Okay. Diga obrigado pra sua mãe.”

Então ela fechou a porta, e eu tinha bastante certeza que a ouvi começar a chorar.

Eu fui para o meu quarto, deitei na minha cama e fiquei encarando o teto.

Belly não havia demonstrado pra mim como ela estava triste com essa questão da mãe dela. Ela era uma pessoa pra cima, naturalmente feliz, como Jere. Se houvesse um lado positivo, Belly iria encontrar. Escutar ela chorar, me chocou um pouco. Eu sabia que eu não devia me meter nisso. Era a coisa inteligente a se fazer. Ela não precisava de mim para protegê-la. Ela era uma menina crescida. Além disso, o que poderia fazer por ela?

Eu definitivamente não ia me intrometer.

Na manhã seguinte, eu levantei cedo para ir encontrar com Laurel. Ainda estava escuro quando saí. Liguei pra ela no caminho, perguntando se podia encontrá-la para tomarmos café da manhã. Laurel estava surpresa, mas ela não fez perguntas; disse que iria me encontrar em uma lanchonete que ficava na estrada.

Eu acho que Laurel sempre foi especial pra mim. Desde quando eu era uma criança, eu apenas gostava de estar perto dela. Gostava da maneira que você podia ficar quieto perto dela, e com ela. Ela não falava como um adulto superior. Ela nos tratava como iguais. Depois que minha mãe morreu e eu me transferei pra Stanford, comecei a ligar pra Laurel uma vez ou outra. Eu ainda gostava de falar com ela, e gostava porque que ela me lembrava da minha mãe, mas sem me fazer sofrer. Era como um elo com o lar.

Ela chegou na lanchonete primeiro – estava sentada em uma cabine, esperando por mim “Connie” ela disse, levantando e abrindo os braços. Ela parecia que havia perdido peso.

“Oi, Laur.” Eu disse, abraçando ela de volta. Ela parecia magra nos meus braços, mas ainda tinha o mesmo cheiro. Laurel sempre teve um cheiro limpo de canela.

Eu sentei de frente pra ela. Depois que nós pedimos, panquecas e bacon para os dois, ela disse “Então, como você tem andado?”

“Eu estou indo bem” disse, tomando um pouco de suco.

Que merda. Como eu devia abordar esse assunto?

Esse não era o meu estilo. Não era algo natural pra mim, da maneira que seria pra Jere. Eu estava mexendo com algo que não era da minha conta. Mas eu precisava fazê-lo. Por ela.

Eu limpei minha garganta e disse “Eu liguei pra você porque eu queria falar sobre o casamento.”

Seu rosto ficou tenso, mas ela não me interrompeu.

“Laur, eu acho que você devia ir. Eu acho que você devia ser parte disso.

Você é a mãe dela.”

Laurel bebeu seu café, e então olhou pra mim e disse “Você acha que eles deviam se casar?”

“Eu não disse isso.”

“Então, o que você pensa sobre isso?”

“Acho que eles amam um ao outro e que eles vão fazer isso, independentemente do que os outros pensem. E... Eu acho que a Belly realmente precisa da mãe dela agora.”

Secamente, ela respondeu “Isabel parece estar se virando muito bem sem mim. Ela nunca ligou, nem para dizer onde ela estava. Eu tive que saber por Adam - que, por sinal, aparentemente está pagando por esse casamento agora. Típico do Adam. E agora Steven é o padrinho, e o pai de Belly vai ceder, do jeito que ele sempre faz. Parece que eu sou a única contra isso.” “Belly não está bem. Ela mal está comendo. E... eu a ouvi chorando noite passada. Ela estava falando como a mãe da Taylor está dando um chá de panela pra ela, mas não parecia certo se a mãe dela não estaria presente.” O rosto de Laurel ficou mais suave, só um pouco. “Lucinda vai dar um chá de panela pra ela?” Então tomando outro gole de seu café, ela disse, “Jere não pensou sobre isso direito. Ele não está levando isso a sério.”

“Você está certa, ele não é um cara sério. Mas acredite em mim, ele está sério sobre ela.” Eu respirei fundo antes de dizer “Laurel, se você não for, você vai se arrepender.”

Ela olhou dentro dos meus olhos “Nós estamos falando honestamente um com o outro?”

“Nós sempre falamos, certo?”

Laurel assentiu, tomando outro gole de café “Verdade, isso nós fazemos.

Então me diga, qual o seu interesse em tudo isso?” Eu sabia que isso ia acontecer. Essa era Laurel, no final das contas. Ela não brincava em serviço. “Eu quero que ela seja feliz.”

“Ah” ela disse “Só ela?”

“Jeremiah também.”

“E é só isso?” Ela me encarou, séria.

Eu a encarei de volta.

Eu tentei pagar o café, já que eu que havia convidado, mas Laurel não me deixou. “Nem sonhe.” ela disse.

No caminho de volta, eu repensei nossa conversa. A cara de quem sabia que Laurel fez quando ela perguntou quais eram meus interesses. O que eu estava fazendo? Escolhendo vasos com Belly, tentando agir como pacificador com os pais dela.

De repente, eu havia virado o planejador do casamento, e eu nem sequer concordava com eles. Eu precisava me desatrelar dessa situação.

Eu estava lavando minhas mãos de toda essa loucura.

Capítulo Trinta e Oito

“Onde você estava?” Eu perguntei pra Conrad quando ele chegou na porta da frente. Ele havia sumido a manhã inteira.

Ele não respondeu de imediato. Na verdade, ele mal olhava pra mim. E

então ele disse “Apenas andando por aí”

Eu olhei pra ele fazendo uma cara esquisita, mas ele não disse mais nada. Então eu perguntei “Quer me fazer companhia enquanto eu vou pro florista em Dyerstown? Eu tenho que escolher flores pro casamento.”

“Jere não está vindo hoje? Você não pode ir com ele?” Ele parecia aborrecido.

Eu estava surpresa e um pouco chateada. Eu pensei que estávamos nos dando muito bem essas últimas semanas “Ele não vai estar aqui até de noite.”, eu disse. De maneira brincalhona, eu acrescentei “De qualquer maneira, você que é o especialista em flores, não Jere, lembra?” Conrad parou na pia da cozinha, de costas pra mim. Ele ligou a água, enchendo um copo d'água. “Eu não quero deixar ele com raiva.” Eu pensei ter ouvido um traço de dor na sua voz. Dor e algo mais. Medo.

“O que tem de errado? Algo aconteceu essa manhã?” Eu me senti preocupada. Quando Conrad não respondeu, eu fui pra atrás dele e comecei a colocar a mão em seu ombro, mas na hora ele virou e minha mão caiu no meio do caminho.

“Nada aconteceu” ele disse. “Vamos. Eu dirijo.”

Ele estava muito quieto na floricultura. Taylor e eu decidimos por lírios calla, mas quando eu olhei no livro de arranjos de flores, acabei escolhendo peônias. Quando mostrei pra Conrad, ele disse, “Essas eram as favoritas da minha mãe.”

“Eu lembro”, eu disse. Pedi cinco arranjos, um pra cada mesa, da maneira que Denise Coletti havia me dito.

“E o bouquet?” o florista me perguntou.

“Podem ser de peônias também?” Eu perguntei.

“Claro, nós podemos fazer isso. Eu vou montar um bem bonito pra você.” Pra Conrad, ela disse, “Você e seus padrinhos vão usar algum tipo de flor no terno?”

Ele ficou vermelho “Eu não sou o noivo.” Ele disse.

“Ele é o irmão do noivo,” eu disse, entregando o cartão de crédito do Sr.

Fisher.

Nós fomos embora logo depois.

No caminho de casa, nós passamos em um stand de frutas na beira da estrada. Eu queria parar, mas não falei nada. Eu acho que Conrad percebeu porque ele perguntou “Quer que eu volte lá?”

“Não, tudo bem, nós já passamos.”

Ele fez uma curva e deu meia volta.

O stand de frutas tinha algumas bandejas de madeira com pêssegos e um sinal que dizia pra deixar o dinheiro na vasilha. Eu coloquei um dólar porque eu não tinha troco.

“Você não vai pegar uma?” Eu perguntei pra ele, limpando meu pêssego na minha camisa.

“Não, eu sou alérgico a pêssego.”

“Desde quando?” Eu exigi “Com certeza já vi você comer um pêssego antes. Ou pelo menos, uma torta de pêssego.”

Ele relutou. “Desde sempre. Eu já comi antes, mas elas fazem com que minha boca fique coçando.”

Antes de eu morder meu pêssego, eu fechei meus olhos e inalei a fragrância. “Uma pena pra você.”

Eu nunca havia comido um pêssego como aquele. Tão perfeitamente maduro. Meus dedos afundavam na fruta um pouco só por tocá-la. Eu engoli, o suco do pêssego descendo pelo meu queixo até chegar na minha mão. Era doce e azedo. Uma experiência de corpo inteiro, cheiro, gosto e toque.

“Esse é um pêssego perfeito.”, eu disse “Quase que não quero comer outro, porque de maneira alguma que vai ser melhor.” “Vamos testar” Conrad falou, e ele foi e pegou outro pêssego pra mim. Eu comi o outro em quatro mordidas.

“E aí? Tava tão bom quanto o outro?”

“Sim. Estava.”

Ele alcançou e limpou meu queixo com sua camisa.

Essa talvez era a coisa mais íntima que alguém já havia feito comigo.

Eu me senti com o corpo leve, mal me equilibrando nos meus pés.

Estava tudo perfeito na maneira que ele olhou pra mim, apenas aqueles poucos segundos. Então ele baixou os olhos, como se o sol atrás de mim fosse muito vivo.

Eu dei um passo pra longe dele e disse “Eu vou comprar mais alguns, pro Jere.”

“Boa ideia.” ele disse, virando as costas “Eu vou esperar por você no carro.”

Eu estava tremendo enquanto colocava os pêssegos na sacola plástica.

Apenas um olhar, um toque dele, e eu estava tremendo. Era loucura. Eu estava casando com seu irmão.

De volta no carro, eu não falei nada. Eu não poderia ter feito, nem se eu quisesse. Eu não tinha palavras. Na quietude do ar-condicionado do carro, o silêncio entre nós era algo palpável. Então baixei minha janela e prestei atenção em todos os objetos que se moviam do lado de fora.

Em casa, o carro de Jeremiah estava estacionado na garagem.

Conrad desapareceu na hora que nós entramos na casa. Eu encontrei Jere cochilando no sofá, seus olhos escuros ainda pendurados na cabeça. Eu o beijei, acordando-o.

Seus olhos se arregalaram “Hey.”

“Hey, quer um pêssego?” Eu perguntei, balançando a sacola de pêssegos como um pêndulo. Eu me sentia nervosa, de repente.

Jere me abraçou e disse “Você é um pêssego.”

“Você sabia que o Conrad é alérgico a pêssego?”

“Claro. Lembra daquela vez que ele tomou um sorvete de pêssego e a boca dele ficou toda inchada?”

Eu me separei e fui lavar os pêssegos. Eu disse pra mim mesma, não havia nada pra me sentir culpada, nada havia acontecido. Eu não havia feito nada.

Eu estava colocando os pêssegos numa peneira vermelha, tirando o excesso da água da maneira que vi Susannah fazendo tantas vezes. Enquanto a água ainda corria pelos pêssegos, Jeremiah veio por trás e pegou uma, dizendo “Eu acho que elas já estão limpas agora.” Ele sentou no balcão da cozinha e deu uma mordida no pêssego.

“Bom, né?” Eu perguntei pra ele. Segurei um na frente do meu rosto, e inalei profundamente, tentando limpar minha mente de todos esses pensamentos estranhos.

Jeremiah concordou. Ele já havia terminado o dele e estava jogando o que sobrou fora. “Muito bom. Você comprou algum morango? Eu podia comer uma caixa inteiras de morangos agora.”

“Não, apenas pêssegos.”

Eu coloquei os pêssegos na tigela prateada de frutas, arrumando-os da melhor maneira possível. Minhas mãos ainda tremiam.

Capítulo Trinta e Nove

O apartamento tinha um carpete o azul que cobria o chão inteiro, mesmo usando chinelos, eu podia sentir que estava úmido. A cozinha era do tamanho de um banheiro de avião, praticamente, e o quarto não tinha janelas. O

apartamento possuía um teto alto – era a única coisa boa – na minha opinião.

Jeremiah e eu passamos o dia inteiro olhando apartamentos perto da universidade. Até agora tínhamos visto três. Essa era, de longe, o pior.

“Eu gosto do carpete.” Jeremiah disse de maneira apreciativa. “É bom acordar de manhã e colocar seus pés em um carpete.” Eu olhei pra porta aberta, onde o dono do apartamento estava esperando por nós. Ele parecia ter a idade do meu pai. Ele tinha um longo rabo de cavalo branco, um bigode e uma tatuagem de uma sereia de topless em seu braço.

Ele me pegou olhando pra tatuagem e sorriu pra mim. Eu dei um sorriso fraco de volta.

Quando eu andei de volta para o quarto, fiz um gesto para que Jeremiah me seguisse “Isso aqui cheira a cigarro”, eu sussurrei “Está, tipo, impregnado no carpete.”

“Podemos mandar lavar, baby.”

“Você pode mandar lavar. Você sozinho. Eu não vou morar aqui.”

“Qual o problema? Esse lugar é praticamente dentro do campus, de tão perto que é. E há uma varanda, podemos botar uma churrasqueira. Pense em todas as festas que nós podemos fazer. Vai, Belly!”

“Vai Belly nada. Vamos voltar pro primeiro lugar que nós olhamos hoje.

Aquele que tinha ar-condicionado no apartamento inteiro.” Acima de nós, eu podia sentir.

Jeremiah enfiou as mãos nos seus bolsos. “Aquele lugar era só gente velha e família. Esse lugar é pra pessoas da nossa idade. Universitários, como nós.”

Eu olhei de volta para o dono do apartamento. Ele estava olhando seu celular, fingindo que não estava escutando nossa conversa.

Baixando minha voz, eu disse “Esse lugar é praticamente uma fraternidade. Se eu quisesse morar em uma fraternidade, eu alugava um quarto na sua.”

Ele revirou os olhos. Falando alto, ele disse “Acho que não vamos ficar com o apartamento.” Para o dono do apartamento, ele engasgou, como se falasse o que você queria que eu fizesse??? Como se eles fossem amigos, apenas dois colegas, parceiros.

“Obrigado por nos mostrar o apartamento.”, eu disse.

“Sem pro” o cara disse, acendendo um cigarro.

Quando nós saímos do apartamento, olhei de cara feia pra Jeremiah. Ele gesticulou com a boca, O que, de maneira aturdida. Eu apenas balancei a cabeça.

“Está ficando tarde,” Jeremiah disse no carro. “Vamos apenas escolher qualquer lugar. Eu quero acabar com isso de uma vez.”

“Okay, tudo bem” Eu disse, aumentando o ar-condicionado “Então eu escolho o primeiro lugar.”

“Então tá.” ele disse

“Então tá.” eu disse de volta.

Nós voltamos no primeiro apartamento pra assinar a papelada. Fomos diretamente na administração. A administradora do prédio se chamava Carolyn.

Ela era alta, ruiva e usava um vestido estampado.

Seu perfume parecia o de Susannah. Eu pensei nisso como um sinal positivo.

“Então, seus pais não vão alugar o apartamento pra vocês?” Carolyn perguntou “A maioria dos estudantes pedem pros seus pais assinarem os contratos.”

Eu abri minha boca pra falar, mas Jeremiah falou primeiro.

“Não, nós estamos fazendo isso sozinhos.” Ele disse. “Nós estamos noivos.”

A surpresa tomou conta de seu rosto, e eu vi seu olhar ir rapidamente pra minha barriga “Oh!” ela disse “Bem, parabéns.”

“Obrigada.” Jeremiah disse.

Eu não disse nada. Por dentro, eu estava pensando como estava cansada das pessoas pensarem que eu estava grávida, apenas porque nós íamos nos casar.

“Nós iremos precisar fazer uma avaliação de crédito, ver se vocês não tem dívidas no seu nome, e então dar entrada na sua oferta.” Carolyn disse.

“Se tudo estiver certo, o apartamento é de vocês.”

“Se você estiver com algumas contas de cartão de crédito atrasada, uhm, isso vai, é, impactar de maneira negativa o crédito de uma pessoa?” Jeremiah perguntou, inclinando-se pra frente.

Eu podia sentir meus olhos se arregalando “Do que você tá falando?” Eu sussurrei “Seu pai paga seu cartão de crédito.”

“É, eu sei, mas eu fiz um pra mim quando entrei na faculdade. Pra ter meu próprio crédito.” Dando um sorriso pra conquistar Carolyn.

“Eu tenho certeza que vai dar tudo certo.” Ela disse, mas seu sorriso havia sumido “Isabel, e o seu crédito?”

“Uhm, tudo bem, eu acho. Meu pai fez um adicional do seu cartão pra mim, mas eu nunca uso”, eu disse.

“Uhm.. Tudo bem, e algum cartão de alguma loja?” ela perguntou.

Eu balancei minha cabeça, negando.

“Nós definitivamente temos do primeiro até o último mês de aluguel.” Jeremiah apontou “Nós também temos o depósito de segurança. Então está tudo certo.”

“Ótimo” Carolyn disse, e ela se levantou da sua cadeira.

“Eu vou passar sua solicitação hoje, e aviso vocês sobre o andamento nos próximos dias.”

“Vou ficar de dedos cruzados.” eu disse, tentando soar alegre.

Jeremiah e eu andamos para fora do prédio, indo para o estacionamento.

Quando nós estávamos perto do carro, eu disse “Eu realmente espero que a gente consiga esse apartamento.”

“Se não conseguirmos, tenho certeza que nós poderemos conseguir um dos outros. Eu duvido que Gary vá checar nosso crédito.”

“Quem é Gary?”

Jeremiah deu a volta no carro, indo pro lado do motorista e abrindo a porta. “Aquele cara do último apartamento que nós olhamos”

Eu revirei os olhos “Eu ainda acho que o Gary faria uma.”

“Duvido”, Jere disse. “Gary era legal.”

“Gary provavelmente tem um laboratório pra fazer drogas no porão.” Eu disse, e dessa vez Jeremiah rolou os olhos. Eu continuei “Se nós morássemos lá, provavelmente acordaríamos no meio da noite, numa banheira de gelo, sem nossos rins.”

“Belly, ele aluga apartamentos pra vários estudantes. Um cara do time de futebol morou lá durante o ano passado, e ele está bem. Ainda tem os dois rins e tudo.”

Nós olhamos um para o outro, de lados opostos, cada um de um lado do carro. Jere falou “Por que nós ainda estamos falando sobre isso? Você fez do jeito que você queria, lembra?”

Ele não terminou a frase do jeito que eu sabia que ele queria – Você conseguiu o que queria, como sempre consegue.

“Nós não sabemos se fizemos do meu jeito ou não.” Eu não terminei a frase do jeito que eu queria – Nós não sabemos se fizemos do meu jeito ou não, por causa das suas dívidas.

Eu abri a porta do passageiro e entrei no carro.

Eu recebi a ligação mais tarde naquela mesma semana. Nós não conseguimos o apartamento.

Eu não sei se foi devido ao crédito ruim do Jere ou minha falta de crédito, mas quem se importa. A questão era, nós não conseguimos.

Capítulo Quarenta

Era o dia do chá de panela da Taylor. Eu continuava chamando chá de panela da Taylor porque ela e a mãe dela eram as que estavam fazendo tudo.

Os convites que elas enviaram eram mais legais do que os convites do meu próprio casamento.

Já tinha vários carros estacionados na frente da casa. Eu reconheci o Audi prata da Marcy Yoo e o Honda azul da tia da Taylor, a tia Mindy. A caixa de correios de Taylor estava enfeitada com balões. Me lembrei de todos os aniversários que Taylor já fez. Ela sempre comprava balões rosa-pink Sempre.

Eu estava usando um vestidinho branco e sandálias. Eu passei um pouco de máscara, blush e um gloss rosa. Quando eu saí da casa em Cousins, Conrad falou que eu estava bonita. Era a primeira vez que falávamos um com o outro desde que paramos para comprar pêssegos.

Ele disse, você tá bonita, e eu disse obrigada. Totalmente normal.

Eu toquei a campainha, algo que eu nunca fiz na casa da Taylor. Mas como era uma festa, eu achei que eu devia.

Taylor abriu a porta. Ela estava usando um vestido rosa com pequenos peixes nadando na bainha e estava com o cabelo meio amarrado. Parecia que ela mesma poderia ser a noiva, não eu.

“Você está bonita” ela disse, me abraçando.

“Você também.”, eu disse, dando um passo pra trás.

“Quase todo mundo já chegou.” ela disse, me levando até a sala de estar.

“Eu vou só fazer xixi antes.”, eu disse.

“Se apresse, você é a convidada de honra.”

Eu fui ao banheiro bem rápido e depois que lavei as mãos, tentei pentear meu cabelo com os dedos. Coloquei um pouco mais de gloss. Por alguma razão, eu me senti nervosa.

Taylor havia pendurado vários sinos de casamento feitos de papel crepom no teto e “Lá vem a noiva” estava tocando.

Já haviam chegado, nossas amigas Marcy, Blair e Katy, a tia da Taylor, Mindy, minha vizinha Sra. Evans, a mãe de Taylor, Lucinda. E sentada do lado, na cadeira de coração, usando um terno azul claro, estava minha mãe.

Meus olhos encheram de lágrimas quando a vi.

Nós não corremos uma para outra, nós não choramos. Eu caminhei pela sala, abraçando

mulheres e meninas, e quando eu finalmente cheguei até a minha mãe, eu a abracei bem apertado e por um longo tempo. Nós não precisávamos dizer nada, porque nós duas sabíamos.

Na mesa do Buffet, Taylor apertou minha mão. “Feliz?” ela sussurrou.

“Muito feliz!”, eu sussurrei de volta, montando um prato. Eu senti um alívio imenso. Tudo estava dando certo. Eu tinha minha mãe. Isso realmente estava acontecendo.

“Bom.” Taylor disse.

“Como isso aconteceu? Sua mãe falou com a minha?”

“Aham”, ela disse, e me deu um beijo na bochecha. “Minha mãe disse que nem foi tão difícil convence-la a vir.”

Lucinda tinha feito a mesa, com seu famoso bolo de coco no centro da mesa. Tinha limonada brilhosa, carne de porco fatiada, cenouras e cebolas crocantes – todas as minhas comidas favoritas. Minha mãe tinha trazido seu mousse de limão.

Eu enchi meu prato de comida e me sentei perto das meninas.

Colocando um pedaço de porco na minha boca, eu disse “Obrigado pela presença, meninas.”

“Eu não acredito que você vai se casar”, Marcy disse.

“Nem eu”, Blair disse

“Nem eu”, eu disse.

Abrir os presentes foi a melhor parte. Parecia meu aniversário. Formas de cupcake da Marcy, taças da Blair, toalha de mão da Tia Mindy, livros de receita da Lucinda, uma jarra de vidro da Taylor, um edredom de plumas da minha mãe.

Taylor sentada ao meu lado, anotando quem havia me dado o que e guardando os laços. Ela fez buracos em um prato de papel e começou a enfiar os laços.

“Pra que isso?” Eu perguntei pra ela.

“Seu buquê para os ensaios, boba” Lucinda disse, olhando pra mim. Ela se bronzeou nesta manhã. Eu podia perceber por causa das marcas que seu biquíni tinham deixado.

“Oh, mas nós não vamos ter um jantar de ensaio.” O que nós íamos ensaiar? Nós íamos casar na praia. Ia ser simples e descomplicado, da maneira que nós queríamos.

Taylor me entregou o prato e disse pra mim “Então você vai ter que usar como um chapéu.”

Lucinda levantou e amarrou o prato de papel ao redor da minha cabeça como se fosse um laço. Nós todos rimos quando Marcy tirou minha foto.

Taylor levantou, segurando seu notebook “Okay, então se preparem para o que a Belly vai falar na noite de núpcias!”

Eu cobri minha cara com meu chapéu de laços. Eu já tinha ouvido esse jogo. As damas de honra escreviam todas as coisas que a noiva tinha que falar enquanto ela abria os presentes, na noite de núpcias.

“Ah, tão lindo” Taylor exclamou, e toda a sala comemorou.

Eu tentei agarrar o notebook dela, ela segurou o notebook fora do meu alcance e disse “Jeremiah vai amar isso.”

Depois da competição de vestido de casamento feito de papel higiênico, depois que nós ajudamos a limpar tudo e que todo mundo foi embora, eu levei minha mãe até o carro.

Eu me senti envergonhada quando disse “Obrigada por ter vindo, mãe.

Significa muito pra mim.”

Ela tirou meu cabelo da frente dos meus olhos “Você é a minha menina.”, ela disse simplesmente.

Eu joguei meus braços ao seu redor “Eu te amo tanto, mãe.” Eu liguei pra Jeremiah assim que entrei no meu carro. “Nós vamos casar!” Eu gritei. Não que nós não iríamos casar antes. Ainda, planejar esse casamento, estar longe de casa, estar brigada com a minha mãe – me fazia ter medo. Mas com a minha mãe ao meu lado, eu finalmente senti como se eu pudesse respirar novamente.

Minhas preocupações tinham ido embora. Eu finalmente me sentia completa. Eu me sentia como se pudesse realmente fazer isso.

Naquela noite, eu dormi em casa. Steven, minha mãe e eu assistimos crime TV, um daqueles seriados onde eles recriam crimes. Nós vamos como lobos com a atuação ruim, e nós comemos frango frito e o resto do mousse de limão da minha mãe. Era bom.

Capítulo Quarenta e Um

Conrad

No dia que Belly foi pra casa, fui visitar Ernie, o antigo dono de um restaurante de frutos do mar que eu costumava trabalhar nas férias.

Todas as crianças que já foram pra Cousins sabia quem era Ernie, assim como Ernie sabia o nome de todas as crianças. Ele nunca esquecia um rosto, não importa quão velho ele ficava. Ernie devia ter um setenta anos quando eu trabalhei lá, no ensino médio. Seu sobrinho John era quem comandava o lugar agora, e ele era um idiota. Primeiro ele colocou o Ernie pra ser bartender, mas Ernie não conseguiu manter o ritmo, então John o colocou pra organizar os talheres. John acabou tirando ele do restaurante, forçando-o a se aposentar. Claro, Ernie estava velho, mas ele trabalhava duro e todo mundo o amava.

Eu costumava fazer intervalos pra fumar com ele. Eu sabia que era errado deixar que ele fumasse um cigarro, mas ele era um cara velho, e quem pode dizer não pra um cara velho?

Ernie morava numa casinha na estrada, eu tentava sair e ir vê-lo pelo menos uma vez na semana. Pra fazer companhia pra ele, mas também pra ter certeza que ele continuava vivo.

Ernie não tinha ninguém por perto pra se certificar que ele tomava os remédios, e seu sobrinho John com certeza não o vinha visitar. Depois que John o tirou dos negócios, Ernie disse que John não era mais sangue de seu sangue.

Então eu estava bem surpreso, quando cheguei na casa de Ernie e vi o carro de John do lado de fora. Eu estacionei na frente da casa e bati uma vez antes de entrar.

“Você trouxe um cigarro pra mim?” Ernie me perguntou do sofá.

Era a mesma coisa toda vez. Os médicos não deixavam mais ele fumar.

“Não”, eu disse “Eu larguei.”

“Então dá o fora.”

Então ele ria da maneira que ele sempre ria, e eu sentava no seu sofá.

Nós assistíamos seriados antigos de policial e comíamos amendoim em silêncio. Durante os comerciais, era aí que a gente conversava.

“Você ficou sabendo que meu irmão vai se casar próximo final de semana?”, eu perguntei.

Ele bufou “Eu ainda não estou morto, garoto. Claro que ouvi. Todo mundo ouviu. Ela é uma garota doce. Quando ela era pequena, costumava fazer uma reverência pra mim toda vez quando me via.”

Rindo, eu disse “Isso era porque nós falamos pra ela que você costumava ser um príncipe na Itália, mas aí você virou um mafioso. O Poderoso Chefão de Cousins.”

“É isso aí!”

O seriado começou na TV, e nós assistimos num silêncio confortável.

Então, no comercial, Ernie disse “Então você vai ficar se lamentando feito um fraco ou vai fazer algo?”

Eu quase engasguei com meu amendoim. Tossindo, eu disse “Do que você tá falando?”

Ele fez um som meio contrariado “Não vem bancar o recatado comigo.

Você a ama, não é? Ela é a mulher da sua vida?”

“Ernie, eu acho que você esqueceu de tomar seus remédios hoje.” Eu disse “Aonde tá sua caixa de remédios?”

Ele me descartou com aquela mão branca cheia de ossos, sua atenção voltou pra TV “Se acalma aí. O seriado começou.” Eu tive que esperar até o próximo comercial, quando perguntei pra ele casualmente “Você realmente acredita nisso? Que as pessoas tem uma outra metade no mundo, só outra pessoa? Uma alma gêmea?” Descascando uma noz, ele disse “Claro que eu acredito. Elizabeth foi a mulher da minha vida. Quando ela se foi, eu não achei uma razão pra procurar por outra. Minha garota havia ido embora. Agora eu só estou esperando a minha vez. Você pode ir pegar uma cerveja pra mim?” Eu levantei e fui na geladeira, voltei com a cerveja pra ele com um copo limpo. Ernie tinha obsessão com copos limpos. “O que John estava fazendo aqui?” Eu perguntei “Eu o vi, quando estava entrando”

“Ele veio cortar meu gramado.”

“Eu pensei que esse serviço era meu.” Eu disse, colocando a cerveja em seu copo.

“Você faz um trabalho de merda nos canteiros.”

“Quando vocês voltaram a se falar?”

Ernie encolheu os ombros, e jogou um amendoim na boca.

“Ele provavelmente está vindo cheirar por aqui para que eu deixe meus bens pra ele quando eu pendurar as botas.” Ele bebeu sua cerveja e se encostou no sofá. “Ele é um menino legal. Ele é o filho único da minha irmã.

Ele é família. Família é família. Nunca se esqueça disso, Conrad.”

“Ernie, há dois comerciais atrás você disse que eu era um fraco, se eu não tentasse acabar com o

casamento do meu irmão!” Cutucando o dente, Ernie disse, “Se é o amor da sua vida, qualquer limitação tá fora, família ou não família.”

Eu me senti mais leve quando eu fui embora da casa do Ernie, algumas horas depois. Eu sempre me sentia.

Capítulo Quarenta e Dois

Era quarta-feira, apenas alguns dias antes do casamento.

Amanhã, Taylor e Anika iam vir pra Cousins, assim como Josh, Redbird e meu irmão. Os garotos iam ter o que eles queriam chamar de “despedida de solteiro” e Taylor, Anika e eu íamos ficar pela piscina.

Entre Denise Coletti e Taylor, o casamento estava praticamente pronto.

Comidas haviam sido pedidas – rolos de lagosta e coquetéis de camarão. Nós colocamos luzes de Natal no deque e no jardim. Conrad ia tocar uma música na guitarra quando eu entrasse com meu pai. Eu ia usar o colar que Susannah tinha comprado pra mim; eu ia fazer meu próprio cabelo e maquiagem.

Tudo estava dando certo, mas eu não conseguia parar de pensar que estava esquecendo algo.

Eu estava aspirando à sala, quando Conrad empurrou a porta. Ele esteve surfando a manhã inteira. Eu desliguei o aspirador. “O que aconteceu?”, perguntei.

“Ondas grandes.” ele disse “Eu me cortei com o fin17 da prancha.”

“Muito?”

“Não, não tá tão cortado assim.”, olhei-o caminhar para o banheiro e corri até ele. Ele estava sentado na borda da banheira, e o sangue estava encharcando a toalha e descendo pela perna dele. Eu me senti tonta por um segundo.

“Já parou de sangrar.” Conrad disse, e seu rosto estava branco como mármore. Parecia que ia desmaiar. “Parece pior do que realmente é.”

“Continue pressionado.”, eu disse. “Eu vou pegar umas coisas ali pra ajudar a limpar.”

17 É componente fino embaixo da prancha, para dar impulso e ou fornecer a capacidade de dirigir e estabilizar o movimento na água.

Devia estar doendo muito, porque ele me obedeceu. Quando eu voltei com peróxido de hidrogênio, a gaze e o mertiolate, ele ainda estava lá, na mesma posição.

Eu sentei perto dele, e o encarei. “Pode soltar”, eu disse.

“Eu estou bem.” ele disse “Eu posso fazer isso.”

“Não, você não está bem.”

Então ele soltou a toalha, e eu pressionei um pouco. Ele tremeu.

“Desculpa”, eu disse. Segurei alguns segundos, e então levei a toalha ensanguentada para longe da sua perna. O corte tinha uns 8 centímetros e era fino. Não estava sangrando tanto, então eu segui em frente e comecei a jogar o peróxido de hidrogênio na ferida.

“Ai!” ele gemeu.

“Não seja tão chorão, mal é um arranhão.” Eu menti. Eu estava me perguntando se ele ia precisar de pontos.

Conrad se aproximou de mim, sua cabeça quase descansando no meu ombro enquanto eu limpava. Eu podia senti-lo inspirando e expirando, podia sentir todas as vezes que ele segurava a respiração quando eu tocava na ferida.

Quando o corte estava limpo, parecia bem melhor. Eu passei um pouco de mertiolate e depois cobri com a gaze.

Então eu bati em seu joelho “Tá vendo? Bem melhor!” Ele levantou a cabeça e disse “Obrigada.”

“Nada.” Eu disse.

Então teve esse momento entre nós, um olhando para o outro, segurando o olhar um no outro. Minha respiração acelerou. Se eu me inclinasse pra frente, só um pouco, nós estaríamos nos beijando. Eu sabia que devia me afastar, mas eu não podia.

“Belly?” Eu podia sentir sua respiração no meu pescoço.

“Sim?”

“Você pode ajudar a me levantar? Eu vou lá pra cima, tirar um cochilo.”

“Você perdeu muito sangue.”, eu disse, e minha voz vibrava nos azulejos do banheiro. “Eu não acho que você deva dormir.” Ele sorriu fraco “Isso é com concussões.”

Eu me levantei e então o puxei pra cima.

“Você consegue andar?”, perguntei.

“Eu me arranho.”, ele disse, mancando pra longe de mim e se apoiando na parede.

Minha camisa estava molhada do pingar de sua cabeça no meu ombro.

Mecanicamente, eu comecei a limpar a bagunça e meu coração estava quase saindo do peito. O que havia acontecido? O que eu quase havia feito?

Dessa vez não foi como a vez com o pêssego. Dessa vez, a culpa era toda minha.

Conrad passou o horário do jantar, dormindo, e eu me perguntei se devia levar alguma comida no quarto dele, mas decidi que era melhor não.

No lugar disso, eu esquentei uma das pizzas congeladas que havia comprado e passei o resto da noite limpando o andar de baixo. Eu estava aliviada que todo mundo ia estar aqui amanhã. Não iria mais ser só eu e ele.

Quando Jeremiah chegasse, tudo voltaria ao normal.

Capítulo Quarenta e Três

Tudo realmente voltou ao normal. Eu estava normal, Conrad estava normal: era como se nada tivesse acontecido. Porque nada aconteceu. Se ele não tivesse um curativo na sua perna, eu pensaria que tinha sonhado a história toda.

Os meninos estavam todos lá na praia, exceto por Conrad, que não podia molhar sua perna com a água do mar. Ele estava na cozinha, preparando a carne para a churrasqueira. Nós, as garotas, estávamos deitadas perto da piscina, passando uma bacia de pipoca de uma pra outra.

Quanto ao clima, era um dia perfeito em Cousins. O sol estava alto e fazia calor, e só tinham poucas nuvens no céu. Nenhuma previsão de chuva para os próximos sete dias. Nosso casamento estava salvo.

“Redbird é bem bonitinho, né?” Taylor disse, ajeitando seu biquíni.

“Nojinho” Anika disse. “de qualquer pessoa com o apelido Redbird – não mesmo, muito obrigada.”

Taylor a encarou “Não seja tão preconceituosa. Belly, o que você acha?”

“Uhm... ele é um cara legal. Jeremiah diz que ele é bem leal.”

“Tá vendo?” Taylor provocou, cutucando Anika com seu dedo do pé.

“Nós vamos sair com os meninos hoje?” Anika perguntou.

“Não, eles vão sair sozinhos. Eles vão pra algum bar com várias bobinhas de São João ou qualquer coisa do gênero”

“Eca!” Taylor falou.

Olhando pra cozinha, Anika cochichou “Vocês nunca me falaram como o Conrad é gostoso.”

“Ele não é tão gostoso assim” Taylor disse. “Ele apenas acha que é.”

“Não, ele não acha.”, eu defendi. Para Anika, eu disse “Tay só tem raivinha porque ele nunca deu em cima dela.”

“Por que ele daria em cima dela, se ele era o seu homem?”

“Ele nunca foi meu homem.”, sussurrei.

“Ele sempre foi seu homem.” Taylor falou, se jogando spray com óleo bronzeador.

Com convicção, eu disse “Não mais.”

No jantar, nós tivemos bifes e vegetais grelhados. Era uma refeição de gente grande. Beber vinho tinto, sentada ao redor de uma mesa com todos os meus amigos, eu me senti adulta. Eu estava sentada ao lado de Jeremiah, e ele tinha seu braço ao redor da minha cadeira.

E ainda assim.

A noite inteira, eu conversei com outras pessoas. Eu não olhei na sua direção, mas eu sempre sabia onde ele estava. Eu estava dolorosamente consciente dele. Quando ele estava perto, meu corpo gemia.

Quando ele estava longe, havia uma dor gritante. Com ele perto de mim, eu sentia tudo.

Ele estava sentado ao lado de Anika, e ele falou algo que a fez rir. Eu podia sentir uma pontada no coração. Olhei para o outro lado.

Tom levantou e fez um brinde. “Para Belly e J-Peixe, um realmente”- ele arrotou – “maravilhoso casal. Maravilhoso pra porra!” Eu vi a Anika olhar pra Taylor, um olhar que dizia você realmente acha esse cara bonito? Eu vi Taylor encolher os ombros. Todo mundo levantou suas cervejas e taças de vinhos, e nós brindamos. Jeremiah me puxou pra ele e me beijou na boca, na frente de todo mundo. Eu saí de seu abraço, me sentindo constrangida. Eu vi a cara que o Conrad fez e desejei não ter visto.

Então Steven disse “Mais um brinde, galera.” De uma maneira estranha, ele levantou “Eu conheci o Jere a minha vida inteira. Belly também, infelizmente.”

Eu joguei meu guardanapo nele.

“Vocês são bons juntos.” Steven disse, olhando pra mim. Então ele olhou para Jeremiah. “Trate ela bem, cara. Ela é um pé no saco, mas ela é a única irmã que eu tenho.”

Eu senti meus olhos encherem de lágrimas. Eu levantei e o abracei.

“Seu idiota”, eu disse, limpando meus olhos.

Quando me sentava novamente do lado de Jere, ele disse “Eu acho que eu deveria dizer algo também. Primeiro, obrigado por terem vindo, galera. Josh, Redbird. Taylor e Anika. Significa muito ter vocês aqui com a gente.” Ele assentiu olhando pra mim e eu olhei de volta pra ele, esperando que ele mencionasse Conrad. Eu olhei pra ele, tentando mostrar que ele havia esquecido algo, mas ele não pareceu perceber. “Você também deve dizer algo, Belly.”

“Obrigado por terem vindo” Eu falei alto. “E Conrad, muito obrigada pela refeição, puta que pariu estava muito boa!”

Todo mundo riu.

Depois do jantar, eu subi pro quarto do Jere e assisti enquanto ele se preparava pra sair com os meninos.

As meninas estavam ficando pra trás. Eu disse pra Taylor que ela devia ir e aproveitar pra paquerar com Redbird, mas ela disse que preferia ficar. “Ele comeu o bife dele com as mãos.” ela me disse, com cara de nojo.

Jere estava colocando desodorante, e eu estava sentada na sua cama por fazer. “Tem certeza que você não quer ir com a gente?” ele perguntou.

“Eu tenho certeza.” De repente, eu disse “Ei, lembra daquela vez quando você encontrou aquele cachorro na praia? E nós chamamos ela de Rosie até que nós percebemos que era um macho, mas nós continuamos chamando ele de Rosie mesmo assim?”

Ele olhou pra mim, levemente frio, enquanto lembrava “Não fui eu que encontrei ela, foi o Conrad.”

“Não, não foi. Foi você. E você chorou quando os donos dela vieram buscá-la.”

“Não, foi o Conrad.” Sua voz parecia dura de repente.

“Eu acho que não.”, eu disse.

“Definitivamente foi o Conrad.”

“Você tem certeza?”, perguntei pra ele.

“Certeza absoluta. Steve e eu enchemos tanto o saco dele por ter chorado.”

Realmente havia sido Conrad? Eu tinha tanta certeza dessa lembrança.

Nós tivemos Rosie durante três gloriosos dias, antes que alguém falasse que era o dono. Rosie era doce. Ela era amarela e tinha um pelo fofo, nós brigávamos pra decidir na cama de quem ela ia dormir a noite. Nós decidimos fazer turnos, e minha vez foi a última, então eu nunca pude dormir com ela na minha cama.

O que mais eu havia lembrado errado? Eu era uma pessoa que adorava brincar de “Lembra daquela vez” na minha cabeça. Sempre me senti orgulhosa de mim mesma, em como eu lembrava de cada detalhe.

Me assustava perceber que minhas lembranças podiam estar erradas, ainda que levemente erradas.

Capítulo Quarenta e Quatro

Depois que os meninos se foram, fui pro meu quarto fazer as unhas e praticar maquiagem para o casamento. “Eu ainda acho que você devia mandar alguém fazer sua maquiagem.” Taylor disse, sentada na minha cama.

Ela estava pintando suas unhas de um rosa clarinho.

“Eu não quero gastar mais nada do dinheiro do Sr. Fisher. Ele já gastou o suficiente.”, eu disse
“Além disso, eu odeio usar muita maquiagem. Nem parece que sou eu.”

“Eles são profissionais – eles sabem o que estão fazendo.”

“Aquele vez que você me levou pro estande da MAC, eles me fizeram ficar parecendo uma drag queen.”, eu disse.

“Isso é o que eles chamam de estética” Taylor disse. “Pelo menos me deixe colocar uns cílios falsos em você. Eu vou usar e Anika também.”

“Ela me obrigou”, Anika disse com dentes cerrados, tentando não rachar sua máscara facial.

“Bom, eu não vou usar.” “Jere sabe como são meus cílios de verdade, e ele não se importa. Além disso, meus olhos ficam coçando quando uso.

Lembra, Tay? Você me fez usar uns no Halloween, e eu os tirei na hora que você deu as costas.”

“Um desperdício de 15 dólares.” Taylor choramingou. Ela deslizou da cama e sentou ao meu lado no chão. Eu estava testando várias cores diferentes de batom que Taylor havia trazido. Até agora eu estava entre um gloss rosa claro forte e um batom damasco.

“De qual você gosta mais?”, perguntei pra ela. Eu estava com o gloss no meu lábio superior, e com o batom no meu lábio inferior.

“O batom” Taylor disse “Vai destacar melhor nas fotos.” No começo, nós iríamos pedir pro Josh tirar as fotos – ele tinha feito algumas aulas de fotografia em Finch, e ele era o fotógrafo oficial de todas as festas da fraternidade deles. Mas agora que o Sr. Fisher e Denise Coletti tinham se envolvido, eles contrataram um fotógrafo de verdade, alguém que Denise conhecia.

“Mesmo assim, eu ainda faria o cabelo.” Taylor disse.

“Então faça”, eu disse pra ela.

Nós todas vestimos nossos pijamas, e Taylor e Anika me deram um presente de casamento – um baby-doll com um lacinho branco e uma calcinha combinando.

“Pra sua primeira noite de casada.” Taylor disse, cheia de significados.

“Uh, é, eu percebi” Eu disse, segurando a calcinha. Eu esperava que não tivesse muito vermelha “Obrigado, meninas.”

“Você tem alguma pergunta pra gente?” Taylor perguntou, empoleirando-se na minha cama.

“Taylor! Eu, tipo, vivo no mundo. Não sou uma idiota.”

“Eu só tô dizendo...” Ela parou. “Você provavelmente não vai gostar tanto nas primeiras vezes. Eu quero dizer, eu sou super pequena, o que significa que eu sou bem apertada aqui embaixo, então doeue pra caramba. Talvez não doa tanto em você. Conta pra ela, Anika.”

Anika revirou os olhos “Não doeue nada pra mim, Iz.”

“Bem, provavelmente sua vagina é larga.” Taylor disse.

Anika bateu com o travesseiro, e nós todas começamos a rir e não conseguimos parar. Então eu disse “Espera, exatamente assim, quanto doeue, Tay? Doeue tipo, como dói quando alguém dá um murro no estômago?”

“Quem foi que alguma vez na vida te deu um murro no estômago?” Anika me perguntou.

“Eu tenho um irmão mais velho.”, lembrei a ela.

“É um tipo diferente de dor.” Taylor disse.

“Dói mais do que cólicas menstruais?”

“Sim, mas eu diria que é mais comparável com ter uma dose de Novacain no seu sistema”

“Ótimo, agora ela está comparando perder sua virgindade com fazer um canal.” Anika disse, levantando. “Iz, não escuta ela. Eu te prometo que é mais 18 É um tipo de anestesia que o dentista utiliza para fazer canal, etc.

Mais divertido do que ir para o dentista. Seria uma coisa se vocês dois fossem virgens, mas Jeremiah sabe como é. Ele vai tomar conta de você.” Taylor caiu na gargalhada. “Ele vai tomar conta dela!” Eu tentei sorrir, mas meu rosto congelou. Jeremiah havia estava com outras duas garotas. A namorada de colégio, Mara, e agora Lacie Barone.

Então, eu tenho certeza absoluta que ele sabe o que fazer. Eu só desejava que ele não soubesse.

Nós estávamos todas deitadas na minha cama, uma do lado da outra.

Estávamos apenas conversando no escuro e Anika foi a primeira a cair no sono. Eu fiquei pensando e pensando se eu devia ou não devia confiar na Taylor, contar pra ela sobre Conrad, como eu me sentia dividida. Eu queria contar pra ela, mas eu também estava com medo.

“Tay?”, sussurrei. Ela estava sentada do meu lado, e eu estava na ponta da cama porque ia sair e dormir na cama de Jere quando os meninos voltassem.

“Que foi?” A voz dela parecia sonolenta.

“Algo estranho aconteceu.”

“O que?” Ela estava alerta agora.

“Ontem, Conrad cortou a perna dele surfando, e eu o ajudei, e teve esse momento estranho entra a gente.”

“Vocês se beijaram?”, ela sussurrou.

“Não!” Mas então eu sussurrei “Mas eu queria. Eu estava – Eu me senti tentada.”

“Uau.” ela disse assentindo com a cabeça. “Mas nada aconteceu, certo?”

“Nada aconteceu. Eu só me senti... só fiquei assustada porque eu meio que queria. Apenas por um segundo.” Eu soltei minha respiração. “Eu estou me casando em alguns dias. Eu não devia estar pensando em beijar outros caras.” Devagar, ela disse “Conrad não é outros caras. Ele é o seu primeiro amor.

Seu primeiro grande amor.”

“Você tá certa!”, disse, aliviada. Eu já me sentia mais leve. “É só nostalgia, é só isso.”

Taylor hesitou e então disse, “Tem algo que ainda não te contei. Conrad foi ver sua mãe.”

Minha respiração ficou presa “Quando?”

“Umas duas semanas atrás. Ele a convenceu ir pro chá de lingerie. Ela contou pra minha mãe, e minha mãe me contou...”

Eu estava calada. Ele fez isso por mim?

“Eu não falei pra você, porque eu não queria que você ficasse toda confusa de novo. Por que você ama o Jere, né? Você quer casar com ele?”

“A-ham.”

“Tem certeza? Porque não é tarde demais pra voltar atrás, sabe? Você ainda pode cancelar a coisa toda – você não precisa fazer esse final de semana. Você poderia esperar mais um pouco...”

“Eu não preciso esperar mais.”, eu disse.

“Okay.”

Eu me virei na cama. “Boa noite, Tay.”

“Boa noite.”

Demorou um pouco até que a respiração dela se tornasse pesada e constante, e eu só fiquei deitada ao lado dela, pensando.

Conrad ainda cuidava de mim. Silenciosamente, eu saí da cama, cruzei o quarto, e saí tateando pela minha prateleira até que eu encontrei. Meu unicórnio de vidro.

Capítulo Quarenta e Cinco

Quando Susannah nos deixava no shopping ou no Putt Putt, ela colocava o Conrad como responsável, toda vez.

Ela dizia “Cuide deles, Connie. Eu estou contando com você.” Teve essa vez que nos separamos no shopping, porque os meninos queriam ir para os brinquedos e eu não queria. Eu tinha oito anos. Eu disse que os encontraria na praça de alimentação dentro de uma hora.

Fui diretamente pra loja de decoração com vidros. Os meninos nunca queriam ir lá, mas eu amava.

Eu vaguei de corredor por corredor. Eu adorava principalmente olhar os unicórnios de vidro. Eu queria comprar um, só um pequeninho, mas eles eram doze dólares. Eu só tinha dez. Eu não conseguia parar de olhar aquele unicórnio. Eu os pegava da prateleira, colocava de volta e os pegava de novo.

Antes que eu percebesse, mais de uma hora tinha se passado, quase duas. Eu corri pra praça de alimentação, o mais rápido possível. Com medo de que os meninos tivessem ido embora e me deixado.

Quando eu cheguei, Conrad não estava lá. Jeremiah e Steven estavam sentados na área do Taco Bell contando seus tickets dos jogos. “Onde você estava?” Steven perguntou, aborrecido.

Eu o ignorei, “Onde está o Conrad?” perguntei pro Jeremiah, com raiva.

“Ele foi atrás de você.” Jeremiah disse. Para o Steven, ele disse, “Você quer usar nossos tickets pra comprar algo agora ou guardar pra próxima vez?”

“Vamos esperar pra próxima” Steven disse “O cara lá me disse que vão chegar uns brindes novos na semana que vem.”

Quando Conrad voltou, um pouco depois, ele me encontrou sentada com Jeremiah e Steven, comendo um sorvete, ele estava tão zangado “Onde você estava?”, ele gritou “Você devia ter voltado pra cá!” Eu podia sentir um caroço se formar na minha garganta, e eu sabia que ia começar a chorar. “Na loja de decoração com vidros”, falei baixinho, meu sorvete estava pingando na minha mão.

“Se algo acontecesse com você, minha mãe ia me matar! Fui eu que ela deixou no comando!”

“Tinha esse unicórnio...”

“Pode esquecer. Você nunca mais vai sair com a gente.”

“Não, Conrad. Por favor,”, eu chorei, limpando minhas lágrimas com a minha mão melada.

“Me desculpa.”

Ele se sentiu mal por ter gritado, eu podia perceber. Ele sentou ao meu lado, e disse “Nunca mais faz isso comigo, Belly. De agora em diante, nós permanecemos juntos, Okay?”

“Okay.” Eu disse, fungando.

No meu aniversário em agosto, Conrad me deu um unicórnio de vidro.

Não o pequeno de doze dólares, mas o grande que custava vinte. O chifre do unicórnio quebrou durante uma das lutas entre Jeremiah e Steven, mas eu guardei mesmo assim. Eu deixava no canto direito da minha prateleira. Como eu poderia jogar um presente desses fora?

Capítulo Quarenta e Seis

Conrad

Eu me voluntariei pra ser o motorista da vez. Na hora que nós deixamos a casa, todos já estavam bem altos devido ao vinho e a cerveja; fomos no carro daquele tal de Tom ou Redbird ou sei-lá-qual-o-nome-dele porque era o maior.

Era praticamente um Hummer. Jere sentou no banco do passageiro do meu lado, e os outros caras foram atrás.

Tom alcançou o espaço entre nós e ligou o rádio.

Ele começou a fazer um rap com a música, fora do tom e com a letra errada. Josh se juntou a ele, e Steven abriu o teto solar e colocou a cabeça pra fora.

Com uma olhada significativa pro Jere, eu disse “Esses são seus amigos?”

Ele riu e começou a cantar rap também.

O bar estava lotado. As garotas por toda parte, com saltos e batons, com os cabelos brilhosos e lisos.

Na mesma hora, Redbird começou a tentar dançar com toda garota que passava. E era recusado todas às vezes.

Eu fui pro bar pegar a primeira rodada, e Steven me seguiu. Nós estávamos esperando por alguma atenção do bartender quando ele colocou a mão no meu ombro e disse

“Então como você está com a coisa toda?”

“O que? O casamento?”

“É.”

Eu virei pra longe dele. “As coisas são como são.”

“Você acha que é um erro?”

Eu não precisei respondê-lo, porque finalmente consegui a atenção do bartender. “Cinco doses duplas de tequila e um Newcastle.”, eu disse.

Steven disse “Você não vai tomar uma dose com a gente?”

“Eu preciso tomar conta de vocês, cabeças-de-vento, lembra?” Nós carregamos os drinks de volta pra mesa onde os outros caras haviam se sentado. Todos os cinco caras viraram seus copos,

e então Redbird se levantou, bateu no peito e começou a gritar como o Tarzan. Os meninos caíram na risada e começaram a encher o saco dele dizendo que ele era um otário e que não tinha coragem de dar em cima de duas garotas que estavam na pista de dança. Eu e Steven fomos até eles, nos sentamos e assistimos.

Steven estava tendo mais sucesso do que Redbird. Ele e a garota do cabelo vermelho começaram a dançar, enquanto Redbird voltava para nossa mesa, rejeitado.

“Eu vou pegar outra rodada pra gente,” eu disse. Achei que era meu dever como padrinho deixar todo mundo bêbado.

Eu voltei com mais cinco doses de tequila, e já que Steven ainda estava na pista de dança, Jere virou a dose dele. Eu estava cuidando da bebida de um deles quando ouvi aquele cara Josh falar pro Jeremiah

“Cara, você finalmente vai fechar o negócio com a Belly.” Levantei minha cabeça. Jeremiah tinha seu braço ao redor de Josh enquanto ele cantava *„lá vem à noiva”*

Eles ainda não haviam feito sexo?

Então eu ouvi Josh dizer “Bicho, você é, tipo, um virgem agora. Você não tem visto nenhuma açãõ desde a Lacie, em Cabo.”

Cabo? Jeremiah foi para Cabo nessas últimas férias de primavera.

Quando ele e Belly ainda eram um casal.

Jeremiah começou a cantar, fora do tom “Like a virgin, touched for the very first time¹⁹.”, então ele ficou em pé. “Vou mijar.” Eu olhei sua caminhada meio bêbada pro banheiro, e Josh falou “Fisher é um sortudo do caralho. Lacie é muito gostosa.”

Tom o empurrou com o ombro e disse, alto, “Caralho, lembra como eles nos deixaram trancados do lado de fora do quarto do hotel?” Pra mim, ele disse, “Foi hilário, cara! Hilário. Eles nos deixaram do lado de fora, e eles 19 Trecho da música Like a Virgin, cantada pela cantora Madonna estavam tão concentrados, que não ouviram quando nós batemos. Nós tivemos que dormir no corredor congelando naquela noite.

Rindo, Josh disse “Aquele garota gritava demais também... Oooh Jere...

uuuhhh, Jere-uuuhm-miiii-uhm m”

Eu vi tudo vermelho. Por debaixo da mesa, eu cerrei meus punhos. Eu queria bater em algo. Primeiro eu queria bater nesses dois, e então eu queria achar meu irmão e bater nele até que ele desmaiasse.

Eu pulei pra fora da mesa e fui andando até o banheiro, empurrando com o ombro qualquer pessoa que estivesse no meu caminho até lá.

Eu bati na porta.

“Tem gente.” Jeremiah gritou de dentro.

Então eu ouvi ele dar descarga.

Eu esperei mais alguns segundos, e então fui embora, passei pela nossa mesa e fui para o estacionamento.

Capítulo Quarenta e Sete

Uma hora mais tarde, os garotos voltaram, bêbados feito uns loucos.

Eu já havia visto Jere bêbado antes, mas não assim. Ele estava tão bêbado, que os meninos tiveram que carregá-lo pra dentro. Ele mal conseguia abrir os olhos.

“Belllllllllyyy” ele chamou “Eu vou casar com você.” Do topo das escadas, eu gritei de voltar “Vai dormir!” Conrad não estava com eles. Eu perguntei pro Tom. “Cadê o Conrad? Eu pensei que ele era o motorista da vez.”

Ele estava deslizando escada acima “Eu sei não. Ele estava com a gente.”

Eu fui até o carro, pensando que talvez ele tivesse passado mal e ficado no banco de trás. Mas ele não estava lá. Eu estava começando a ficar preocupada, mas bem nessa hora eu dei uma olhada na praia e o vi, sentado no stand salva vidas.

“Desce daí.”, chamei. “Não vai cair no sono aí.”

“Sobe.”, ele disse “Só um minuto.”

Eu pensei nisso por um segundo. Ele não parecia bêbado, ele parecia bem. Eu escalei pra dentro e sentei ao seu lado.

“Vocês se divertiram?”, perguntei pra ele.

Ele não me respondeu. Eu olhei as ondas ao longo da costa. Era uma lua crescente. Eu disse “Eu amo a noite daqui.”

E então, de repente, ele disse “Eu tenho que te falar algo.” Algo na voz dele me assustou “O que?”

Olhando pro oceano, ele disse “Jere te traiu quando ele estava em Cabo.” Isso não era o que eu esperava que ele falasse. Talvez fosse a última coisa que eu esperava que ele dissesse. Seu queixo ficou duro, e ele parecia com raiva.

“Hoje na boate, um dos idiotas dos amigos dele disse algo.” Ele finalmente olhou pra mim “Eu sinto muito que você tenha que saber por mim.”

Eu pensei que você tinha direito de saber.”

Eu não sabia o que falar pra ele. Eu finalmente disse “Eu já sabia.” Ele jogou a cabeça pra trás. “Você sabia?”

“Sim.”

“E você, ainda assim, vai casar com ele?”

Minhas bochechas estavam pegando fogo. “Ele cometeu um erro.” Eu disse, suavemente. “Ele se odeia pelo que fez, eu o perdooi. Está tudo bem agora. Está, realmente, tudo bem.”

A boca do Conrad se curvou em desgosto. “Você tá brincando, né? Ele passou a noite em um quarto de hotel com uma garota qualquer e você tá defendendo ele?”

“Quem é você pra julgar a gente? Não é da sua conta!”

“Não é da minha conta? Aquele imbecil é meu irmão e você é...” Ele não terminou a frase. No lugar, ele disse “Eu nunca pensei que você ia ser do tipo de garota que aguentaria uma merda dessas de um cara.”

“Eu aguentei muito pior de você.”, eu disse automaticamente. Eu disse sem pensar.

Um flash de emoção passou em seus olhos, ele disse, “Eu nenhuma vez traí você. Eu nem sequer olhei pra outra garota quando nós estávamos juntos.” Eu deslizei pra longe dele e comecei a descer. “Eu não quero mais falar sobre isso.” Eu não sabia por que ele estava trazendo tudo isso a tona agora.

Eu só queria que tudo fosse embora.

“Eu pensei que eu te conhecia”, ele disse.

“Eu acho que você pensou errado.”, eu disse. Então pulei o resto da descida.

Eu o ouvi pulando pro chão atrás de mim, e comecei a andar, indo embora. Eu podia sentir minhas lágrimas chegando, e eu não queria que ele olhasse. Conrad correu atrás de mim e segurou meu braço. Eu tentei virar minha cabeça pra longe dele, mas ele viu, e seu rosto mudou. Ele sentia pena de mim. Isso só me fez sentir pior.

“Me desculpe.”, ele disse “Eu não deveria ter falado nada. Você tá certa.

Não é da minha conta.”

Eu tirei meu braço de seu aperto. Eu não precisava da piedade dele.

Eu comecei a andar na direção oposta à da casa. Eu não sabia pra onde eu ia, eu só queria ir pra longe dele.

“Eu ainda te amo.”, ele gritou

Eu paralisei. E então vagar, eu virei para olhar pra ele. “Não diz isso.” Ele deu um passo na minha direção. “Eu não sei se eu algum dia vou conseguir tirar você do meu sistema, não completamente. Eu tenho... esse sentimento. Que você sempre vai estar aqui. Aqui.” Conrad

tocou no seu coração e então deixou sua mão cair.

“É só porque eu estou casando com Jeremiah.” Eu odiava o jeito que minha voz soava – tremendo e pequena. Fraca. “É por isso que você está dizendo tudo isso de repente.”

“Não é de repente,” ele disse, seus olhos grudados nos meus “É sempre”

“Não importa. É tarde demais.” Eu virei pra longe dele.

“Espera”, ele disse. Ele agarrou meu braço de novo.

“Me solta.” e minha voz estava tão fria, que nem mesmo eu reconheci.

Surpreendeu a ele também.

Ele estremeceu, e sua mão me soltou “Me diga apenas uma coisa. Por que se casar agora?” ele disse “Por que não apenas viver juntos?” Eu tinha me perguntado a mesma coisa. Eu ainda não havia chegado a uma resposta boa.

Eu comecei a ir embora, mas ele me seguiu. Ele colocou seus braços ao meu redor, por cima dos meus ombros.

“Me solta”, gaguejei, mas ele continuou me segurando.

“Espera. Espera.”

Meu coração estava batendo forte. E se alguém nos visse? E se alguém escutasse?

“Se você não me soltar, eu vou gritar.”

“Me escuta, só por um minuto. Por favor. Eu te imploro.” Sua voz soava agoniada e com dor.

Eu soltei minha respiração. Na minha mente, comecei a contar de trás pra frente. Sessenta segundos, era tudo que ele ia ter de mim. Eu ia deixa-lo falar por sessenta segundos, e então eu iria embora e não olharia pra trás. Dois anos atrás, isso era tudo que eu queria ouvir dele. Mas agora era tarde demais.

Quietamente, ele disse “Dois anos atrás, eu fudi com tudo. Mas não da maneira que você pensa. Aquela noite - você se lembra daquela noite? Aquela noite que nós estávamos voltando da escola e estava chovendo tão forte que nós tivemos que parar naquela pousada. Você se lembra?” Eu lembrava daquela noite. Claro que eu lembrava.

“Aquela noite, eu não pude dormir. Eu fiquei acordado, pensando no que eu deveria fazer. Qual era a coisa certa a fazer? Porque eu sabia que te amava. Mas eu sabia que eu não devia. Eu não tinha direito de amar ninguém naquela época. Depois que minha mãe morreu, eu estava tão puto. Eu tinha essa raiva em mim o tempo todo. Eu sentia como se fosse explodir a qualquer

momento.”

Ele puxou a respiração, inspirando. “Eu não tinha o que era necessário pra te amar do jeito que você merecia. Mas eu sabia quem tinha. Jere. Ele te amava. Eu pensei que ele nunca ia te machucar. Se eu continuasse com você, eu ia te magoar de alguma forma. Eu sabia. Eu não poderia não te magoar.

Então eu deixei você ir.”

Eu já tinha parado de contar. Eu só me concentrava em respirar. Pra dentro e pra fora.

“Mas nesse verão... Deus, nesse verão. Estar perto de você de novo, falar com você do jeito que nós costumávamos conversar. Você olhando pra mim do jeito que costumava olhar.”

Eu fechei meus olhos. Não importava o que ele falasse agora. Foi isso que eu disse pra mim mesma.

“Eu vejo você de novo, e tudo que eu havia planejado vai à merda. É

impossível... Eu amo Jere mais do que qualquer pessoa. Ele é meu irmão, minha família. Eu me odeio por fazer isso. Mas quando eu vejo vocês dois juntos, eu o odeio também.” Sua voz se quebrou.

“Não case com ele. Não fique com ele. Fique comigo.” Seus ombros tremeram. Ele estava chorando. Ouvi-lo implorar assim, ver ele exposto e vulnerável, eu me sentia como se meu coração estivesse quebrando. Havia tantas coisas que eu queria falar pra ele. Mas eu não podia.

Com Conrad, uma vez que eu começasse, eu não poderia parar.

Eu me soltei dele abruptamente “Conrad.”

Ele me agarrou “Apenas me diga. Você sente qualquer coisa por mim?” Eu o empurrei “Não! Você não entende? Você nunca será o que Jere é pra mim. Ele é meu melhor amigo. Ele me ama, não importa o que aconteça.

Ele não vai embora quando está com vontade. Ninguém nunca me tratou do jeito que ele trata. Ninguém. Muito menos você.”

“Você e eu”, eu disse, e então, parei. Eu tinha que fazer isso certo. Eu tinha que fazer ele me deixar ir embora para sempre. “Eu e você nunca fomos nada.”

Sua cara ficou branca. Eu vi a luz dos seus olhos morrer.

Eu não podia mais olhar pra ele.

Eu comecei a ir embora, e dessa vez ele não me seguiu. Eu não olhei de volta. Eu não podia olhar

de volta. Se olhasse seu rosto de novo, eu não seria capaz de ir embora. Enquanto eu andava, dizia pra mim mesma, aguenta, aguenta, aguenta só um pouco mais. Apenas quando eu estava certa de que ele não podia me ver, apenas quando a casa estava no meu campo de visão, foi que me permiti chorar. Eu caí na areia e chorei por Conrad e depois por mim. Eu chorei por tudo que nunca seríamos.

É um fator conhecido na vida, você não pode ter tudo. No meu coração eu sabia que amava os dois, o quanto era possível amar duas pessoas ao mesmo tempo. Conrad e eu estávamos ligados, nós sempre estaríamos ligados. Era algo que eu não podia mudar. Eu sabia agora – aquele amor era algo que você poderia tirar de mim ou esquecer, não importa o quanto você tentasse.

Eu levantei, eu tirei a areia do meu corpo, e fui pra dentro da casa. Eu entrei na cama com Jeremiah, ao seu lado. Ele tinha desmaiado, roncando alto da maneira que ele fazia quando bebia demais.

“Eu te amo”, eu disse pras costas dele.

Capítulo Quarenta e Oito

Mais tarde, na manhã seguinte, Taylor e Anika foram à cidade buscar algumas coisas de último minuto. Eu fiquei em casa para limpar os banheiros, já que os pais iam chegar mais tarde, naquele dia. Os garotos ainda estavam sonolentos, o que era uma boa coisa. Eu não sabia se eu falaria ou não falaria para o Jeremiah. A preocupação estava me corroendo por dentro. Seria egoísta ou seria misericordioso não falar nada?

Eu esbarrei com Conrad na hora que estava saindo do banho, eu não podia sequer olhá-lo nos olhos. Eu ouvi seu carro saindo da garagem alguns minutos depois. Eu não sabia pra onde ele tinha ido, mas esperava que ele ficasse longe de mim. Parecia algo muito cru, muito bruto, muito cedo. Eu me peguei desejando que, ou ele ou eu, não precisássemos estar aqui. Eu não podia ir embora – era eu quem estava casando – mas eu esperava que ele fosse. Tornaria as coisas mais fáceis. Era algo egoísta claro, eu sabia. A casa era metade do Conrad, no final das contas.

Depois que eu arrumei as camas, e limpei o quarto de hóspedes, fui até a cozinha fazer um sanduíche pra mim. Eu pensava que estava a salvo, eu pensava que ele ainda não havia chegado em casa.

Mas ele estava, também estava comendo um sanduíche.

Na hora que ele me viu, colocou seu sanduíche na mesa. Era sanduíche de carne, parecia ser. “Posso falar com você por um segundo?”

“Eu estava de saída pra cidade agora mesmo pra pegar algumas coisas.” Eu disse, olhando pra um ponto qualquer da vizinha por cima do ombro dele, pra qualquer lugar, menos pra ele. “Coisas do casamento.” Eu comecei a sair andando, mas ele me seguiu até a varanda.

“Escuta, me desculpa por ontem à noite.”

Eu não disse nada.

“Você me faz um favor? Você pode esquecer tudo que eu falei?” Ele me deu um sorriso leve, meio irônico. Eu queria tirar esse sorriso do rosto dele com um tapa. “Eu estava meio fora de si ontem à noite, bêbado pra caralho. Estar aqui de novo, trouxe um monte de coisa à tona. Mas é tudo história antiga, eu sei disso. Honestamente eu mal lembro o que eu falei, mas eu sei que seja lá o que foi, foi além dos limites. Eu realmente sinto muito.” Por um momento, eu senti tanta raiva que eu esqueci como se falava. Eu descobri que era difícil respirar. Eu me sentia como um peixinho dourado, abrindo e fechando minha boca, buscando bolhas de ar. Eu não havia sequer dormido a noite passada, no lugar de dormir, eu agonizei a noite inteira pensando em cada palavra que ele havia me dito. Eu me sentia tão idiota agora. E pensar, apenas por um momento, eu tinha imaginado. Eu tinha pensado em como seria, se eu tivesse casando com ele e não com Jeremiah.

Eu odiava ele por isso.

“Você não estava bêbado.”

“Sim, eu estava bastante.” Dessa vez, ele me deu um sorriso meio que pedindo desculpas.

Eu ignorei. “Você trouxe tudo aquilo à tona, no final de semana do meu casamento, e agora você quer que eu simplesmente esqueça? Você é doente.”

Você não entende que você não pode brincar com as pessoas assim?” O sorriso do Conrad sumiu. “Espera um minuto. Belly.”

“Não fala o meu nome.” Eu saí de perto dele. “Nem sequer pense nele.”

Na verdade, nunca mais fala comigo outra vez.”

Outra vez, com o sorriso meio irônico, ele disse, “Bem, isso vai ser meio difícil, considerando o fato que você vai casar com meu irmão. Fala sério, Belly.”

Eu não pensei que podia ficar com mais raiva, mas agora eu estava. Eu estava tão puta, praticamente batendo nele quando disse “Eu quero que você vá embora. Dê alguma das suas desculpas de merda e apenas vá embora.”

Volte pra Boston ou pra Califórnia. Eu não me importo pra onde. Eu só quero que você vá embora.”

Os olhos dele piscaram. “Eu não vou embora.”

“Vá,” eu disse, empurrando-o, com força. “Apenas vá.” Foi aí que eu vi a primeira rachadura na armadura dele.

Com a voz quebrando, ele disse, “O que você espera que eu diga pra você, Belly?”

“Para de dizer meu nome!” Eu gritei.

“O que você quer de mim?” Ele gritou de volta. “Eu me entreguei pra você ontem à noite! Eu coloquei tudo pra fora, e você me descartou. Com direito. Eu entendo que eu não devia ter dito nada daquilo pra você. Mas agora eu estou aqui, tentando encontrar uma maneira de sair disso com pelo menos um pouco de orgulho para que eu possa olhar nos seus olhos quando tudo isso acabar, e você sequer pode me deixar ter isso. Você quebrou meu coração na noite passada, okay? Era isso que você queria ouvir?”

Outra vez, eu estava sem palavras. E então eu disse “Você realmente não tem coração.”

“Não, eu acho que você que deve ser a sem coração aqui.” Ele estava indo embora, quando eu gritei “O que você quer dizer com isso?” Eu fui andando atrás dele e virei seu braço para que pudéssemos ficar frente a frente.

“Me diz o que você quer dizer com isso.”

“Você sabe o que significa.”, ele se soltou, pra longe de mim. “Eu ainda amo você. Eu nunca parei. Eu acho que você sabe. Eu acho que você sempre soube.”

Pressionando meus lábios juntos, eu balancei minha cabeça. “Não, não é verdade.”

“Não minta.”

Eu balancei minha cabeça de novo.

“Faça do seu jeito, então. Eu não vou mais fingir pra você.” Com isso, ele desceu os degraus até o carro dele.

Eu afundei no deque. Meu coração estava batendo milhões de vezes por minuto. Eu nunca me senti mais viva. Raiva, tristeza, alegria. Ele me fazia sentir tudo. Ninguém tinha esse efeito em mim. Ninguém.

De repente, eu tive essa sensação, essa certeza absoluta, que eu nunca ia ser capaz de deixá-lo ir. Era tão simples e tão difícil quanto isso. Eu tinha agarrado a ele como uma traça todos esses anos, e agora eu não podia cortá-

lo. Era culpa minha, na verdade. Eu não poderia deixar Conrad, e eu não conseguia afastar Jeremias.

Aonde isso me leva?

Eu ia casar amanhã. Eu não devia estar pensando desta forma. Era vergonhoso.

Se eu fizesse isso, se eu escolhesse Conrad, eu nunca poderia voltar.

Eu nunca mais iria colocar a mão em concha na nuca de Jere de novo, sentir sua suavidade felpuda. Jere nunca olharia para mim do jeito que ele fez agora.

Ele olhou para mim como se eu fosse sua namorada. O que eu era, e me senti como se tivesse sido sempre assim. Isso tudo seria perdido. Acabado.

Algumas coisas que você não pode pegar de volta. Como eu ia dizer adeus a todas essas coisas? Eu não podia. E o que dizer a nossas famílias? O

que iria fazer com a minha mãe, o seu pai? Isso nos destruiria. Eu não poderia fazer isso. Especialmente, especialmente com tudo tão frágil agora que Susannah tinha ido embora.

Nós ainda estávamos tentando descobrir como estar todos juntos, sem ela, como ainda ser que a família de verão.

Eu não poderia jogar tudo para cima, apenas por isso. Apenas por Conrad.

Conrad, que disse que me amava. No passado, ele disse as palavras.

Quando Conrad Fisher disse a uma garota que ele amava, ele quis dizer isso. A menina podia acreditar nisso. A menina poderia talvez até mesmo apostar toda a sua vida nisso.

Isso era o que eu estaria fazendo. Eu estaria apostando toda a minha vida com ele. E eu não poderia fazê-lo. Eu não faria isso.

Capítulo Quarenta e Nove

Conrad

Eu estava no meu carro, indo embora, a minha adrenalina forte.

Eu finalmente disse. As palavras reais, em voz alta, na sua cara.

Foi um alívio, não carregá-las mais, e foi uma corrida, na verdade dizer a ela. Eu estava em uma espécie de torpor eufórico, em alta. Ela me amava. Eu não necessitava ouvi-la dizer isso em voz alta, eu sabia naturalmente pela forma como ela olhou para mim naquele momento.

Mas e agora? Se ela me amava e eu a amava, o que faríamos agora, quando havia tantas pessoas entre nós? Como eu poderia chegar até ela?

Será que eu tenho em mim o suficiente para pegar a mão dela e fugir? Eu acreditava que ela viria comigo. Se eu perguntasse a ela, eu acreditava que ela realmente poderia vir. Mas onde poderíamos mesmo ir? Será que eles nos perdoariam? Jere, Laurel, o meu pai. E se eu realmente a levasse para longe, onde eu estaria levando-a?

Além disso, as perguntas e as dúvidas, na boca do estômago, havia todo esse arrependimento. Se eu tivesse lhe dito há um ano, um mês, ou mesmo há uma semana, as coisas seriam diferentes agora? Era a véspera de seu casamento. Em vinte e quatro horas, ela iria se casar com o meu irmão.

Por que eu esperei tanto tempo?

Eu dirigi por um tempo, para a cidade e, em seguida, ao longo da água, então eu voltei para a casa. Nenhum dos carros estava estacionado na garagem, então eu pensei que estava em casa livre por um tempo, mas então vi Taylor sentada na varanda da frente.

“Onde estão todos?” Eu perguntei a ela.

“Bem, olá para você também. Ela empurrou os óculos de sol para o topo de sua cabeça.” Eles foram velejar.

“Por que você não quis ir com eles?”

“Eu fico enjoada.” Taylor me olhou. “Eu preciso falar com você.” Cautelosamente, eu olhei para trás. “Sobre o quê?” Ela apontou para a cadeira ao lado dela. “Vem sentar-se em primeiro lugar.”

Eu sentei.

“O que você disse a Belly ontem à noite?”

Evitando os meus olhos, eu disse: “O que ela te disse?”

“Nada. Mas posso dizer que algo está errado. Eu sei que ela estava chorando ontem à noite. Seus olhos estavam completamente inchados, esta manhã. Eu estaria disposta a apostar dinheiro que ela estava chorando por causa de você. Novamente. Que legal, Conrad.”

Eu podia sentir meu peito apertar. “Não é da sua conta.” Taylor olhou para mim. “Belly é a minha mais antiga amiga do mundo. É

claro que é o meu negócio. Estou avisando, Conrad. Deixe-a sozinha. Você está a confundindo. Mais uma vez.”

Comecei a levantar-me. “Nós já acabamos?”

“Não.” Sente sua bunda de volta.

Sentei-me novamente.

“Você tem alguma ideia de quão mal você a machucará, uma e outra vez?”

Você a trata como um brinquedo que você acabou de pegar e jogar sempre que você sente vontade. Você é como um menino. Alguém tomou o que era seu, e você não gosta nem um pouco, então você apanha para si e melega em cima de tudo, só porque você pode.”

Eu exalado. “Isso não é o que estou tentando fazer.” Ela mordeu o lábio. “Belly me disse que uma parte dela sempre vai te amar. Você ainda está tentando me dizer que você não se importa?” *Ela disse isso?* “Eu nunca disse que eu não me importo.”

“Você é provavelmente a única pessoa que poderia impedi-la de acabar com este casamento. Mas é melhor você ter a maldita certeza que você ainda quer, porque se você não quer, você está apenas ferrando suas vidas sem nenhum motivo.” Ela colocou os óculos escuros novamente. “Não ferre a vida da minha melhor amiga, Conrad. Não seja um bastardo egoísta, como de costume. Seja o mocinho, que ela diz que você é. Deixe-a ir.” Seja o mocinho, que ela diz que você é.

Eu pensei que eu poderia fazê-lo, lutar por ela até o fim, e não pensar em mais ninguém. Basta pegar sua mão e correr. Mas se eu fizesse isso, não estaria provando errado a Belly? Eu não era um bom rapaz. Eu seria um bastardo egoísta, assim como Taylor disse. Mas eu gostaria de ter Belly ao meu lado.

Capítulo Cinquenta

Naquela noite, todos nós jantamos em um restaurante bastante novo na cidade de meus pais, o Sr. Fisher, todos nós, as crianças. Eu não estava com fome, mas eu pedi um rolo de lagosta e eu comi, e todas as frituras, porque meu pai estava pagando. Ele insistiu.

Meu pai, que usava a mesma camisa branca com listras cinza para cada ocasião "chique". Ele estava usando naquela noite, sentado ao lado de minha mãe, ela numa vestido azul marinho, e meu coração se encheu de amor cada vez que eu olhava para os dois.

E havia Taylor, fingindo estar interessada no que meu pai falava sobre o sistema nervoso de uma lagosta. Sentado ao lado de Anika, que realmente parecia olhar interessada. Ao lado de Anika estava o meu irmão, que estava revirando os olhos.

Conrad sentou-se na extremidade da mesa, com os amigos de Jere. Eu fiz um esforço consciente para não olhar em sua direção, apenas para manter o foco no meu prato, em Jeremias ao meu lado. Eu não precisava me preocupar, pois Conrad não estava olhando para mim. Ele estava conversando com os caras, com Steven e minha mãe. Com todos, menos eu. Isto é o que você queria, eu me lembrei. Você disse a ele para deixá-la sozinha. Você pediu por isso.

Você não pode ter as duas coisas.

“Você está bem?” Jeremias sussurrou.

Ergui a cabeça e sorri para ele. “Sim! Claro. Estou cheia.” Jeremias tomou uma das minhas batatas fritas e disse: “Poupe espaço para a sobremesa.”

Eu balancei a cabeça. Então, ele se inclinou e me beijou, e eu o beijei de volta. Depois, eu vi seus olhos piscando para o final da mesa, tão rápido que eu poderia ter imaginado.

Capítulo Cinquenta e Um

Conrad

Eu senti como se estivesse saindo da minha mente naquela noite.

Sentado ali na mesa com todos, comemorando quando meu pai fez um brinde, tentando não prestar atenção em Jere quando a beijou na frente de todos nós.

Após o jantar ter acabado, Jere e Belly e todos os seus amigos foram para o calçadão para tomar sorvete. Meu pai e o pai de Belly foram para seu hotel. Era apenas Laure e eu, de volta para a casa. Eu estava no meu caminho para o meu quarto, mas Laurel me parou e disse: “Ei, vamos tomar uma cerveja, Connie. Eu acho que nós merecemos, não é?” Nós nos sentamos na mesa da cozinha com as nossas cervejas. Ela tocou minha garrafa e disse: “Ao... que devemos brindar?”

“O que mais? Para o casal feliz.”

Sem olhar para mim, Laurel disse, “Como você está?”

“Bem”, eu disse. “Ótimo”.

“Vamos lá. É Laurel quem está falando. Diga-me. Como você está se sentindo?”

“Honestamente?” Eu bebi minha cerveja. “Isso está me matando”.

Laurel olhou para mim, seu rosto suave. “Sinto muito. Eu sei que você a ama muito, garoto. Isso deve ser muito difícil para você.” Eu podia sentir minha garganta começar a fechar-se. Eu tentei limpá-la, sem sucesso. Eu podia sentir isso chegando em meu peito, por trás dos meus olhos. Eu ia chorar na sua frente.

Foi o jeito que ela disse isso, foi como se a minha mãe estivesse ali, sabendo, sem ter que dizer a ela.

Laurel pegou minha mão e apertou-a entre as suas. Tentei puxá-la, mas ela segurou mais apertado. “Nós vamos passar por isso amanhã, eu prometo.

Vai ser eu e você, criança”. Apertando a minha mão, disse “Deus, eu sinto falta da sua mãe”.

“Eu também”.

“Nós realmente precisamos dela agora, não é?”

Baixei a cabeça e comecei a chorar.

Capítulo Cinquenta e Dois

Eu queria dormir no quarto de Jeremias naquela noite, mas quando eu comecei a segui-lo no andar de cima, Taylor sacudiu o dedo para mim. “Uh-uh.

Traz má sorte”.

Então, eu tinha ido para o meu quarto, e ele tinha ido para o seu.

Era muito quente. Eu não conseguia dormir. Eu poderia chutar as cobertas e virar meu travesseiro para refrescar, mas não ajudaria. Fiquei olhando para o despertador. Uma hora, duas horas.

Quando eu não aguentava mais, eu joguei fora meus lençóis e coloquei meu maiô. Eu não acendi as luzes, eu só encontrei meu caminho para baixo na escuridão.

O luar era suficiente para me guiar. Todo mundo estava dormindo.

Eu fiz o meu caminho para fora, até a piscina. Eu mergulhei, prendi a respiração por tanto tempo quanto eu poderia. Eu já podia sentir meus ossos começando a relaxar. Quando eu voltei para buscar o ar, eu flutuei de costas e olhei para o céu. As estrelas estavam brilhando. Eu amei como era silencioso, como era quieto. A única coisa que eu podia ouvir era o mar batendo contra a areia.

Amanhã eu me tornaria Isabel Fisher. Foi o que eu sempre quis, o sonho da minha infância. E eu o tinha destruído. Ou em vez disso, estava prestes a destruí-lo. Eu tive que dizer a verdade. Eu não podia casar-me com Jeremiah amanhã assim, não com um segredo tão grande entre nós.

Saí da piscina, coloquei a toalha em torno de mim, e fui para dentro da casa, até o quarto de Jeremias. Ele estava dormindo, mas eu balancei-o acordando. “Eu preciso falar com você”, eu disse.

A água do meu cabelo pingou sobre seu travesseiro, em seu rosto.

Grogue, disse ele, “Não traz má sorte?”

“Eu não me importo”.

Jeremias sentou-se, enxugando suas bochechas. “O que está acontecendo?”

“Vamos conversar lá fora”, disse.

Fomos até a varanda e sentei-me em uma espreguiçadeira.

Sem preâmbulos, eu disse, calmamente: “Ontem à noite, Conrad me disse que ainda tem sentimentos por mim”.

Eu podia sentir o corpo de Jeremias ficar rígido ao meu lado. Eu esperei que ele falasse, e quando ele não fez, eu continuei.

“É claro que eu lhe disse que não me sentia da mesma maneira. Eu queria dizer a você mais cedo, mas então eu pensei que seria um erro, que eu devia guardar para mim mesma.”

“Eu vou matá-lo”, disse ele, e ouvi aquelas palavras que saíam de sua boca me chocando. Ele se levantou.

Tentei puxá-lo de volta ao meu lado, mas ele resistiu. Eu implorei, “Jere, não. Não. Por favor, apenas sente aqui e converse comigo”.

“Por que você está o protegendo?”

“Eu, eu não. Eu não estou”.

Ele olhou para mim. “Você está se casando para esquecê-lo?”

“Não”, eu disse, e saiu mais como um suspiro. “Não”.

“A coisa é, Bells, eu não acredito em você”, disse Jeremias, e sua voz era estranhamente plana. “Eu vejo a maneira como você olha para ele. Eu não acho que você já olhou para mim assim. Nem sequer uma vez”.

Levantei-me e agarrei suas mãos desesperadamente, mas ele se afastou.

Eu estava respirando com dificuldade, quando disse: “Isso não é verdade, Jere.

Não é verdade. O que eu sinto por ele são lembranças. É isso aí. Não tem nada a ver conosco. Tudo o que está no passado. Não podemos esquecer o passado e fazer o nosso próprio futuro? Apenas nós dois? “Calmamente, disse: “É o passado? Eu sei que você o viu durante o Natal.

Eu sei que vocês estavam juntos aqui”.

Eu abri minha boca, mas as palavras não saíam.

“Diga alguma coisa. Vá em frente, tente negar”.

“Não aconteceu nada entre nós, Jere. Eu juro a você. Eu nem sabia que ele ia estar aqui. A única razão pela qual eu não lhe disse foi...” O que foi? Por que eu não disse a ele? Por que eu não poderia pensar em uma razão? “Eu não quero que você fique chateado com nada”.

“Se fosse nada, você teria me contado sobre isso. Em vez disso, manteve um segredo. Depois de todas as coisas que você me disse sobre a confiança, que você manteve para si mesma. Senti-me como um merda pelo que eu fiz com o Lacie, e você e eu não estávamos mesmo juntos quando isso aconteceu”.

Eu me senti mal por dentro. “Há quanto tempo você sabe?”

“Será que isso importa?” Ele retrucou.

“Sim, para mim isso importa”.

Jeremias começou a se afastar de mim. “Eu sei desde que isso aconteceu. Conrad mencionou que ele a viu, ele pensou que eu já sabia. Então é claro que eu tive que fingir que sabia. Você sabe como eu me senti estúpido.”

“Eu posso imaginar”, eu sussurrei.

“Por que você não disse alguma coisa?” Eu perguntei a ele. “Estávamos apenas cinco ou seis metros de distância um do outro, mas parecia milhas.

Eram seus olhos. Eles eram tão distantes”.

“Eu estava esperando por você para me dizer. E você nunca fez”.

“Sinto muito. Sinto muito. Eu deveria ter lhe contado. Eu estava errada.

Foi estúpido.” Meu coração estava batendo muito rápido. “Eu te amo. Vamos nos casar amanhã. Eu e você, certo?”

Quando ele não me respondeu, perguntei de novo. “Não vamos?”

“Eu tenho que sair daqui”, disse ele, por fim. „Eu preciso pensar”.

“Posso ir com você?”

Desta vez a resposta veio rapidamente, e foi devastador. “Não”, disse ele.

Ele saiu, e eu não tentei segui-lo. Eu só afundei os passos. Eu não conseguia sentir minhas pernas. Eu não conseguia sentir meu corpo.

Estava acontecendo? Isto era real? Não parecia real.

Capítulo Cinquenta e Três

Em algum lugar lá fora, um pintassilgo estava cantando. Meu pai tentou me ensinar tipos diferentes de canto de pássaros, mas eu não podia lembrar ao certa.

O céu estava cinza. Não estava chovendo ainda, mas qualquer minuto agora, iria cair a chuva. Era como qualquer outra manhã em Cousins Beach.

Exceto que não era porque eu iria me casar.

Eu estava plenamente certa que eu ia me casar. O único problema era, eu não tinha ideia de onde o Jeremiah tinha ido ou se ele algum dia iria voltar.

Eu estava sentada de frente pro espelho com moldura cor-de-rosa no meu guarda-roupa, tentando cachear meu cabelo. Taylor estava no salão de beleza, e ela tentou me convencer de fazer o meu cabelo lá também, mas eu disse que não. A única vez que eu fiz meu cabelo, eu odiei a maneira como ele ficou, como se eu fosse um candidata à miss, duro e alto. Eu pensei que de todos os dias, hoje eu deveria parecer comigo.

Houve uma batida na porta.

“Entre” Eu disse, tentando fixar um cacho que já estava ficando liso.

A porta abriu. Era minha mãe. Ela já estava vestida. Ela estava usando um blazer com uma calça lisa e estava carregando um envelope amarelo limão.

Eu reconheci de primeira. Eram as coisas de papelaria de Susannah. Era tão ela. Eu esperava que eu fosse digna dele. Me magoava pensa que eu decepcionei ela desse jeito. O que ela diria se ela soubesse?

Minha mãe fechou a porta atrás dela “Você precisa de ajuda?” Ela perguntou.

Eu entreguei o baby-liss pra ela. Ela colocou a carta na minha penteadeira. Ela ficou atrás de mim, partindo meu cabelo em três. “A Taylor fez sua maquiagem? Está ótima.”

“Sim, ela fez. Obrigada. Você também está muito bonita.”

“Eu não estou pronta pra isso” Ela disse.

Eu olhei pra ele pelo espelho, enrolando meu cabelo no baby-liss, com a cabeça abaixada. Minha mãe era linda pra mim naquele momento.

Ela colocou suas mãos no meu ombro e olhou pra mim pelo espelho.

“Isso não é o que eu queria pra você, mas eu estou aqui. Esse é o dia do seu casamento. Minha única filha.”

Eu levei minha mão até meu ombro e peguei a mão dela. Ela apertou minha mão tão forte, tão forte que doía. Eu queria confiar nela, confessar que tudo era uma confusão, que eu não sabia sequer onde o Jeremiah estava ou se nós iríamos mesmo nos casar. Mas foi tão difícil trazer ela aqui, e se eu levantasse qualquer dúvida agora, isso seria mais do que suficiente pra ela colocar um fim nisso. Ela iria me colocar sobre os seus ombros e me levaria pra longe desse casamento todo.

Então tudo que saiu foi “Obrigado, mamãe.”

“De nada, disponha” Ela disse. Ela olhou pra fora da minha janela. “Você acha que o tempo vai aguentar? Que a chuva não vai cair?”

“Eu não sei. Eu espero.”

“Bem, se a chuva ficar séria, nós colocaremos o casamento pra dentro da casa. Sem grande problemas.” Ela me entregou a carta. “Susannah queria que você tivesse isso no dia do seu casamento.”

Minha mãe me beijou no topo da minha cabeça e saiu do quarto. Eu peguei a carta, passei meus dedos no meu nome escrito na letra cursiva e suave de Susannah e então coloquei de volta na penteadeira. Ainda não.

Houve uma batida na porta. “Quem é?” Eu perguntei.

“Steven.”

“Entra.”

A porta abriu e Steven entrou, fechando a porta a passar. Ele estava usando uma camisa branca formal e um short caqui, todos os padrinhos estavam

“Hey” ele disse sentando na minha cama “Seu cabelo tá legal”

“Ele voltou?”

Steven hesitou.

“Apenas me diga, Steven”

“Não, ele não voltou. Conrad saiu pra tentar encontrar ele. Ele acha que sabe onde Jere foi”

Eu soltei minha respiração. Eu estava aliviada, mas ao mesmo tempo –

o que Jeremiah faria quando ele olhasse o Conrad? E se isso só fizesse as coisas ainda piores?

“Ele vai ligar assim que ele achar ele.”

Eu assenti, e então peguei o baby-liss novamente.

Meus dedos tremiam, e eu tinha que manter minha mão parada para que não queimasse minha bochecha.

“Você falou algo pra mamãe?” Steven perguntou.

“Não, eu não falei pra ninguém. Até agora não há nada pra contar.” Eu enrolei outro pedaço de cabelo no baby-liss. “Ele vai estar aqui. Eu sei que ele vai.” E eu quase acreditava.

“Sim” Steven disse. “Sim, eu tenho certeza que você tá certa. Você quer que eu fique com você?”

Eu neguei com a cabeça. “Eu preciso ficar pronta,”

“Tem certeza?”

“Sim. Apenas me deixe saber assim que você souber de algo” Steven levantou

“Eu vou.” Então ele veio até mim e apertou meu ombro desajeitadamente “Tudo vai dar certo, Belly.”

“Sim, eu sei que vai. Não se preocupe comigo. Apenas ache o Jere.” Na hora que ele saiu, eu coloquei o baby-liss no balcão. Minhas mãos estavam tremendo. Eu provavelmente iria me queimar se eu não parasse um pouco. Meu cabelo já estava cacheado demais, de qualquer maneira.

Ele ia voltar. Ele ia voltar. Eu sabia que ele ia. E então, porque não havia nada pra fazer eu coloquei meu vestido de casamento. Eu estava sentada na janela, olhando meu pai colocar as luzes da natal na varanda, quando Taylor entrou no quarto.

Ela estava usando um penteado, que parecia bem apertado. Ela estava carregando uma sacola de papel marrom e um café gelado. “Okay, então, eu trouxe o almoço, Anika tá ajudando a sua mãe a arrumar as mesas, e esse clima não tá ajudando em nada no meu cabelo.” Então ela disse “Por que você já está com seu vestido? Ainda falta muito pra hora do casamento. Tira rápido.

Vai ficar todo amassado”

Quando eu não respondi ela, ela perguntou, “O que aconteceu?” “Jeremiah não está aqui,” Eu disse

“Bem, claro que ele não está aqui, bobinha. Dá azar ver a noiva antes da cerimônia.”

“Ele não está na casa. Ele foi embora ontem, e ele não voltou.” Minha voz surpreendentemente calma. “Eu contei tudo pra ele” Os olhos deles se arregalaram. “O que você quer dizer com contou tudo?”

“No outro dia, Conrad me disse que ele ainda sentia algo por mim. E

noite passada, eu contei ao Jeremiah.” Eu soltei a respiração mas parecia mais um suspiro. Esses últimos dias pareciam semanas. Eu não sabia quando ou como tudo tinha acontecido. Como as coisas ficaram tão confusas. Estava confuso na minha mente, no meu coração.

“Ai meu deus” Taylor disse, cobrindo a boca com as mãos. Ela afundou na cama “O que nós vamos fazer?”

“Conrad foi atrás dele.” Eu estava olhando pra fora da janela de novo.

Meu pai tinha finalizado com a varanda e agora ele foi para os arbustos. Eu me afastei da janela e comecei a tirar meu vestido.

Assustada, ela disse, “O que você está fazendo?”

“Você disse que ia ficar amassado, lembra?” Eu saí de dentro do vestido, e caiu no chão, como se um puff branco. E então eu peguei o vestido do chão e coloquei em um cabide.

Taylor colocou meu roupão sobre meus ombros, então ela me virou e amarrou o cinto pra mim, como se eu fosse uma criança “Vai ficar tudo bem, Belly”

Alguém bateu na porta, e os olhos de nós duas voaram pra porta. “É

Steven” meu irmão disse, abrindo a porta.

Ele entrou e fechou a porta atrás dele “Conrad trouxe ele de volta.

Eu afundei no chão e soltei uma rajada de ar “Ele voltou,” Eu repeti.

Steven disse “Ele está tomando banho, e então ele vai estar vestido e pronto. Pronto pra ir casar, eu digo. Não ir embora de novo.” Taylor se ajoelhou do meu lado. De joelhos, ela pegou minhas mãos e entrelaçou meus dedos com os dela.

“Sua mão tá fria,” ela disse, esquentando com a outra mão. Então ela disse “Você ainda quer fazer isso? Você não precisa fazer se você não quiser” Eu fechei meus olhos. Eu estive tão assustada de que ele não fosse voltar. Agora que ele está aqui, todo o medo e pânico estão subindo para a superfície.

Steven sentou do meu lado e de Taylor no chão. Ele colocou seus braços ao meu redor, e ele disse “Belly. Aceite isso da maneira que você quer aceitar. Eu tenho seis palavras pra você. Você tá pronta?” Eu abri meus olhos e assenti.

Bem solenemente Steven disse “Jogue Grande ou Vá Pra Casa”

“O que diabos isso significa, Steven?” Taylor falou.

Uma risada escapou do fundo do meu peito. “Jogar grande ou ir pra casa? Joga grande ou ir pra casa!” Eu estava rindo tanto, que as lágrimas desciam nas minhas bochechas.

Taylor pulou “Sua maquiagem!”

Ela pegou a caixa de lenços na penteadeira e limpou meu rosto delicadamente. Eu ainda estava rindo.

“Pode parar com isso, Conklin” Taylor disse, fazendo uma cara feia para o meu irmão. A flor no cabelo dela estava torta. Ela tinha razão: a humidade não estava ajudando em nada.

Steven disse “Ooh, ela tá bem. Ela só está morrendo de rir, certo, Belly?”

“Jogue grande ou vá pra casa” Eu repeti, rindo.

“Eu acho que ela tá histérica ou algo do tipo. Eu devia bater nela?” Taylor perguntou pro meu irmão.

“Não, eu faço isso.”, ele disse, avançando pra mim.

Eu parei de rir. Eu não estava histérica. Ou talvez eu estivesse, um pouquinho. “Eu estou bem, gente! Ninguém vai me bater. Jesus.” Eu levantei.

“Que horas são?”

Steven puxou o telefone dele pra fora do bolso. “São duas horas. Nós ainda temos algumas horas antes das pessoas chegarem.” Respirando fundo, eu disse, “Okay. Steven, você pode ir falar pra mamãe que eu acho que nós devíamos mover o casamento pra dentro? Se nós colocarmos os sofás nos cantos, nós provavelmente conseguiremos colocar algumas mesas na sala de estar”

“Eu vou colocar os caras nessa função”, ele disse.

“Obrigada, Stevie. E Taylor, você poderia...”

Esperançosa, ela perguntou, “Ficar e ajeitar sua maquiagem?”

“Não. Eu ia perguntar se você pode sair. Eu preciso pensar.” Trocando olhares, os dois saíram do meu quarto e eu fechei a porta atrás dele.

Na hora que eu olhasse ele, tudo faria sentido de novo. Tinha que fazer.

Capítulo Cinquenta e Quatro

Conrad

Eu acordei na manhã seguinte com Steven sacudindo minha cama.

“Você viu o Jere?” Ele demandou.

“Eu estava dormindo.” Eu murmurei, meus olhos ainda fechados. “Como eu poderia ter visto ele?”

Steven parou de balançar a cama e sentou na ponta. “Ele se foi, cara.

Eu não consigo encontrar ele em lugar nenhum e ele deixou o celular. O que diabos aconteceu na noite passada?”

Eu sentei. Belly teve ter contado pra ele. Merda.

“Eu não sei.” Eu disse, coçando os olhos.

“O que nós vamos fazer?”

Isso era tudo minha culpa.

Eu saio da cama e digo “Vai lá e se veste. Eu vou atrás dele. Não fale nada pra Belly.”

Parecendo aliviado, ele disse, “Parece bom. Mas a Belly não devia saber? Nós não temos muito tempo até o casamento. Eu não quero que ela se arrume e tudo mais se ele não vem.”

“Se eu não voltar em uma hora, você pode contar pra ela então.” Eu tirei minha camiseta, e coloquei a camisa branca que Jere tinha feito todos nós comprarmos.

“Aonde você vai?” Steven me perguntou “Talvez eu devesse ir com você”

“Não, você fica aqui e cuida dela. Eu vou atrás dele.”

“Então você sabe onde ele tá?”

“Sim, eu acho que sei” Eu disse. Eu não fazia ideia de onde aquele bastardo tava. Eu só sabia que eu precisava consertar isso.

Na minha saída, Laurel me parou e disse “Você viu o Jere? Eu preciso dar algo pra ele.”

“Ele saiu pra pegar algo pro casamento,” Eu disse. “Eu estou indo encontrar ele agora. Eu dou pra ele.”

Ela me entregou um envelope. Eu reconheci o papel na hora. Ela da minha mãe. O nome do Jere

estava escrito com a letra dela. Sorrindo, Laurel disse, “Você sabe, eu acho que será ainda mais amável desse jeito, vindo de você. Beck iria gostar disso, você não acha?”

De maneira alguma que eu iria voltar sem o Jere.

Na hora que eu saí da casa, eu peguei meu carro e saí de lá.

Eu fui na orla primeiro, depois no parque do skate que nós costumávamos ir quando éramos crianças, depois na academia, então numa lanchonete na saída da cidade. Ele gostava de milkshakes de morango. Mas ele não estava lá. Eu dirigi pelo estacionamento do shopping. Nenhum carro, Nenhum Jere. Eu não consegui encontra-lo em lugar nenhum, e minha hora já estava chegando.

Eu ferrei tudo. Steven ia contar pra Belly, e então isso ia ser uma grande, épica vez em que eu ferrei a vida dela. E se Jere tivesse ido embora de Cousins de vez? Ele iria pra Boston, até onde eu sabia.

Teria sido maravilhoso se eu tivesse alguma dica, algum sinal de onde ele poderia estar, levando em consideração que nós somos irmãos. Mas tudo que eu podia fazer era uma lista de todos os lugares que nós fomos. Onde o Jeremiah ia quando ele estava triste? Ele iria pra minha mãe. Mas o tumulto dela não estava aqui, estava em Boston.

Em Cousins, ela estava em todos os lugares. Então veio pra mim – o jardim. Talvez Jere tenha ido pros Jardins. Era uma tentativa válida. Eu liguei Steven pra no caminho pra lá. “Eu acho que sei onde ele está. Não fale nada pra Belly ainda.”

“Tudo bem. Mas se eu não ouvi notícias em meia hora, eu vou contar pra ela. De qualquer maneira, eu vou dar uma surra nele por isso.” Quando nós desligamos eu parei no estacionamento do abrigo para mulheres. Eu vi o carro dele na mesma hora. Eu senti uma mistura de alívio e pavor.

Jere estava sentando em um banco no jardim, com a cabeça nas mãos.

Ele ainda estava usando as roupas da noite antes. Sua cabeça levantou quando ele me ouviu chegando.

“Eu estou te avisando, cara. Não chega mais perto.” Eu continuei andando. Quando eu estava de frente pra ele, eu disse,

“Volte pra casa comigo”

Ele olhou pra mim “Vai se fuder.”

“Você vai se casar em algumas horas. Nós não temos tempo pra isso agora. Apenas me bata. Vai fazer você se sentir melhor.” Eu tentei pegar o braço dele, mas ele me descartou.

“Não, vai fazer você se sentir melhor. Você não merece se sentir melhor.

Mas depois da merda que você falou, eu deveria te bater até sangrar.”

“Então faça” Eu disse “E então deixe pra lá. Belly está esperando por você. Não faça ela esperar no dia do casamento dela.”

“Cala boca!” ele gritou, respirando pesado. “Você não pode vir falar dela pra mim.”

“Vamos lá, cara. Por favor. Eu tô implorando.”

“Por quê? Porque você ainda ama ela, certo?” Ele não esperou eu responder. “O que eu quero saber é, se você ainda sente algo por ele, por que você disse pra mim que eu podia ficar com ele, hein? Eu fiz a coisa certa. Eu não fui pelas suas costas. Eu te perguntei, diretamente. Você me disse que você tinha superado ela.”

“Você não estava realmente pedindo minha autorização quando eu peguei você beijando ela no seu carro. Sim, eu ainda te disse pra ir atrás dela, porque eu confiava em você pra cuidar dela e tratar ela bem. Então você vai e trai ela em Cabo durante as férias de primavera. Então talvez eu que devia estar perguntando se você ama ela ou não.”

Na hora que a última palavra saiu, o punho de Jere estava pegando no meu rosto, com força. Era como se eu estivesse sendo atingido por uma onda de 10 metros – tudo que eu podia ouvir era os sinos nos meus ouvidos. Eu dei um passo pra trás.

“Deus”, eu engasguei. “Nós podemos sair daqui agora?” Ele me deu outro murro. Dessa vez eu caí no chão.

“Cala a boca!” ele gritou. “Não fale comigo sobre quem ama Belly mais.

Eu sempre amei ela. Você não. Você tratava ela como lixo. Você largou ela tantas vezes, cara. Você é um covarde. Até agora, você não consegue admitir na minha cara.

Respirando com dificuldade, eu senti um gosto de sangue na minha boca e disse “Tudo bem. Eu amo. Eu admito. Às vezes – as vezes eu acho que ela é a única garota que eu poderia ficar. Mas Jere, ela escolheu você. É

com você que ela quer casar. Não comigo.”

Eu peguei o envelope de dentro do meu bolso, levantei e bati no peito dele com o envelope. “Leia isso. É pra você, da mamãe. Pelo dia do seu casamento.”

Engolindo, ele abriu o envelope. Eu olhei enquanto ele lia, esperando, sabendo, que minha mãe teria as palavras certas. Ela sempre sabia o que dizer para o Jeremiah.

Jere começou a chorar enquanto ele lia, e eu virei meu rosto pro outro lado.

“Eu vou voltar.” Ele disse finalmente. “Mas não com você. Você não é mais meu irmão. Você está morto pra mim. Eu não quero você no meu casamento. Eu não quero você na minha vida. Eu quero que você vá embora.”

“Jere...”

“Eu espero que você tenha dito tudo que você precisava dizer pra ela.

Porque depois disso, você nunca mais vai vê-la. Ou a mim. Está acabado.

Você e eu estamos acabados.”

“Isso é seu, não meu.”

Então ele se foi.

Eu sentei no banco e abri o papel. Ele dizia, Querido Conrad.

E então eu comecei a chorar também.

Capítulo Cinquenta e Cinco

Do lado de fora da minha janela, eu via um grupo de crianças, crianças com garfos e pás de plástico, procurando por caranguejos.

Jere e eu costumávamos fazer isso. Houve uma vez, eu acho que eu tinha oito anos, o que significa que Jeremiah devia ter nove. Nós passamos a tarde inteira procurando por caranguejos, e até quando Conrad e Steven vieram procurar por ele, ele não foi embora. Eles falaram “Nós vamos andar de bicicleta até a cidade, e alugar uns videogames, e se você não for com a gente, você não vai jogar.”

“Você pode ir se quiser.” Eu disse, me sentindo mal porque eu sabia que ele iria escolher ir com os meninos. Quem iria ficar procurando caranguejos velhos no lugar de um novo jogo de videogame?

Ele hesitou, e então disse “Eu não me importo” E então ele ficou.

Eu me senti culpada, mas também triunfante, porque Jeremiah tinha me escolhido. Era bom ser escolhido no lugar de outra pessoa.

Nós brincamos lá fora até que anoiteceu. Nós pegamos caranguejos e colocamos em um copo plástico e depois libertávamos eles.

Aquela noite, Conrad e Steven jogaram o novo jogo.

Jeremiah assistiu eles. Ele não perguntou se ele podia jogar, e eu podia ver o quanto que ele queria.

Na minha memória, ele sempre seria de ouro.

Alguém bateu na porta. “Taylor, eu preciso de um momento sozinha” Eu disse, virando.

Não era Taylor. Era o Conrad. Ele parecia desgastado, exausto. A camisa branca dele estava amassada. Assim como sua bermuda. Quando eu olhei perto, eu vi que seus olhos estavam vermelhos, e eu podia ver um machucado se formando na sua bochecha.

Eu corri pra ele “O que aconteceu? Vocês dois entraram numa briga?” Ele balançou a cabeça

“Você não devia estar aqui.” Eu disse, me afastando. “Jeremiah está subindo em qualquer minuto.”

“Eu sei, eu só preciso falar algo pra você.”

Eu voltei para janela, virando as costas pra ele. “Você já disse o suficiente. Apenas vá.”

Eu ouvi ele pegando na maçaneta, e então eu ouvi ele fechar a porta de novo. Eu pensei que ele

tinha ido, até que eu ouvi ele dizendo “Você lembra do infinito?”

Devagar, eu virei pra ele. “O que tem?”

Jogando algo pra mim, ele disse, “Segura.”

Eu busquei e peguei ainda no ar. Um colar prata. Eu segurei e examinei.

O colar do infinito. Não brilhava como costumava brilhar, parecia fosco agora.

Mas eu reconhecia. Claro que eu reconhecia.

“O que é isso?” Eu perguntei

“Você sabe o que é,” ele disse.

Eu encolhi os ombros. “Não sei, desculpe.”

Eu podia ver que ele estava tanto magoado quanto zangado. “Okay, então. Você não lembra. Eu vou lembrar você. Eu comprei esse colar pra você no seu aniversário.”

Meu aniversário.

Teria que ter sido meu aniversário de dezesesseis anos. Era o único aniversário que ele havia esquecido de me comprar um presente – naquele último verão nós estivemos todos reunidos na casa de praia, quando Susannah ainda estava viva. No ano seguinte, quando Conrad foi embora e eu e Jeremiah fomos atrás dele, eu encontrei o colar na sua mesa. E eu peguei, porque eu sabia que era meu. Ele tomou de volta depois. Eu nunca soube quando ele tinha comprado ou porque, eu só sabia que era meu.

Ouvindo ele dizer agora, que era meu presente de aniversário, me tocou no último lugar que eu queria que ele me tocasse. Meu coração.

Eu peguei a mão dele e coloquei o colar em sua palma. “Me desculpe.” Conrad me entregou o colar novamente. Gentilmente, ele disse,

“Pertence a você, sempre pertenceu. Eu tinha muito medo de dar pra você naquela época. Considere como um presente de aniversário adiantado. Ou um atrasado. Você pode fazer o que quiser com isso. Eu só – não posso guardar mais.”

Eu estava assentindo. Eu peguei o colar dele.

“Eu sinto muito por estragar tudo. Eu magoei você de novo, e eu sinto muito por isso. Eu sinto tanto. Eu não quero mais fazer isso. Então... eu não vou ficar pro casamento. Eu vou embora por agora. Eu não vou mais ver você, por um longo tempo. Provavelmente é pro melhor. Estar perto assim de você, machuca. E Jere” – Conrad limpou a garganta e deu um passo pra trás, criando

espaço entre nós - “é ele quem precisa de você”

Eu mordi meu lábio para impedir de cair nas lágrimas.

Com a voz rouca, ele disse, “Eu preciso que você saiba que não importa o que acontecer, tudo valeu a pena pra mim. Estar com você, amar você. Tudo valeu a pena.” Então ele disse, “Eu desejo o melhor pra vocês dois. Cuidem bem um do outro.”

Eu tive que lutar contra todo instinto em mim pedindo pra tocar ele, pra não tocar no machucado que surgia na sua bochecha esquerda. Conrad não queria que fizesse isso. Eu conhecia ele o suficiente pra saber disso.

Então ele se foi.

E naquele momento, naquele exato momento, eu pensei que eu talvez nunca mais fosse vê-lo outra vez... me pareceu pior que a morte. Eu queria ir atrás dele. Dizer qualquer coisa, tudo. Apenas não vá. Por favor, nunca vá. Por favor apenas fique perto de mim, pra que eu possa pelo menos ver você.

Porque me pareceu o fim. Eu sempre acreditei que nós encontraríamos o caminho um para o outro toda vez. Que não importasse o quanto, nós estaríamos conectados – pela nossa historia, por esta casa. Mas dessa vez, essa última vez, me pareceu o fim. Como se eu nunca fosse vê-lo de novo, ou que quando eu olhasse ele novamente, seria diferente, que haveria uma montanha entre a gente.

Eu sentia nos meus ossos. Dessa vez era isso. Eu finalmente fiz minha escolha e ele também. Ele me deixou ir. Eu estava aliviada, o que eu esperava.

O que eu não esperava era sentir tanta dor.

Adeus, adeus, Birdie.

Capítulo Cinquenta e Seis

Era dia dos namorados. Eu tinha dezesseis anos, e ele tinha dezoito.

Caiu numa quinta naquele ano, e Conrad tinha aula até as sete nas quintas, então eu sabia que nós não íamos sair em um encontro ou algo do tipo. Nós falamos sobre sairmos no sábado, talvez assistir um filme, mas nenhum de nós mencionou dia dos namorados. Ele não era um tipo de cara de flores e corações feito de doces. Sem grande problemas. Eu nunca fui esse tipo de garota também, não como Taylor era.

Na escola o clube do teatro estava entregando rosas na quarta aula. As pessoas compraram durante toda a semana na hora do almoço. Você podia enviar pra quem quisesse. No primeiro ano, nenhuma de nós tinha namorado, então eu e Taylor mandamos secretamente uma pra outra.

Nesse ano, o namorado dela, Davis, mandou doze flores vermelhas, e ele comprou uma headband²⁰ vermelha que ela estava de olho no shopping.

Ela usou aquele headband o dia inteiro.

Eu estava no meu quarto aquela noite, fazendo meu dever de casa, quando eu recebi uma mensagem de Conrad. Dizia, Olhe pela sua janela. Eu fui olhar, pensando que talvez estivesse passando um meteoro naquela noite.

Conrad sabia desse tipo de coisa.

Mas o que eu vi foi Conrad, acenando pra mim de uma manta do jardim.

Eu coloquei minha mão na minha boca e soltei um gritinho. Eu não podia acreditar. Então eu coloquei meus pés nos meus tênis, e coloquei meu casaco sob meu pijama de flanela, e desci as escadas tão rápido que eu quase tropecei. Eu dei um salto correndo pela varanda da frente e caindo nos seus braços.

“Eu não posso acreditar!”. Eu não podia parar de abraça-lo.

“Eu vim logo após a aula. Surpresa?”

“Muito surpresa! Eu não pensei que você sequer sabia que era dia dos namorados.”

²⁰ Acessório para usar na cabeça.

Ele riu “Fala sério,” ele disse, me levantou pelos ombros até a manta.

Tinha uma garrafa térmica e uma caixa de Twinkies.

“Deite,” Conrad disse, esticando as suas pernas no cobertor “É uma lua cheia.”

Então eu deitei do lado dele, e olhei para o céu escuro e para aquela lua brilhante, e eu estremei. Não porque estava frio, mas porque eu estava feliz.

Ele me embrulhou com a ponta do cobertor. “Muito frio?” Ele perguntou, parecendo preocupado.

Eu balancei minha cabeça, negando.

Conrad abriu a garrafa térmica e colocou um pouco de líquido na tampa.

Ele passou pra mim e disse “Não está tão quente assim, mas ainda vai ajudar.” Eu levantei e tomei. Era chocolate. Quente.

“Está gelado?” Conrad perguntou.

“Não, está ótimo.” Eu disse.

Nós dois deitamos de costas e olhamos para o céu juntos. Tantas estrelas. Estava congelando, mas eu não me importava. Conrad pegou minha mão, e ele costumava apontar as constelações e juntas os pontos. Ele me contou as histórias por trás de Orion e Cassiopeia. Eu não tinha coragem de dizer pra ele que eu já sabia, meu pai tinha me ensinado essas constelações quando eu era criança. Eu só amava assistir Conrad falando. Ele tinha a mesma maravilha em sua voz, a mesma reverência, que ele sempre tinha quando falava de natureza e ciência.

“Quer voltar pra dentro?” Ele perguntou, algum tempo depois. Ele esquentou minhas mãos com as mãos dele.

“Eu não vou embora até que nós vermos uma estrela cadente,” Eu respondi pra ele.

“Talvez a gente não veja”, Ele disse.

Eu me aconcheguei ao seu lado, feliz. “Está tudo bem se a gente não ver. Eu só quero tentar.”

Rindo, ele disse, “Você sabe que alguns astrônomos chamam elas de poeira interplanetária?”

“Poeira Interplanetária.” Eu repeti, gostando da sensação das palavras na minha boca “Parece uma banda.”

21 Bolo com recheio cremoso

Conrad soltou ar quente na minha mão, e então ele colocou no bolso de seu casaco “É, meio que parece.”

“Hoje à noite, é como – o céu está...” Eu procurei pela palavra perfeita pra demonstrar como me fazia sentir, como era lindo. “Deitar aqui, olhar pra estrelas assim, me faz sentir como se eu tivesse deitada sob um planeta. É tão grande. Tão infinito.”

“Eu sabia que você entenderia,” Ele disse.

Eu sorri. Seu rosto se aproximou do meu, e eu podia sentir o calor do seu corpo. Se eu virasse meu rosto, nós nos beijaríamos. Eu não virei, entretanto. Porque estar perto dele era suficiente.

“Às vezes eu acho que eu nunca vou confiar em outra garota da maneira que eu confio em você”, ele disse então.

Eu olhei pra ele, surpresa. Ele não estava olhando pra mim, ele ainda estava olhando pro céu, continuava focado.

Nós não vimos uma estrela cadente, mas não me importava nem um pouco. Antes que a noite acabasse, eu disse, “Esse é um dos meus momentos favoritos.”

Ele disse, “Meu também.”

Nós não sabíamos o que estava por vim para nós naquela época, nós éramos apenas dois adolescentes, olhando para o céu numa noite fria de fevereiro. Então não, ele não me deu flores ou doces. Ele me deu a lua e as estrelas. Infinito.

Capítulo Cinquenta e Sete

Ele bateu na minha porta uma vez. “Sou eu,” ele disse.

“Entre.” Eu estava sentada na cama. Eu estava vestida de novo no vestido. As pessoas iam chegar a qualquer momento.

Jeremiah abriu a porta. Ele estava com sua blusa branca e shorts caqui.

Ele ainda não havia feito a barba. Mas ele estava vestido e seu rosto sem marcas, sem arranhões. Eu levei isso como um bom sinal.

Ele sentou na cama do meu lado. “Não dá má sorte ver um ao outro antes do casamento?” ele perguntou.

Alivio me percorreu. “Então vai ter um casamento?”

“Bem, eu estou todo arrumado e você também.” Ele me beijou na bochecha. “Você está linda, por sinal.”

“Onde você foi?”

Incerto, ele disse, “Eu só precisava de um tempo pra pensar. Eu estou pronto agora.” Indo pra perto de mim, ele me beijou de novo, dessa vez nos lábios.

Eu me afastei. “Qual o problema com você?”

“Eu disse pra você, está tudo bem. Nós vamos nos casar, certo? Você ainda quer casar?” Ele disse animado, mas eu podia ouvir um traço na voz dele que eu nunca tinha ouvido antes.

“Nós não podemos conversar sobre o que aconteceu?”

“Eu não quero falar sobre isso.” Jeremiah falou. “Eu não quero sequer pensar sobre isso novamente.”

“Bem, eu quero falar sobre isso, eu preciso. Eu estou surtando, Jere.

Você simplesmente foi embora. Eu nem sabia se você ia voltar.”

“Eu estou aqui, não estou? Eu sempre estou aqui pra você.” Ele tentou me beijar de novo, mas dessa vez eu afastei ele.

Ele esfregou o queixo com força. Então ele se levantou e começou a andar ao redor da sala. “Eu quero tudo de você. Eu quero cada parte. Mas você ainda não está me dando tudo.”

“Sobre o que nós estamos falando agora?” Eu perguntei, minha voz aguda. “Sexo?”

“Isso é parte do problema. Mas é mais do que isso. Eu não tenho seu coração por inteiro. Seja honesta. Eu estou certo, não estou?”

“Não!”

“Como você acha que me faz sentir, saber que eu sou sua segunda escolha? Saber que sempre deveria ter sido você dois?”

“Você não é minha segunda escolha! Você é o meu primeiro!” Jeremiah abanou a cabeça.

“Não, eu nunca vou ser o primeiro. Esse sempre será Con.” Ele bateu a mão contra a parede.

“Eu pensei que eu poderia fazer isso, mas eu não posso.”

“Você não pode o que? Você não pode casar comigo?” Minha cabeça estava girando, e então eu comecei a falar, bem rápido “Okay, talvez você esteja certo. Está tudo muito louco agora. Nós não vamos nos casar hoje.

Vamos apenas nos mudar para aquele apartamento. O apartamento do Gary, o que você queria. Eu estou bem com isso. Nós podemos mudar no próximo semestre. Okay?”

Ele não disse nada, então eu disse de novo, dessa vez com mais pânico

“Okay, Jere?”

“Eu não posso. A não ser que você consiga me olhar agora – me olhar nos olhos e me dizer que você não ama mais o Con.”

“Jere, eu te amo.”

“Não é isso que eu tô perguntando. Eu sei que você me ama. O que eu estou perguntando, você ama ele também?”

Eu dizer não pra ele. Eu abri minha boca. Por que as palavras não saíam? Por que eu não podia falar o que ele precisava ouvir? Seria mais fácil apenas falar. Uma palavra e tudo isso iria embora. Ele queria perdoar e esquecer tudo. Eu podia ver em seu rosto: tudo que ele precisava era que eu falasse não. Ele ainda casaria comigo. Se eu apenas falasse a palavra. Uma palavra.

“Sim” Jere inalou bruscamente. Olhamos um para o outro por um longo momento, e então ele inclinou a cabeça.

Eu dei um passo, e preenchi o espaço entre nós. “Eu acho – eu acho que eu sempre vou ama-lo um pouco. Eu sempre vou te-lo em meu coração.

Mas não é ele que eu escolho. Eu escolho você, Jeremiah.” Toda a minha vida, eu nunca senti como se eu tivesse uma escolha quando se tratava de Conrad. Agora eu sabia que não era verdade. Eu havia feito a escolha. Eu escolhi ir embora, antes e agora. Eu escolhi Jeremiah. Eu

escolhi o garoto que nunca me abandonou.

Sua cabeça ainda estava abaixada. Eu queria que ele olhasse para mim, acreditar em mim mais uma vez.

Então, ele levantou a cabeça e disse: "Isso não é o suficiente. Eu não só quero uma parte de você. Eu quero tudo de você."

Meus olhos se encheram.

Ele foi até meu armário e pegou a carta de Susannah. "Você não leu a sua ainda."

"Eu nem sabia se você ia voltar!"

Ele passou seus dedos pelas bordas, olhando pro envelope. "Eu recebi uma também. Mas não era pra mim. Era pro Con. Minha mãe teve ter trocado os envelopes, na carta ela dizia – ela disse que ela só tinha visto ele apaixonado uma vez. Que tinha sido por você." Ele olhou pra mim. "Eu não serei o motivo que fará você não ir pra ele. Eu não serei sua desculpa. Você precisa descobrir sozinha, ou você nunca vai ser capaz de deixar ele ir."

"Eu já deixei," Eu sussurrei.

Jeremiah abanou sua cabeça. "Não, você não deixou. A pior parte é, eu sabia que você não tinha deixado e te pedi pra casar comigo. Então eu acho que sou parcialmente culpado, certo?"

"Não."

Ele agiu como se não tivesse escutado. "Ele vai desapontar você, porque é o que ele faz. É quem ele é."

Pelo resto da minha vida, eu iria lembrar aquelas palavras. Tudo que Jeremiah me disse naquele dia, no dia do nosso casamento, eu iria lembrar. Eu iria lembrar das palavras que Jeremiah disse e de seu rosto quando ele disse aquelas palavras. Com pena, e com amargura. Eu me odiei por ser quem fazia ele amargo, porque isso era uma coisa que ele nunca havia sido.

Eu busquei e coloquei minha mão em sua bochecha. Ele podia ter afastado minha mão pra longe, ele podia ter rejeitado o meu toque. Mas ele não o fez. Ele pequeno gesto me disse o que eu precisava saber – que o Jere ainda era o Jere e nada podia mudar isso.

"Eu ainda te amo," ele disse, e a maneira que ele disse, eu sabia que se eu quisesse que ele cassasse comigo, ele ainda casaria. Apesar de tudo que havia acontecido.

Há momentos na vida de toda garota que são maiores do que nós pensamos na época. Quando você olha pra tras, você diz, esse foi um dos momentos que mudou minha vida, bifurcação na estrada, esse tipo de momento e eu sequer vi chegando. Eu não fazia ideia.

E há aqueles momentos que você sabe que são grandes. Que não importa o que você faz depois, vai haver um impacto. Sua vida vai em uma das duas direções. Fazer ou Morrer.

Esse era um desses momentos. Algo grande. Eles não podem ficar maiores que isso.

Acabou não chovendo aquele dia. Os irmãos de fraternidade de Jeremiah e meu irmão de verdade colocaram as mesas e cadeiras e vasos pra dentro pra nada.

Outra coisa não aconteceu naquele dia: Jeremiah e eu não nos casamos. Não teria sido certo.

Não teria sido certos pra nós dois. Algumas vezes eu me perguntei se nós tínhamos nos apressado para nós casar, porque nós dois estávamos provar algo pros outros e até para nós mesmos. Mas então eu penso não, nós realmente amávamos um ao outro. Nós realmente tivemos as melhores das intenções. Aquilo, nós, apenas não era pra ser.

Alguns anos depois

Querida Belly.

Agora mesmo eu estou imaginando você hoje, no dia do seu casamento, parecendo radiante e encantadora, a noiva mais linda que há. Eu imagino você com uns trinta anos, uma mulher que teve muitas e muitas aventuras e romances. Eu imagino você casando com um homem sólido, firme e forte, um homem com olhos gentis. Eu tenho certeza que seu jovem senhor é completamente maravilhoso, até se ele não tiver o sobrenome Fisher! Ha.

Você sabe que eu não poderia amar mais você se você fosse minha própria filha. Minha Belly, minha menina especial.

Assistir você crescer foi uma das grandes alegrias da minha vida.

Minha garota que doía e ansiava por tantas coisas... um gatinho que você pudesse chamar Margaret, patins das cores do arco-íris, banho de espuma comestível. Um garoto que lhe beijasse do jeito que Rheett beijou Scarlett. Eu espero que você tenha encontrado ele, querida.

Seja feliz. Sejam bons um com o outro.

Todo o meu amor,

Sempre.

Susannah

22 Casal do filme O Vento Levou...

Oh, Susannah

Se pudesse nos ver agora.

Você está errada quanto algumas coisas. Eu ainda não tenho trinta.

Eu tenho vinte e três, quase vinte e quatro. Depois que Jeremiah e eu terminamos, ele voltou a viver na casa fraternidade, e eu acabei morando com Anika no final das contas.

No segundo ano da faculdade, eu estudei no exterior. Eu fui pra Espanha, onde eu tive muitas e muitas aventuras.

Na Espanha foi onde eu recebi a primeira carta dele. Cartas de verdade, escritas pela mão dele, não e-mails. Eu não escrevi de volta, não no começo, mas elas continuavam chegando, uma vez por mês, todos os meses. A primeira vez que eu vi ele de novo, foi no ano seguinte, na minha colação de grau. E eu apenas sabia.

Meu jovem senhor é gentil e bom e forte, exatamente como você disse.

Mas ele não me beija como Rhett beijava a Scarlett.

Ele me beija ainda melhor. E há uma outra coisa que você estava certa.

Ele certamente tem o último nome Fisher.

Eu estou usando o vestido que eu e minha mãe escolhemos juntas –

branco creme com mangas de renda e costa nua. Meu cabelo, meu cabelo que nós passamos tantas horas fazendo penteados, esta caindo para fora do coque lateral, e longos fios de cabelo estão voando ao redor do meu rosto enquanto corremos para o carro no meio da chuva.

Balões por todos os lugares, estou sem sapatos, descalça, segurando o paletó cinza dele sobre a minha cabeça.

Ele tem um salto alto-mas-não-tão-alto em cada mão.

Ele corre na minha frente e abre a porta do carro pra mim.

Nós estamos recém-casados.

“Você tem certeza?” Ele me pergunta

“Não” Eu digo, entrando. Todo mundo estará esperando a gente no salão de recepção. Nós não deveríamos deixa-los esperando. Mas novamente, não é como se eles pudessem começar sem a gente. Nós precisamos dançar a primeira dança. “Stay” por Maurice Williams and The Zodiacs.

Eu olho pra fora da janela, e lá está Jere do outro lado do gramado.

Ele esta com os braços ao redor da namorada dele, e nossos olhos se encontram.

Ele me dá um pequeno aceno. Eu aceno de volta e mando um beijo. Ele sorri e vira de volta para sua namorada.

Conrad abre a porta do carro e desliza pro banco do motorista. Sua camisa branca está encharcada entretanto – eu posso ver sua pele.

Ele está tremendo. Ele segura minhas mãos, prendendo meus dedos nos dele, e levando até os lábios. “Então vamos fazer isso. Nós dois estamos molhados já.”

Ele liga a ignição, e então nós vamos. Nós vamos para o mar. Nós seguramos as mãos o caminho todo. Quando nós chegamos lá, está vazio, então nós estacionamos na areia. Ainda está chovendo.

Eu saio de dentro do carro, segurando meu vestido e digo,

“Preparado?”

Ele enrola a barra da sua calça e então segura minha mão.

“Preparado.”

Nós corremos até a água, tropeçando na areia, gritando e rindo como duas crianças pequenas. No último segundo, ele me carrega como se ele estivesse passando por uma ponte

“Se você tentar brincar de me derrubar agora, você vai cair comigo” Eu aviso, meus braços fortemente ao redor de seu pescoço.

“Eu vou pra onde você for,” ele diz, jogando nós dois dentro da água.

Esse é o nosso começo. Esse é o momento que se torna real.

Nós estamos casados. Nós somos infinitos. Eu e Conrad. O primeiro garoto com quem eu dancei uma musica lenta, o primeiro garoto por quem chorei. O primeiro garoto que amei.